NEIL GAIMAN

CORALINE

ILUSTRADO POR
CHRIS RIDDELL

NEIL GAIMAN
CORALINE
ILUSTRADO POR
CHRIS RIDDELL
TRADUÇÃO
BRUNA BEBER
intrínseca

Comecei este livro pela Holly.
E terminei pela Maddy.

"Os contos de fadas são mais do que reais: não porque nos dizem que os dragões existem, mas porque dizem que eles podem ser derrotados."

— G. K. Chesterton

INTRODUÇÃO

Em 1987, nós nos mudamos para Littlemead, na cidadezinha de Nutley, no condado de Sussex, no sul da Inglaterra. Nosso apartamento era parte do que no passado fora uma casa grande, senhorial, construída para o médico do rei da Inglaterra, pelo que o proprietário da casa me contou (antes de vendê-la para engenheiros locais). Era uma mansão naquela época, mas depois foi transformada em vários apartamentos.

O apartamento Quatro, onde morávamos, era ótimo, mas um tanto esquisito. Acima de nós, havia uma família grega. Abaixo, uma velhinha meio cega que me telefonava todas as vezes que meus filhos pequenos se moviam dentro de casa, dizendo que não tinha certeza do que estava acontecendo no andar de cima, mas que muito provavelmente devia envolver elefantes. Eu nunca consegui descobrir quantos apartamentos havia ao todo, nem quantos deles estavam ocupados.

Nosso corredor era gigantesco. No final dele, havia uma porta de armário pendurada, que servia de espelho.

Quando comecei a escrever um livro para Holly, minha filha de cinco anos, ele se passava na casa. Pareceu fácil. Dessa forma eu não precisaria explicar para ela onde cada coisa estava. Alterei alguns elementos, como a posição do quarto da Holly e da sala de estar. Inseri uma porta de carvalho que se abria para uma parede de tijolos e uma atmosfera muito parecida com a da sala da casa onde cresci.

Ela era grande e velha, e tinha sido dividida em duas antes de nos mudarmos para lá. Ficamos com o quartinho de serviço e a sala de estar com

painéis de carvalho ("só para ocasiões especiais"), com uma porta que um dia fora a porta de entrada da família anterior e que agora não dava em lugar nenhum. Ela se abria para uma parede de tijolos.

Eu peguei aquela sala e aquela porta, junto com a saleta de entrada da casa da minha avó ("só para ocasiões especiais, não para a família", com natureza-morta em pintura a óleo nas paredes), e comecei a escrever o livro.

O título seria *Coraline* . Eu tinha digitado Caroline, mas saiu errado. Olhei para a palavra Coraline e sabia que era o nome de alguém. Eu quis saber o que tinha acontecido com ela.

Holly gostava de histórias assustadoras, com bruxas e meninas corajosas. Esse era o tipo de história que ela me contava. Então a história que eu criaria para Holly teria que ser assustadora.

Eu escrevi a introdução e depois deletei. Era assim:

Esta é a história de Coraline, que era muito pequena para a sua idade, e se viu correndo muito perigo na escuridão. Antes de a escuridão tomar conta de tudo, Coraline viu o que tinha atrás dos espelhos, e acabou se aproximando de uma mão má, e ficou cara a cara com sua outra mãe; ela resgatou seus pais verdadeiros de um destino pior do que a morte e, apesar de todas as adversidades, saiu triunfante.

Esta é a história de Coraline, que perdeu os pais, depois os encontrou, e então (mais ou menos) escapou (mais ou menos) ilesa.

Eu parei de escrever o livro da Holly quando nos mudamos para os Estados Unidos. (Estava escrevendo no meu tempo livre, embora não parecesse ter tempo livre para mais nada).

Seis anos depois eu abri o arquivo e continuei de onde tinha parado em agosto de 1992.

Tinha ficado assim:

— Olá — disse Coraline. — Como você entrou aqui?

O gato não falou nada. Coraline foi se deitar.

Eu recomecei a escrever o livro porque percebi que, se não o fizesse, minha filha mais nova, Maddy, já seria velha demais quando eu terminasse. Comecei este livro pela Holly. E terminei pela Maddy.

Na época morávamos nos Estados Unidos, em uma casa velha de estilo gótico. Lá tinha um torreão e um alpendre, com escadinha e tudo. A casa fora construída havia mais de cem anos por um imigrante alemão — um cartógrafo (uma pessoa que desenha mapas) e artista. O filho dele, Henry, me contou que ele foi o primeiro homem a colocar um motor em um barco ou em uma bicicleta, e ficou conhecido como "a pessoa mais criativa na história dos carros de corrida".

Então eu fiquei às voltas com *Coraline* novamente, e ainda não tinha tempo livre. Por isso, eu escrevia cinquenta palavras por noite na cama, antes de dormir. Como fiz um cruzeiro para arrecadar dinheiro para um projeto de defesa da liberdade de expressão nos quadrinhos, escrevi grande parte da história sentado no deque do navio. Terminei o livro em uma pequena cabana à beira de um lago na floresta.

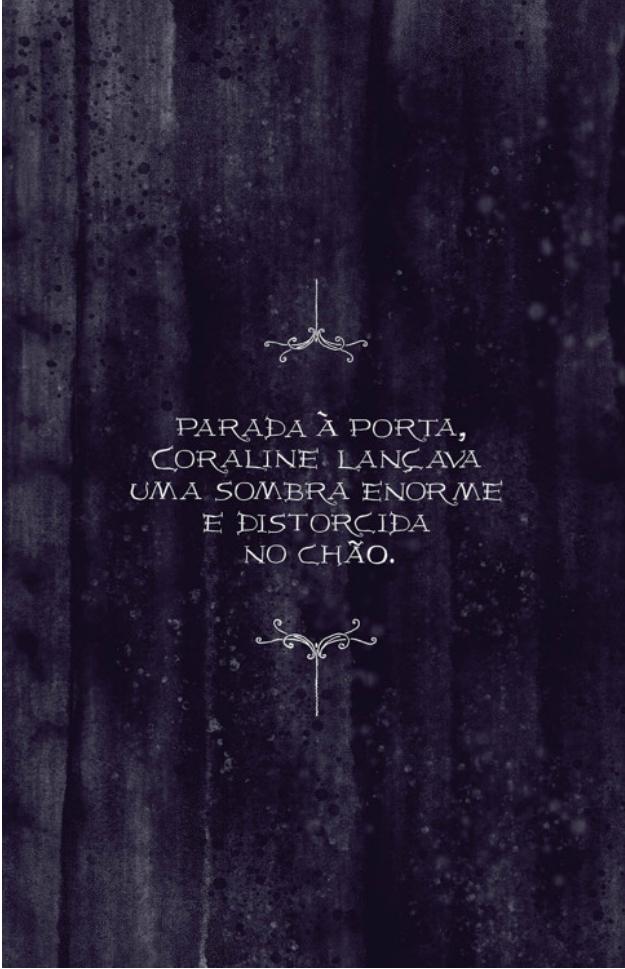
Dave McKean, artista e amigo, tirou fotografias de Littlemead, que ele usou para desenhar a casa que aparece na quarta capa da edição norte-americana original de *Coraline* .

Quando Henry Selick dirigiu a animação *stop-motion* baseada no livro, ele me convidou para ir ao estúdio. Havia muitos cenários, cada um escondido atrás de uma cortina preta. Henry me mostrou, cheio de orgulho, a casa onde Coraline morava no filme. Ela havia se mudado de algum lugar da Inglaterra para o Oregon, e sua nova casa se chamava Pink Palace.

— Essa é a minha casa — falei para Henry.

E era mesmo. O Pink Palace era igual à casa onde eu morava na época, com torreão, alpendre etc. Não sabemos como isso aconteceu. Mas pareceu estranhamente apropriado a um livro que começou a ser escrito por causa de uma filha, em uma casa, e tinha terminado de ser escrito por causa de outra filha, em outra casa.

O livro foi publicado em 2002, e as pessoas gostaram muito dele. Ganhou prêmios. Mais importante do que isso, ele funcionou, pelo menos para algumas pessoas.

Eu queria escrever uma história para as minhas filhas que contasse algo que eu gostaria de ter sabido quando era garoto: ser corajoso não significa não ter medo. Ser corajoso significa estar com medo, muito medo, mas mesmo assim fazer o que é certo.

Uma década depois, comecei a encontrar algumas mulheres que me disseram que *Coraline* as ajudou a passar por momentos difíceis. E que, quando estavam com medo, pensavam em Coraline, e então faziam a coisa certa. E isso, mais do que qualquer outra coisa, faz tudo valer a pena.

Chris Riddell fez novas ilustrações para esta edição comemorativa de dez anos de publicação do livro. Eu olhei para a que ele havia feito para a capa e fiquei espantado e encantado com a maneira como ele combinou as duas casas — aquela em que moro e aquela em que eu morava.

Neil Gaiman (2012)

CAPÍTULO
UM

PARADA À PORTA,
CORALINE LANÇAVA
UMA SOMBRA ENORME
E DISTORCIDA
NO CHÃO.

Coraline descobriu a porta logo depois que eles se mudaram. Era uma casa muito velha — tinha um sótão sob o telhado e um porão embaixo do chão, além de um jardim cheio de mato com árvores gigantes e antigas.

A família de Coraline não era dona de tudo. A casa era grande demais para isso. A família era dona de apenas uma parte.

Outras pessoas também moravam ali.

A srta. Spink e a srta. Forcible ficavam no apartamento abaixo do de Coraline, no térreo. Ambas eram velhas e gorduchas, e dividiam o espaço com inúmeros cachorros velhinhos da raça terrier escocês, que atendiam por nomes como Hamish, Andrew e Jock. Num passado já muito distante, elas tinham sido atrizes. Isso foi o que a srta. Spink contou para Coraline no dia em que se conheceram.

— Sabe, Caroline — disse ela, errando o nome de Coraline. — A srta. Forcible e eu fomos atrizes muito famosas na nossa época. Éramos as rainhas dos palcos, meu bem. Ah, não deixe o Hamish comer o bolo de frutas, ou ele vai ficar acordado a noite inteira com dor de barriga.

— É Coraline. Não Caroline. É Coraline — disse Coraline.

No apartamento acima do de Coraline, mais perto do telhado, morava um velho doido que tinha um bigodão. Ele contou a ela que estava treinando uma trupe de ratos de circo. E não deixava que ninguém visse os bichinhos.

— Um dia, pequena Caroline, quando eles estiverem prontos, todas as pessoas do mundo vão poder ver as proezas do meu circo de ratos. Você quer saber por que não pode ver agora? Foi isso que me perguntou?

— Não — respondeu Coraline, calmamente. — Pedi para não me chamar de Caroline. Meu nome é Coraline.

— Você não pode ver a trupe de ratos — continuou o vizinho — porque os ratos ainda não estão prontos nem ensaiados. Eles se recusam a tocar as músicas que compus para eles. Todas as músicas que compus para os ratos começam com o *uumpapá.* Mas os ratos brancos só tocam *tchubirubiru,* e por aí vai. Estou pensando em estimulá-los com diferentes tipos de queijo.

Coraline não acreditava nem um pouco naquele circo de ratos. Provavelmente era só uma invenção do velho doido.

No dia seguinte à mudança, Coraline saiu para explorar.

E explorou o jardim. Era um jardim bem grande: nos fundos havia uma quadra de tênis velha, embora ninguém na casa jogasse tênis. A cerca ao redor da quadra estava esburacada e a rede já estava quase toda podre. Havia um canteiro de rosas abandonado com roseiras definhadas, cheias de cocô e ovos de insetos; havia ainda um amontoado de pedras e um círculo formado por cogumelos marrons e sebosos que fediam muito quando eram pisados.

Havia um poço também. No dia que a família de Coraline se mudou, a srta. Spink e a srta. Forcible fizeram questão de ressaltar quão perigoso aquele poço era, e alertaram que Coraline passasse bem longe dele. Assim, a menina começou sua missão de exploração por lá, pois, sabendo exatamente onde ele ficava, poderia evitá-lo no futuro.

Ela descobriu o poço no terceiro dia, em meio ao mato desgrenhado que ficava ao lado da quadra de tênis, atrás de um arvoredo — uma roda de tijolos quase escondida pela grama alta. Estava coberto por tábuas de madeira, para evitar que alguém caísse lá dentro. Em uma das tábuas havia um buraco, e Coraline passou uma manhã inteira jogando pedrinhas e bolotas nele, esperando, contando, até ouvir o *gluc* que faziam ao cair na água lá embaixo.

Coraline também explorava em busca de animais. Encontrou um ouriço e uma pele de cobra (sem a cobra) e uma pedra que parecia um sapo e um sapo que parecia uma pedra. Encontrou ainda um gato preto insolente que ficava

nos muros e nos troncos das árvores, observando-a, mas que escapulia quando a menina se aproximava para brincar com ele.

Foi assim que ela passou suas primeiras duas semanas na casa: explorando o jardim e o terreno ao redor.

Sua mãe a chamava para jantar e para almoçar. E Coraline tinha que estar bem agasalhada antes de sair de novo, porque naquele verão fazia muito frio; mas mesmo assim ela saía todos os dias, até o dia em que choveu e Coraline teve que ficar em casa.

— O que eu faço agora? — perguntou a menina.

— Leia um livro — sugeriu sua mãe. — Veja um filme. Brinque com os seus brinquedos. Vá importunar a srta. Spink ou a srta. Forcible, ou o velho doido do andar de cima.

— Não, não — disse Coraline. — Não quero fazer nada disso. Quero sair para explorar.

— Não me importa o que você vai fazer — respondeu a mãe de Coraline —, desde que não faça bagunça.

Coraline foi para a janela e ficou assistindo à chuva que caía. Não era o tipo de chuva sob a qual se podia passear — era do outro tipo, que se jogava do céu e se esborrachava no chão. Era uma chuva decidida e, naquele momento, sua decisão era transformar o jardim em uma sopa de lama.

Já tinha assistido a todos os filmes. Estava entediada com seus brinquedos e já tinha lido todos os seus livros.

Ela ligou a televisão. Foi pulando de canal em canal, mas não havia nada além de programas de entrevista e homens de terno falando sobre o mercado de ações. Por fim, achou algo interessante: a parte final de um programa de história natural sobre uma coisa chamada camuflagem. Viu animais, pássaros e insetos que se disfarçavam de folhas ou galhos ou até mesmo de outros animais para escapar dos perigos. Coraline gostou, mas logo o programa acabou e começou um outro sobre uma fábrica de bolos.

Era hora de dar uma palavrinha com o pai.

O pai de Coraline estava em casa. Seu pai e sua mãe trabalhavam fazendo coisas no computador, ou seja, ficavam em casa o tempo todo. Cada um tinha seu próprio escritório.

— Olá, Coraline — disse o pai quando a filha entrou, sem olhar para a menina.

— Humpf — bufou Coraline. — Está chovendo.

— É, está caindo um belo de um temporal.

— Não, só está chovendo. Posso sair?

— O que sua mãe falou?

— Ela disse: "Você não vai a lugar nenhum com essa chuva, Coraline Jones."

— Então, não.

— Mas quero continuar explorando.

— Então explore o apartamento — sugeriu o pai. — Olha, aqui tem um pedaço de papel e uma caneta. Conte todas as portas e janelas. Faça uma lista de tudo que é da cor azul. Organize uma expedição para descobrir onde fica o aquecedor. E me deixe trabalhar sossegado.

— Posso ficar na sala de visitas?

Era na sala de visitas que os pais guardavam a caríssima (e desconfortável) mobília que a avó de Coraline deixara de herança quando morreu. Coraline não podia ir lá. Ninguém ia lá. O cômodo só era usado em ocasiões especiais.

— Só se não fizer bagunça. E não toque em nada.

Coraline analisou as possibilidades com cuidado, pegou o pedaço de papel e a caneta e seguiu em sua expedição para desbravar o apartamento.

Descobriu o aquecedor (ficava dentro de um armário da cozinha).

Contou tudo que era azul (153).

Contou as janelas (21).

Contou as portas (14).

Das portas que contou, treze delas abriam e fechavam. Mas tinha uma outra — a maior de todas, talhada em madeira escura num canto afastado da sala de visitas — que estava trancada.

— Para onde dá essa porta? — perguntou à mãe.

— Para lugar nenhum, querida.

— Mas tem que dar em algum lugar.

A mãe balançou a cabeça e disse:

— Venha. Vou mostrar para você.

Ela pegou um molho de chaves na parte de cima do batente da porta da cozinha. Olhou uma por uma e escolheu a chave mais velha de todas, a maior, mais escura e mais enferrujada. As duas foram para a sala de visitas, e a mãe destrancou a porta com a chave.

A porta abriu.

Sua mãe estava certa. Não dava para lugar nenhum. Ela se abria para uma parede de tijolos.

— Quando isso tudo era uma casa só — explicou a mãe —, a porta dava em algum lugar. Depois que transformaram em vários apartamentos, construíram essa parede no meio. O lado de lá é um apartamento vazio, que ainda está à venda.

Ela fechou a porta e devolveu o molho de chaves ao batente da porta da cozinha.

— Você não trancou a porta — disse Coraline.

Sua mãe deu de ombros.

— Para que trancar? Não leva a lugar nenhum.

Coraline não falou mais nada.

Já estava quase escurecendo e a chuva ainda caía, tamborilando nas janelas e embaçando os faróis dos carros que passavam pela rua.

O pai de Coraline fez uma pausa no trabalho e preparou o jantar. Coraline ficou indignada.

— Papai, você fez *aquela* receita de novo.

— Sim, é ensopadinho de batata com alho-poró temperado com estragão e queijo gruyère — confessou.

Coraline suspirou. Então foi até o congelador e pegou batata frita e minipizza de micro-ondas.

— Você sabe que eu não gosto dessas coisas — disse ao pai enquanto sua comida girava e girava e o cronômetro do micro-ondas ia chegando ao zero.

— Que tal experimentar antes de dizer que não gosta? — sugeriu o pai de Coraline, mas ela não cedeu.

Naquela noite, Coraline ficou acordada na cama. A chuva já tinha parado, e ela já estava quase dormindo quando alguma coisa fez *t-t-t-t-t-t* . Ela então se sentou.

O barulho continuou *creeee...*

...eeeeque.

Coraline se levantou da cama e foi até a porta do quarto, olhando pelo corredor, mas não viu nada de estranho. Ela seguiu em frente. Do quarto dos pais ouviu um ronco baixo (era o pai) e um resmungo sonolento (era a mãe).

Coraline se perguntou se estaria sonhando, ou seja lá o que aquilo fosse.

Algo se moveu.

Era mais que uma sombra, e escapuliu pelo corredor escuro, como um pequeno pedaço de noite.

Coraline torceu para que não fosse uma aranha. Elas lhe deixavam muito desconfortável. A forma preta entrou na sala de visitas, e Coraline, um pouco nervosa, a seguiu.

O cômodo estava um breu. A única luz vinha do corredor. Parada à porta, Coraline lançava uma sombra enorme e distorcida no chão — ela parecia uma gigante esbelta.

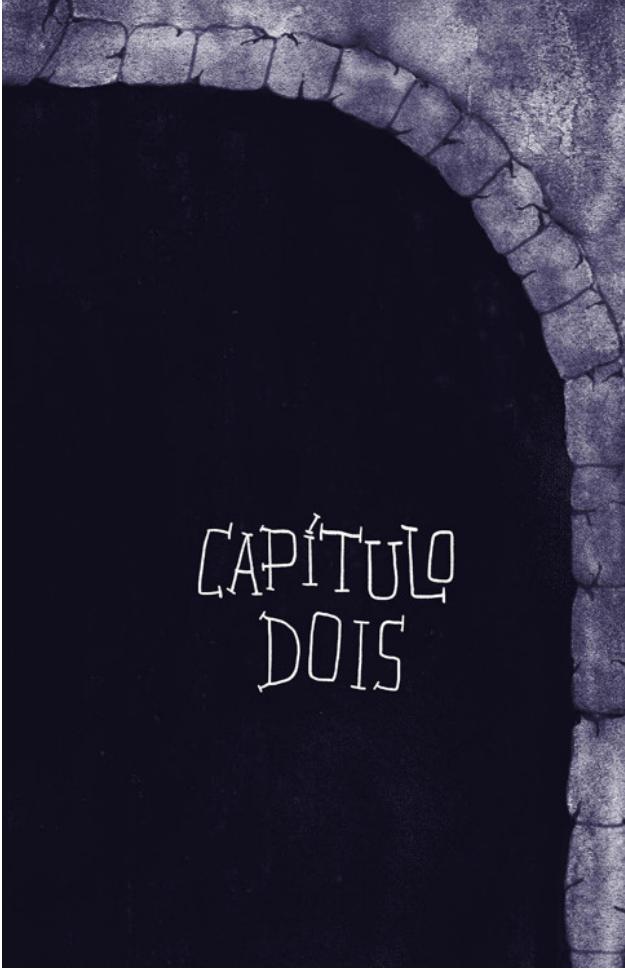
Quando viu a forma preta sair lentamente de debaixo do sofá, Coraline se perguntou se deveria ou não acender a luz. Ela parou por um instante, e então correu na ponta dos pés até o canto oposto da sala.

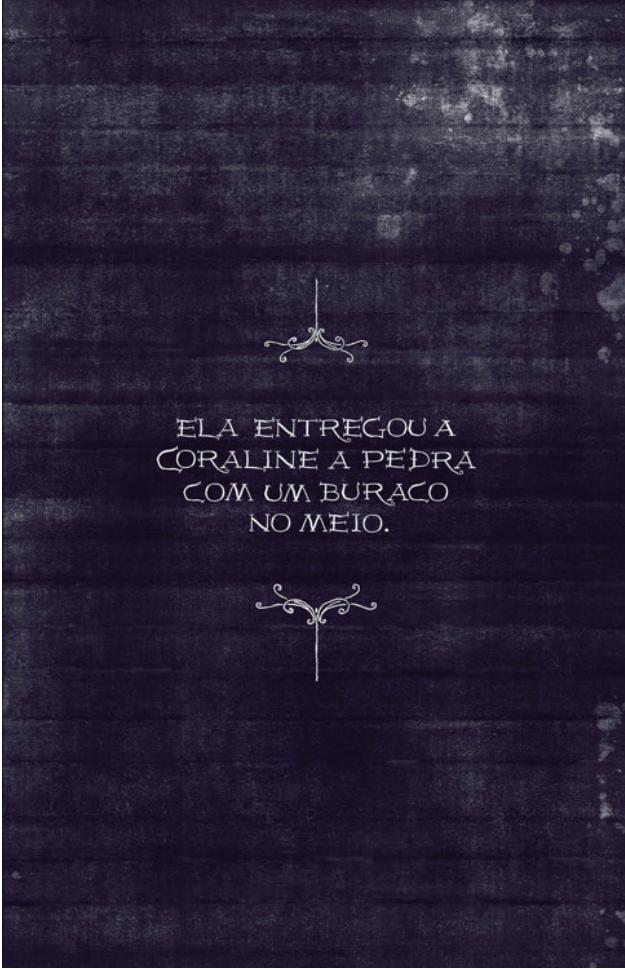
Não havia móveis naquela parte.

Coraline acendeu a luz.

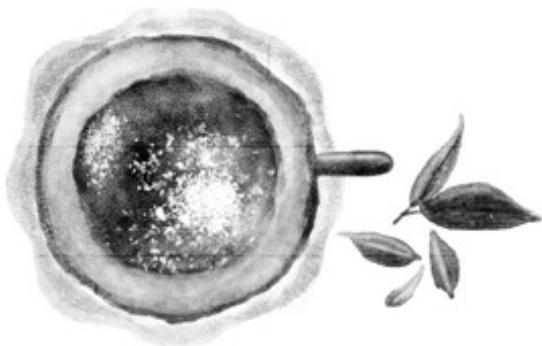
Não havia nada ali. Nada além da velha porta que se abria para a parede de tijolos.

Ela tinha certeza de que a mãe havia fechado a porta, mas agora ela estava ligeiramente aberta. Só uma fenda. Coraline chegou mais perto. Atrás da velha porta de madeira, só uma parede de tijolos vermelhos.

Coraline a fechou, apagou a luz e foi para a cama.

Ela sonhou com formas pretas que deslizavam de um lugar para outro, evitando a luz, até que todas se encontraram sob a lua. Pequenas formas pretas com olhinhos vermelhos e dentes amarelos afiados.

E começaram a cantar:

Somos muitos para contar, difíceis de ver
Somos difíceis de ver, muitos para contar
Estávamos aqui antes de você nascer
E estaremos aqui quando você findar

As vozes eram estridentes, sussurradas e meio irritadiças. Coraline ficou incomodada.

Depois sonhou com alguns comerciais de TV, e então não sonhou mais.

CAPÍTULO
DOIS

ELA ENTREGOU A
CORALINE A PEDRA
COM UM BURACO
NO MEIO.

No dia seguinte não voltou a chover, mas uma névoa branca e espessa tinha caído sobre a casa.

— Vou dar uma volta — avisou Coraline.

— Não se afaste muito de casa — pediu a mãe. — E se agasalhe bem.

Coraline vestiu seu sobretudo azul com capuz, o cachecol vermelho e suas galochas amarelas.

E saiu.

A srta. Spink estava passeando com os cachorros.

— Olá, Caroline — disse ela. — Que tempo ruim.

— Pois é — falou Coraline.

— Uma vez fiz o papel de Pórcia — contou a srta. Spink. — A srta. Forcible fala sobre a Ofélia dela, mas todos só queriam ver a minha Pórcia. Isso quando éramos atrizes.

Toda empacotada com pulôveres e casacos, a srta. Spink ficava ainda mais baixa e roliça. Parecia um ovo grande e felpudo. Ela usava óculos de aros grossos que deixavam seus olhos enormes.

— Eu sempre recebia flores no meu camarim. Era uma loucura — disse ela.

— Quem mandava? — perguntou Coraline.

A srta. Spink olhou ao redor com cuidado, primeiro para um lado, depois para outro, espiando através da névoa, como se alguém fosse escutar algo.

— Os *homens* — sussurrou ela.

Então puxou os cachorros pela coleira para acalmá-los e foi bamboleando em direção à casa.

Coraline continuou seu passeio ao redor da casa. Já estava quase no fim quando avistou a srta. Forcible na porta do apartamento que dividia com a srta. Spink.

— Você viu a srta. Spink, Caroline?

Coraline respondeu que sim e que ela estava passeando com os cachorros.

— Eu só espero que ela não se perca. Ou vai acabar ficando doente, você vai ver só — disse a srta. Forcible. — Só um aventureiro conseguiria se achar nessa neblina.

— Eu sou uma aventureira — afirmou Coraline.

— Claro que é, meu bem — disse a srta. Forcible. — Mas não vá se perder por aí.

Coraline continuou caminhando pelos jardins sob a névoa cinzenta. Ela nunca perdia a casa de vista. Depois de dez minutos de caminhada, percebeu que estava no lugar de onde tinha saído.

O cabelo, desgrenhado e molhado, lhe cobria os olhos, e seu rosto parecia úmido.

— Olá, Caroline! — gritou o velho doido do andar de cima.

— Oi, olá — respondeu ela.

Ela mal conseguia enxergar o velho em meio ao nevoeiro.

Lentamente, ele desceu a escada externa à casa que ligava seu apartamento à porta da frente do apartamento de Coraline. Coraline esperou no sopé da escada.

— Os ratos não gostam de neblina — disse o velho. — Entorta o bigode deles.

— Eu também não gosto muito — admitiu Coraline.

O velho se abaixou muito, tanto que as pontas de seu bigode fizeram cosquinha na orelha de Coraline.

— Os ratos têm um recado para você — cochichou ele.

Coraline não soube o que dizer.

— O recado é o seguinte: "Não atravesse a porta." — Ele fez uma pausa. — Isso faz algum sentido para você?

— Não.

O velho deu de ombros.

— Eles são engraçados, os ratos. Eles entendem tudo errado. Entenderam errado seu nome, sabe. Eles falam Coraline. Não Caroline. Nunca Caroline.

Ele pegou uma garrafa de leite que estava no pé da escada e subiu de volta para o seu apartamento no sótão.

Coraline entrou em casa. Sua mãe estava trabalhando no escritório. O lugar cheirava a flores.

— O que eu faço agora? — perguntou Coraline.

— Quando começam suas aulas? — quis saber a mãe.

— Semana que vem — respondeu Coraline.

— Humpf — bufou a mãe. — Acho que vou ter que comprar um uniforme novo para você. Me lembre, querida, ou vou me esquecer.

E voltou a digitar coisas no computador.

— O que eu faço agora? — repetiu Coraline.

— Vá desenhar.

A mãe lhe entregou uma folha de papel e uma caneta.

Coraline tentou desenhar a neblina. Após dez minutos de tentativas o papel ainda estava em branco com a palavra

num cantinho, escrita com letras ligeiramente tremidas. Ela resmungou e entregou o papel para a mãe.

— Hummm. Muito moderno, querida — comentou a mãe.

Coraline foi se esgueirando até a sala de visitas e tentou abrir a porta velha. Dessa vez estava trancada. Ela supôs que a mãe a tivesse trancado. Deu de ombros.

Então Coraline foi falar com o pai.

Ele ficava de costas para a porta quando estava no computador.

— Agora não! — disse ele, alegremente, assim que Coraline entrou.

— Estou entediada — falou Coraline.

— Aprenda sapateado — sugeriu o pai, sem se virar para a filha.

Coraline balançou a cabeça.

— Por que você não vem brincar comigo, hein? — perguntou.

— Estou ocupado — respondeu o pai. — Trabalhando — completou.

Ele ainda não tinha se virado para falar com ela.

— Por que você não vai importunar a srta. Spink e a srta. Forcible? — sugeriu ele.

Coraline vestiu o casaco, levantou o capuz e saiu de casa. Ela desceu a escada e tocou a campainha da srta. Spink e da srta. Forcible, ouvindo o latido alucinado dos cães escoceses correndo na saleta de entrada. Depois de um tempo, a srta. Spink abriu a porta.

— Ah, é você, Caroline — disse ela. — Angus, Hamish, Bruce, fiquem quietos, meus amores. É a Caroline. Entre, querida. Aceita uma xícara de chá?

O cheiro do apartamento era uma mistura de cachorro com lustra-móveis.

— Sim, por favor — disse Coraline.

A srta. Spink a conduziu para uma saleta empoeirada, que ela chamava de *parlour* . Nas paredes, fotografias em preto e branco de belas mulheres e cartazes de teatro emoldurados. A srta. Forcible estava sentada em uma das poltronas, concentrada no tricô.

Elas serviram chá para Coraline em uma xicrinha cor-de-rosa de porcelana com pires. E lhe ofereceram um sequilho para acompanhar.

A srta. Forcible olhou para a srta. Spink, retomou o tricô e deu um longo suspiro.

— Enfim, April. Como eu estava dizendo, você tem que admitir que aquele velho cão ainda está bem vivo.

— Miriam, querida, nenhuma de nós é jovem.

— Madame Arcati — respondeu a srta. Forcible. — A enfermeira em *Romeu* . Lady Bracknell. Papéis de personalidade. Ninguém pode aposentar você do palco.

— Agora estamos *de acordo* , Miriam — disse a srta. Spink.

Coraline se perguntava se elas tinham esquecido que ela estava ali. Nada fazia muito sentido. A menina concluiu que aquela discussão era tão velha e

confortável quanto uma poltrona, o tipo de discussão que ninguém ganha ou perde, mas que pode durar para sempre se ambas as partes estiverem dispostas.

Ela tomou um gole de chá.

— Eu posso ler as folhas, se você quiser — falou a srta. Spink.

— O quê? — indagou Coraline.

— As folhas do chá, querida. Posso ler seu futuro no chá.

Coraline entregou sua xícara para a srta. Spink. Ela examinou bem de perto as folhas enegrecidas no fundo da louça. E então cerrou os lábios.

— Olha, Caroline — disse ela —, você está correndo muito perigo.

A srta. Forcible bufou, largando o tricô de lado.

— Não seja boba, April. Pare de assustar a menina. Sua vista já era. Passe a xícara para mim, filhinha.

A mulher examinou o chá minuciosamente, balançou a cabeça e olhou de novo.

— Puxa, querida — disse ela. — Você está certa, April. Ela corre perigo.

— Viu, Miriam? — disse a srta. Spink, triunfante. — Meus olhos estão melhores do que nunca...

— Estou correndo perigo de quê? — perguntou Coraline, intrigada.

A srta. Spink e a srta. Forcible fizeram cara de paisagem.

— Não sabemos — respondeu a srta. Spink. — As folhas do chá não são confiáveis para esse tipo de coisa. São boas para coisas mais gerais, não para as específicas.

— Então o que eu faço? — quis saber Coraline, um pouco assustada.

— Não use verde em seu camarim — sugeriu a srta. Spink.

— Nem mencione aquela peça escocesa — completou a srta. Forcible.

Coraline tentou entender por que os adultos quase nunca falavam algo que fizesse sentido. Às vezes ela se perguntava com quem eles achavam que estavam conversando.

— E tome muito, muito cuidado — alertou a srta. Spink.

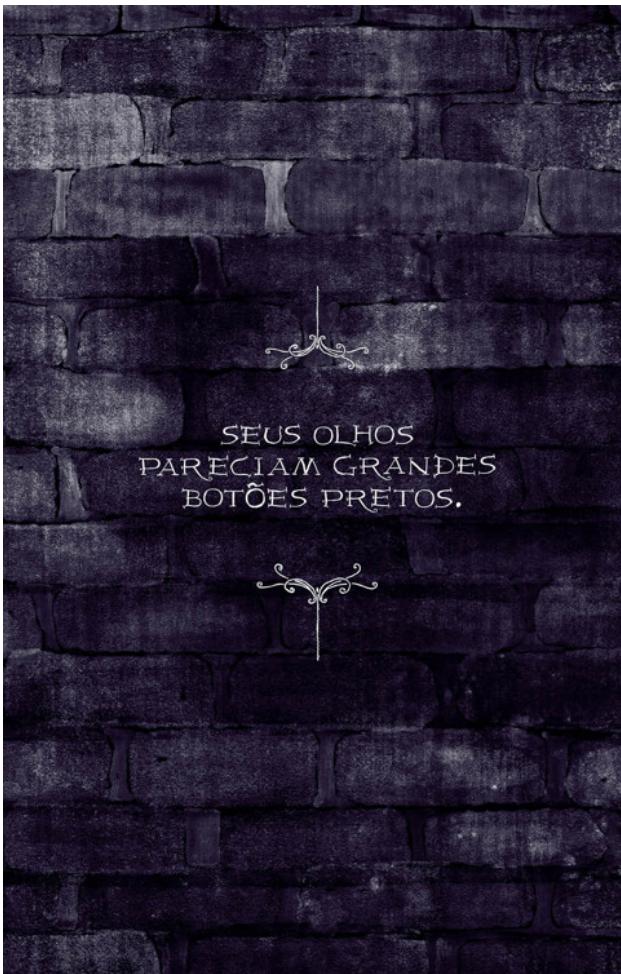
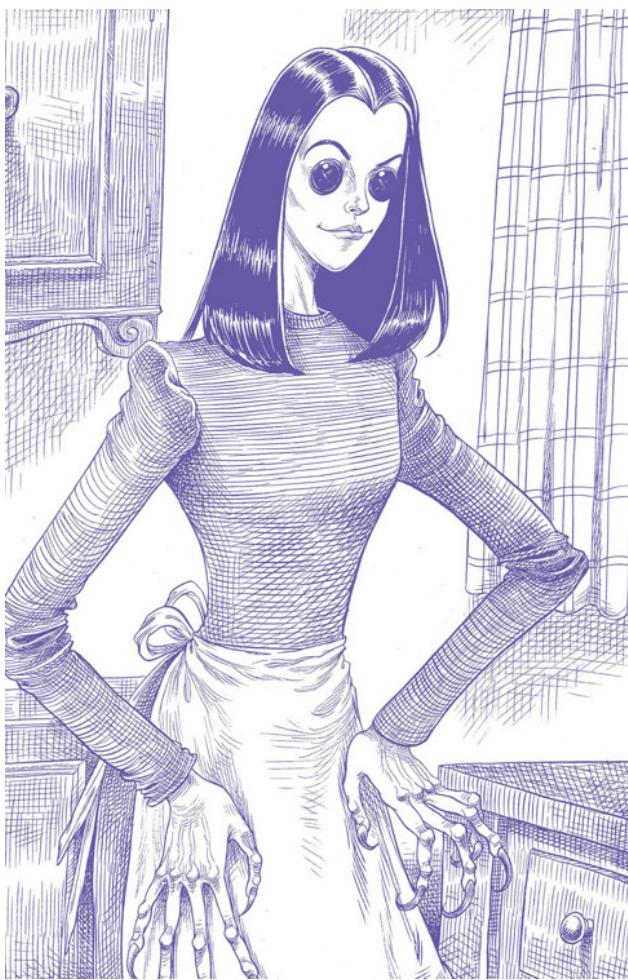
Ela se levantou da poltrona e foi até a lareira. Em cima dela, havia um jarro pequeno. A velha afastou a tampa do jarro e começou a tirar algumas coisas de dentro dele. Um patinho de porcelana, um dedal, uma moedinha de lata, dois clipes de papel e uma pedra com um buraco no meio.

Ela entregou a Coraline a pedra com um buraco no meio.

— Para que serve isso? — perguntou Coraline.

A menina a segurou contra a luz da janela e olhou pelo buraco, que de fato ficava bem no meio da pedra.

— Pode ajudar você — disse a srta. Spink. — Às vezes serve de proteção contra coisas ruins.

Coraline vestiu o casaco e se despediu da srta. Spink, da srta. Forcible e dos cachorros. Depois, saiu do apartamento.

A neblina persistia ao redor da casa. Ela caminhou lentamente para as escadas, parou e olhou para os lados.

Devido à neblina, o mundo ficava meio fantasmagórico. *Perigo?* , pensou com seus botões. Parecia emocionante. Não parecia nada ruim. Não mesmo.

Coraline subiu a escada, a mão apertando com força a pedra nova.

CAPÍTULO
TRÊS

SEUS OLHOS
PARECIAM GRANDES
BOTÕES PRETOS.

No dia seguinte, o sol raiou, e a mãe de Coraline a levou até a cidade mais próxima para comprar uniformes novos para a escola. Elas se despediram do pai de Coraline na estação de trem. Ele ia passar o dia em Londres para encontrar algumas pessoas.

Coraline deu tchau para ele.

As duas então foram à loja comprar os uniformes.

Coraline achou umas luvas verdes fluorescentes que lhe agradaram muito. A mãe se negou a comprá-las, preferindo levar para a filha meias brancas, calças azul-marinho, quatro blusas cinza e uma saia grafite.

— Mas, mãe, todo mundo na escola comprou blusas cinza e essas coisas todas. Ninguém comprou luvas verdes fluorescentes. Eu seria a única.

A mãe a ignorou. Estava ocupada conversando com o vendedor sobre que tipo de suéter comprar para a filha. Os dois concordavam que a melhor coisa a se fazer era levar um bem maior e mais largo, na esperança de que servisse durante muito tempo.

Coraline perambulou pela loja e avistou galochas em formato de sapo, pato e coelho. Então voltou para perto da mãe.

— Coraline? Ah, aí está você. Onde estava?

— Fui sequestrada por extraterrestres — respondeu Coraline. — Eles vieram de outro mundo com armas de raio, mas eu despistei todos e escapei usando uma peruca e rindo num sotaque estrangeiro.

— Ok, querida. Acho que você deve levar uns prendedores de cabelo, não acha?

— Não.

— Bom, vamos levar meia dúzia, só para garantir — sentenciou a mãe.

Coraline não disse nada.

Na volta para casa, Coraline perguntou:

— O que tem no apartamento vazio?

— Não sei. Nada, espero. Provavelmente se parece com o nosso antes de nos mudarmos. Apenas cômodos vazios.

— Você acha que dá para entrar lá pelo nosso apartamento?

— Só se conseguíssemos atravessar paredes, querida.

— Ah.

Chegaram em casa perto da hora do almoço. O sol estava brilhando, embora fizesse frio. A mãe de Coraline vasculhou a geladeira e encontrou um pobre tomatinho abandonado e um pedaço de queijo com mofo. Só havia uma casquinha na cesta de pão.

— Vou descer lá no mercado e comprar uns filezinhos de peixe — disse a mãe. — Quer ir comigo?

— Não — respondeu Coraline.

— Tudo bem — disse a mãe, e saiu.

Depois voltou porque tinha se esquecido de pegar a bolsa e a chave do carro e saiu novamente.

Coraline estava entediada.

Ela folheou um livro que a mãe estava lendo sobre povos nativos de um país distante. O livro contava como, todos os dias, eles desenhavam em retalhos de seda branca com cera, depois mergulhavam esses retalhos em tinturas, desenhavam por cima com mais cera, faziam outra secagem, ferviam a

cera com água e, por fim, jogavam os panos decorados na fogueira e deixavam queimar até virarem cinza.

Aquilo parecia inútil para Coraline, mas ela esperava que as pessoas achassem divertido.

Ela ainda estava entediada, e a mãe não tinha chegado.

Coraline pegou uma cadeira e a empurrou até a porta da cozinha. Subiu na cadeira e esticou o braço. Desceu e pegou uma vassoura no armário. Subiu novamente na cadeira e esticou a vassoura.

Tuc.

Ela desceu da cadeira e pegou as chaves. Sorriu, vitoriosa. Depois encostou a vassoura na parede e foi para a sala de visitas.

A família não usava o cômodo. Eles tinham herdado a mobília da avó de Coraline, junto com uma mesinha de centro de madeira, uma mesa de cabeceira, um cinzeiro pesado de vidro e uma pintura a óleo de uma fruteira. Coraline nunca conseguiu entender por que alguém escolhia pintar uma fruteira. Tirando isso, o lugar não tinha mais objeto algum: nenhuma quinquilharia sobre a lareira, nenhuma estátua, nenhum relógio. Nada que fizesse o ambiente parecer habitável ou aconchegante.

A velha chave preta parecia mais gelada do que as outras. Coraline a enfiou no buraco da fechadura. A chave girou sem dificuldade, com um satisfatório *clunc.*

Coraline parou e fez silêncio. Ela sabia que estava fazendo algo errado, e tentou ouvir se a mãe estava chegando, mas não escutou nada. Então colocou a mão na maçaneta, girou e, por fim, abriu a porta.

O que encontrou foi um corredor escuro. Os tijolos haviam desaparecido, como se nunca tivessem existido. Um cheiro frio, bolorento, de algo muito velho e moroso, passava pela entrada. Coraline entrou.

Ela queria saber como era um apartamento vazio — e se chegaria a ele por aquele corredor.

Ela seguiu em frente, aflita. Havia algo familiar ali.

O carpete sob seus pés era o mesmo que tinha em seu apartamento. O papel de parede também. O quadro na parede do corredor era idêntico ao que estava pendurado no corredor de sua casa.

Ela sabia onde estava: em sua própria casa. Não tinha saído de lá.

Confusa, Coraline balançou a cabeça.

Depois, fitou o quadro na parede. Não, não era igual. O quadro do corredor de sua casa era de um garoto com roupas antiquadas olhando atentamente para algumas bolhas. Mas, na obra que ela observava agora, o rosto dele tinha uma expressão diferente. Ele olhava para as bolhas como se planejasse fazer alguma travessura com elas. E seu olhar era peculiar.

Coraline estudou os olhos dele com atenção, tentando entender o que havia de diferente neles.

Estava prestes a compreender, quando ouviu uma voz chamar:

— Coraline?

Parecia a voz de sua mãe. Coraline entrou na cozinha, de onde vinha a voz. Uma mulher estava em pé, de costas para Coraline. Era parecida com sua mãe. Mas...

Mas sua pele era branca como papel.

Mas ela era mais alta e mais magra.

Mas seus dedos eram compridos, irrequietos, e suas unhas, cor de carmim, eram curvas e afiadas.

— Coraline? — perguntou a mulher. — É você?

Então a mulher se virou. Seus olhos pareciam grandes botões pretos.

— Hora do almoço, Coraline — informou ela.

— Quem é você? — perguntou Coraline.

— Sua outra mãe. Diga ao seu outro pai que o almoço está pronto. — Ela abriu o forno, e Coraline se deu conta de quanto estava faminta. O cheiro era maravilhoso. — Vá chamá-lo.

Coraline foi até o escritório do pai. Lá dentro, havia um homem sentado ao computador, de costas para ela.

— Olá — disse Coraline. — É que... É que... ela disse que o almoço está pronto.

O homem se virou.

Seus olhos eram botões grandes, pretos e brilhantes.

— Olá, Coraline — respondeu ele. — Estou faminto.

O homem se levantou e foi com ela até a cozinha. Sentaram-se à mesa, e a outra mãe de Coraline serviu o almoço. Um frango assado gigante e dourado

com batatas fritas e ervilhas-verdes. Coraline encheu a boca de comida. O gosto estava magnífico.

— Estamos esperando por você há muito tempo — disse o outro pai de Coraline.

— Por mim?

— Sim — confirmou a outra mãe. — Essa casa não é a mesma sem você. Mas sabíamos que você voltaria um dia e que seríamos uma família de novo. Quer mais frango?

Era o melhor frango que Coraline já tinha comido. Às vezes sua mãe assava um frango, mas sempre era industrializado ou congelado, e ficava muito seco, não tinha gosto de nada. Quando o pai de Coraline decidia preparar um frango, sempre comprava um de verdade, mas usava métodos estranhos de cozimento: ensopado ao vinho, recheado com ameixas ou dentro de uma massa folhada. Por princípio, Coraline se recusava a tocá-lo.

Ela pegou mais um pedaço de frango.

— Eu não sabia que eu tinha outra mãe — disse Coraline, cautelosa.

— Claro que tem. Todo mundo tem — respondeu a outra mãe. Seus olhos negros abotoados reluziam. — Depois do almoço talvez você queira brincar no quarto com os ratos.

— Os ratos?

— Os ratos lá de cima.

Coraline nunca tinha visto um rato, exceto na televisão. E ficou muito animada com a ideia de conhecer um. Aquele estava se mostrando um dia muito interessante.

Depois do almoço seus outros pais lavaram a louça enquanto Coraline foi atrás de seu outro quarto.

Era diferente do quarto que tinha em casa. Para começar, estava pintado num tom de verde desbotado e num rosa muito excêntrico. Coraline decidiu que não gostaria de dormir ali, mas a combinação de cores era estranhamente mais atrativa do que a de seu quarto.

Havia uma porção de coisas singulares que ela nunca tinha visto: anjos movidos à corda que flutuavam pelo quarto como pardais assustados, livros com figuras que se contorciam, rastejavam e tremeluziam, pequenos

esqueletos de dinossauros que batiam os dentes quando ela passava por eles. E uma caixa recheada de brinquedos incríveis.

Aí, sim , pensou Coraline. Ela olhou pela janela. A paisagem era a mesma que via de seu quarto: árvores, gramados e, ao longe, no horizonte, colinas avermelhadas.

Uma coisa preta atravessou o quarto a toda velocidade e foi para debaixo da cama. Coraline foi até lá e ficou de joelhos para olhar. Cinquenta olhinhos vermelhos a encaravam.

— Olá — disse Coraline. — Vocês são os ratos?

Eles saíram de baixo da cama e, com a claridade, franziram os olhos. Tinham o pelo curto, preto, olhinhos vermelhos, patas rosadas que pareciam mãozinhas e rabos rosados. Eram carecas e compridos como minhocas.

— Vocês sabem conversar? — perguntou Coraline.

O rato maior e mais escuro balançou a cabeça. A menina achou o sorriso dele desagradável.

— Bem — falou Coraline. — O que vocês *fazem* ?

Os ratos formaram um círculo.

Então começaram a subir uns por cima dos outros, com destreza e velocidade, até formarem uma pirâmide com o ratão no topo.

Os ratos começaram a cantar, em um tom agudo e sussurrado:

Temos muitos dentes, temos nossas caudas
Temos pequenos olhos para enxergar
Estávamos aqui antes de você nascer
E estaremos aqui quando você findar

Não era uma canção bonita. Coraline tinha certeza de já tê-la escutado antes, ou alguma canção parecida com essa, mas não conseguia lembrar exatamente onde.

Então a pirâmide se desfez, e os ratos desembestaram, ligeiros e pretos, em direção à porta.

O outro velho doido do andar de cima estava de pé junto à porta, com um ratão preto nas mãos. Os roedores voaram para cima dele e se entocaram

nos bolsos, subindo pela camisa, pelas pernas das calças e descendo pelo pescoço.

O ratão subiu nos ombros do velho, gingou por seu longo bigode grisalho, passando por seus olhões abotoados, e foi parar no topo da cabeça dele.

Em segundos, o único indício de que os ratos estavam ali eram os caroços que se agitavam sob as roupas do velho, e que corriam de um canto para outro de seu corpo. E o ratão ainda estava lá na cabeça do velho, encarando Coraline, com os olhos flamejantes.

O velho colocou o chapéu, e o ratão enfim desapareceu.

— Olá, Coraline — disse o outro velho do andar de cima. — Ouvi dizer que você estava aqui. Está na hora de os ratos jantarem. Mas você pode subir comigo, se quiser, e assistir à comilança.

Havia algo voraz nos olhos abotoados do velho que deixou Coraline desconfortável.

— Não, obrigada — respondeu ela. — Vou sair para explorar.

O velho assentiu devagar. Coraline conseguiu ouvir os ratos murmurando uns para os outros, mas não sabia sobre o que falavam.

Ela também não sabia se queria entender o que estavam dizendo.

Seus outros pais estavam de pé junto à porta da cozinha quando ela passou pelo corredor. Com sorrisos idênticos, eles acenaram lentamente para Coraline.

— Divirta-se — falou a outra mãe.

— Nós vamos ficar aqui esperando você voltar — disse o outro pai.

Antes de sair pela porta da frente, Coraline se virou. Os outros pais ainda estavam olhando para ela, acenando e sorrindo.

Coraline seguiu em frente e desceu a escada.

Capítulo
Quatro

AS SRTAS. SPINK E FORCIBLE SUBIRAM AO PALCO.

A casa parecia exatamente a mesma do lado de fora. Ou quase a mesma: em torno da porta de entrada da srta. Spink e da srta. Forcible havia lâmpadas azuis e vermelhas que piscavam, soletrando palavras. As palavras acendiam e apagavam, e davam voltas ao redor da porta. IMPRESSIONANTE !, seguido de um TEATRAL !, e aí GLORIOSO !.

Era um dia ensolarado, frio, igualzinho ao dia anterior.

Coraline ouviu um barulho discreto atrás de si.

Ela se virou. Um gatão preto se encontrava em cima do muro próximo a ela, idêntico ao gatão preto que tinha visto no terreno de casa.

— Boa tarde — cumprimentou o gato.

Sua voz parecia com a que Coraline ouvia dentro de sua cabeça, a voz que usava para pensar em palavras, mas era a voz de um homem, não a de uma menina.

— Olá — disse Coraline. — Eu vi um gatão preto igual a você no jardim da minha casa. Você deve ser o outro gato.

O gato balançou a cabeça.

— Não — falou ele. — Eu não sou o outro. Eu sou eu. — Ele inclinou a cabeça para o lado. Seus olhos verdes brilhavam. — Vocês, pessoas, são muito dispersas. Gatos, por outro lado, andam sempre juntos. Se é que me entende.

— Acho que sim. Mas se você é o mesmo gato que eu vi no jardim, como pode falar?

Os gatos não têm ombros, não como as pessoas têm. Mas mesmo assim o gato deu de ombros, num movimento muito sutil que começou na ponta de seu rabo e terminou num levantamento de bigode.

— Eu sei falar.

— Lá em casa os gatos não falam.

— Não? — perguntou o gato.

— Não — respondeu Coraline.

O gato pulou delicadamente do muro para o gramado, aproximando-se de Coraline. Ele a encarou.

— Bem, a especialista aqui é você — afirmou o gato, indiferente. — Além do mais, o que eu sei das coisas? Sou apenas um gato.

E foi embora, cabeça e rabo erguidos com orgulho.

— Volte — pediu Coraline. — Por favor. Perdão. Desculpa mesmo.

O gato parou, sentou-se e, pensativo, começou a se lamber, aparentemente alheio à existência de Coraline.

— Sabe, acho que nós... nós poderíamos ser amigos — sugeriu Coraline.

— Nós *poderíamos* ser tipos raros de uma raça exótica de elefantes-africanos dançarinos — implicou o gato. — Mas não somos. Pelo menos — concluiu felinamente, depois de disparar um breve olhar para Coraline — *eu* não sou.

Coraline soltou um suspiro.

— Qual é o seu nome? — quis saber a menina. — Eu me chamo Coraline, tá?

O gato bocejou bem devagar, criterioso, revelando aos poucos uma boca e uma língua surpreendentemente rosadas.

— Gatos não têm nomes — disse ele.

— Não?

— Não. *Vocês* , pessoas, têm nomes. É porque vocês não sabem quem são. Nós sabemos quem somos, então não precisamos de nomes.

O gato tinha um egocentrismo irritante, concluiu Coraline. Como se ele fosse, de acordo com a própria opinião, a única coisa no mundo que pudesse ter alguma importância. Por um lado, ela queria responder com grosseria. Por outro, queria ser educada e reverente. O respeito falou mais alto.

— Por favor, me diga, que lugar é esse?

O gato olhou de relance.

— É aqui — respondeu o gato.

— Isso eu sei. Mas como você chegou aqui?

— Da mesma forma que você. Andando. Assim.

Coraline observou o gato andando vagarosamente pelo gramado. Passou atrás de uma árvore, mas não saiu do outro lado. Coraline olhou atrás da árvore. O gato tinha desaparecido.

Ela caminhou em direção à casa. Outro barulho discreto se manifestou atrás dela. Era o gato.

— A propósito — continuou o gato —, foi muito sensato de sua parte trazer proteção. Se eu fosse você, confiaria nisso.

— Proteção?

— Isso mesmo — disse o gato. — De todo modo...

Ele fez uma pausa e olhou com muita atenção para algo invisível. Então se agachou e se movimentou lentamente, dando de dois a três passos. Parecia perseguir um rato invisível. Abruptamente, torceu o rabo e disparou pelo bosque.

E desapareceu por entre as árvores.

Coraline se perguntou o que o gato quis dizer com aquilo. Também se perguntou se todos os gatos de onde ela vinha sabiam falar, mas preferiam não fazê-lo, ou se só conseguiam falar quando estavam naquele mundo — seja lá o que fosse aquele mundo.

Ela desceu os degraus que levavam à porta de entrada das srtas. Spink e Forcible. As luzes azuis e vermelhas acendiam e apagavam.

A porta estava entreaberta. Ela bateu de leve, mas a porta se abriu completamente. Coraline entrou num cômodo escuro com cheiro de poeira e veludo. A porta se fechou atrás dela, e o lugar ficou no breu. Coraline avançou para uma pequena antessala. Seu rosto encostou em alguma coisa macia. Era um tecido. Ela esticou a mão e empurrou o tecido, que se abriu.

Um pouco desnorteada, Coraline chegou ao outro lado da cortina de veludo e encontrou um teatro mal iluminado. Lá longe, do outro lado da sala, havia um palco alto de madeira, vazio e abandonado. A escassa luz de um refletor o iluminava do alto.

Poltronas estavam dispostas entre Coraline e o palco. Fileiras e mais fileiras de poltronas. Ela ouviu um barulho de uma coisa se arrastando, então uma luz veio em sua direção, balançando de um lado para outro. Quando a luz se aproximou, ela notou que saía de uma lanterna que estava dentro da boca de um enorme cachorro escocês preto, o focinho acinzentado pelo tempo.

— Olá — cumprimentou Coraline.

O cachorro colocou a lanterna no chão e olhou para ela com impaciência.

— Certo, preciso ver seu ingresso — disse ele, grosseiro.

— Ingresso?

— Foi o que eu falei. Ingresso. Não tenho o dia todo. Sem ingresso você não assiste ao espetáculo.

— Eu não tenho ingresso — admitiu Coraline, sem graça.

— Ah, mais uma... — disse ele, taciturno. — Chegam aqui e entram na maior cara de pau. "Ingresso? Ai, não tenho. Perdi." — Ele balançou a cabeça e depois desencanou. — Ok, é por aqui.

O cachorro abocanhou a lanterna e sumiu na escuridão. Coraline o seguiu. Ele parou quando chegou à boca do palco e iluminou uma poltrona vazia. Coraline se sentou, e o cachorro deu o fora.

Conforme seus olhos se acostumavam com a escuridão, ela percebeu que as outras poltronas estavam ocupadas só por cachorros.

Um chiado repentino saiu de trás do palco. Coraline julgou ser o som de um velho disco arranhado na vitrola. O chiado se transformou em sopros de trompete, e as srtas. Spink e Forcible subiram ao palco.

A srta. Spink estava pedalando um monociclo e fazendo malabarismos. A srta. Forcible dava pulinhos atrás dela, segurando uma cesta de flores. Ela salpicava o palco de pétalas enquanto caminhava. Chegaram juntas à frente do palco. A srta. Spink deu um pulo ligeiro do monociclo, e ambas fizeram uma reverência de agradecimento.

Todos os cachorros abanavam seus rabos e latiam entusiasmados. Coraline aplaudiu educadamente.

Em seguida, elas desabotoaram e abriram seus casacos grossos e felpudos. Mas não foram apenas os casacos que elas abriram: seus rostos também se abriram, como conchas vazias. De dentro de seus velhos, rechonchudos e vazios corpos saíram duas jovens mulheres. Elas eram magras, pálidas, muito bonitas e tinham olhos de botões negros.

A nova srta. Spink trajava uma meia-calça verde e botas marrons de cano alto. A nova srta. Forcible usava um vestido branco, e seus longos cabelos loiros estavam adornados com flores.

Coraline se agarrou à poltrona.

A srta. Spink saiu do palco, e em seguida o sopro dos trompetes virou um grunhido à medida que a agulha do gramofone cravava seu percurso no disco de vinil e era removida.

— Essa é a minha cena favorita — cochichou um cachorrinho de uma poltrona próxima.

A outra srta. Forcible sacou uma faca de uma caixa no canto do palco.

— "É um punhal o que enxergo, com o seu cabo voltado para mim?" — perguntou ela.

— Sim! — gritaram todos os cachorrinhos. — É um punhal!

A srta. Forcible fez uma saudação, e todos os cachorros aplaudiram novamente. Coraline não se esforçou dessa vez.

A srta. Spink voltou ao palco. Ela deu um tapa na coxa, e todos os cachorrinhos latiram.

— E agora... — disse a srta. Spink. — Miriam e eu temos o orgulho de apresentar um novo e emocionante adendo a esta exibição teatral. Vejo um voluntário na plateia?

O cachorrinho sentado próximo à Coraline deu uma cutucada nela com a pata dianteira.

— É você — sibilou.

Coraline se levantou e subiu a escada de madeira que levava ao palco.

— Vamos dar uma salva de palmas para essa jovem voluntária? — pediu a srta. Spink.

Os cachorros latiram, grunhiram e abanaram os rabos nas poltronas de veludo.

— E então, Coraline — disse a srta. Spink —, qual é o seu nome?

— Coraline — respondeu a menina.

— Não nos conhecemos, certo?

Coraline olhou para a mulher jovem e magra de olhos negros abotoados e balançou a cabeça.

— Agora fique em pé aqui — pediu a outra srta. Spink.

Ela conduziu Coraline a uma tábua ao lado do palco e colocou um balão no topo de sua cabeça.

A srta. Spink vendou os olhos abotoados da srta. Forcible com um cachecol preto e colocou a faca em suas mãos. Então ela girou a srta. Spink de um lado para outro, três ou quatro vezes, e a posicionou na direção de Coraline, que segurou a respiração e cerrou os punhos.

A srta. Forcible jogou a faca no balão. O balão explodiu, e a faca ficou cravada na tábua, vibrando em seu eixo, logo acima da cabeça de Coraline.

Os cachorros foram ao delírio.

A srta. Spink presenteou Coraline com uma caixinha de chocolate em cumprimento pelo seu espírito esportivo. E Coraline voltou para sua poltrona.

— Você arrasou — disse o cachorrinho.

— Obrigada — respondeu Coraline.

A srta. Forcible e a srta. Spink começaram a fazer malabarismo com enormes clavas de madeira. Coraline abriu a caixa de chocolate. Salivando, o cachorro a encarou.

— Você quer? — perguntou ao cachorrinho.

— Sim, por favor — sussurrou ele. — Mas não quero os que têm caramelo. Eles me fazem babar.

— Achei que chocolate não fizesse bem para os cachorros — comentou ela, lembrando-se de algo que a srta. Forcible lhe dissera uma vez.

— Talvez seja assim lá de onde você vem — sussurrou o cachorrinho. — Aqui só comemos isso.

Coraline não conseguia identificar os chocolates no escuro. Ela deu uma mordidinha em um deles, mas era de coco. Coraline não gostava de coco.

Então o deu para o cachorro.

— Obrigado — disse o cão.

— De nada.

As srtas. Forcible e Spink estavam encenando. A srta. Forcible estava sentada em uma escada portátil e a srta. Spink estava de pé no primeiro degrau.

— "O que há num nome?" — perguntou a srta. Forcible. — "O que chamamos rosa teria o mesmo cheiro com outro nome?"

— Você tem mais chocolate? — quis saber o cão.

Coraline lhe deu outro.

— "Não sei como lhe dizer quem sou" — disse a srta. Spink para a srta. Forcible.

— Essa cena já vai acabar — sussurrou o cão. — E aí começam as danças folclóricas.

— Quanto tempo dura? — perguntou Coraline. — Essa apresentação?

— É contínua — respondeu o cão. — Dura para todo o sempre.

— Toma — falou Coraline. — Pode ficar com os chocolates.

— Obrigado — agradeceu o cão. Coraline se levantou. — Até breve — disse ele.

— Tchau — falou Coraline.

Ela saiu do teatro e voltou para o jardim. Ficou piscando para se acostumar com a luz do dia.

Seus outros pais a esperavam ali, lado a lado. Estavam sorrindo.

— Você se divertiu? — perguntou a outra mãe.

— Foi interessante — contou Coraline.

Os três voltaram juntos para a outra casa de Coraline. A outra mãe de Coraline afagou seus cabelos com os dedos longos. A menina balançou a cabeça.

— Não faça isso — pediu Coraline.

A outra mãe tirou a mão.

— Então — começou o outro pai. — Você gostou daqui?

— Acho que sim — respondeu Coraline. — É muito mais legal do que em casa.

Eles entraram.

— Fico feliz que tenha gostado — disse a outra mãe. — Porque nos agrada pensar que aqui é a sua casa. Você pode ficar para todo o sempre, se quiser.

— Hummm — murmurou Coraline.

A menina enfiou a mão no bolso e pensou a respeito. A mão esbarrou na pedra que as verdadeiras srtas. Spink e Forcible haviam lhe dado um dia antes, a pedra com um buraco no meio.

— Se quiser ficar — continuou seu outro pai —, vamos precisar fazer uma coisinha para garantir sua estadia para todo o sempre.

Eles entraram na cozinha. Sobre a mesa, havia um carretel de algodão em um prato de porcelana, uma agulha comprida de prata e, logo ao lado, dois grandes botões pretos.

— Acho melhor não — falou Coraline.

— Ah, mas nós queremos tanto! — disse a outra mãe. — Nós queremos muito que fique. É só uma detalhezinho.

— Não vai doer — garantiu o outro pai.

Coraline sabia que toda vez que os adultos diziam que alguma coisa não ia doer, quase sempre doía. Ela balançou a cabeça.

Animada, a outra mãe sorriu. Seu cabelo flutuava como plantas no fundo do mar.

— Nós só queremos o que for melhor para você — afirmou a outra mãe.

Ela pôs a mão no ombro de Coraline. A menina recuou.

— Estou indo embora — avisou Coraline.

Ela colocou as mãos nos bolsos. Seus dedos apertaram a pedra com o buraco no meio.

A mão da outra mãe escapuliu do ombro de Coraline como uma aranha assustada.

— Se é isso o que deseja — falou ela, conformada.

— É, sim — disse Coraline.

— Nos veremos em breve — falou o outro pai. — Quando você voltar.

— Hummm — murmurou novamente Coraline.

— Ficaremos bem juntinhos, como uma família feliz — completou a outra mãe. — Para todo o sempre.

Coraline se afastou. Ela se virou, apressou-se em direção à sala de visitas e abriu a porta que ficava no canto do cômodo. Não havia mais a parede de

tijolos, apenas escuridão. Uma escuridão subterrânea, profunda como o negrume da noite, onde as coisas poderiam se mover.

Coraline hesitou. Deu um passo para trás. A outra mãe e o outro pai estavam indo em sua direção, de mãos dadas. Eles a fitavam com seus olhos negros abotoados. Ou talvez ela só *achasse* que eles estavam olhando para ela. Não dava para saber.

A outra mãe estendeu a mão, e seu dedo branco fez um gesto sutil, chamando por Coraline.

— Volte logo — pediu ela com os lábios pálidos e boquiabertos, quase sussurrando.

Coraline respirou fundo e mergulhou na escuridão, onde vozes estranhas cochichavam e ventos distantes uivavam. Ela tinha certeza de que havia algo no breu atrás dela: alguma coisa muito velha e muito lenta. Seu coração disparou. Batia com tanta força e tão alto que ela temeu que pudesse explodir em seu peito. Ela fechou os olhos em meio à escuridão.

Por fim, esbarrou em algo e, perplexa, abriu os olhos. Ela tinha esbarrado em uma poltrona, na sala de visitas de seu apartamento.

O portal agora estava lacrado com duros tijolos vermelhos. Ela estava em casa.

CAPÍTULO
CINCO

"VOCÊ SEMPRE
ESTARÁ SEGURA
PERTO DE MIM."

Coraline trancou a porta da sala de visitas com a chave preta e fria. Foi até a cozinha e subiu numa das cadeiras para pendurar o molho de chaves de volta no batente da porta. Tentou quatro ou cinco vezes antes de aceitar que não era alta o bastante, deixando-as no balcão próximo à porta.

Sua mãe ainda não tinha voltado das compras.

Coraline pegou uma fatia de pão do congelador. Fez uma torrada e passou nela geleia e pasta de amendoim. Depois comeu a torrada e bebeu um copo de água.

Ela esperou os pais chegarem.

Quando começou a escurecer, Coraline assou uma pizza congelada no micro-ondas.

Depois assistiu à televisão. Ela se perguntava por que os adultos se davam o direito de assistir aos melhores programas, aqueles cheios de gritos e correrias.

Então começou a bocejar. Colocou o pijama, escovou os dentes e foi se deitar.

Na manhã seguinte, foi ao quarto dos pais, mas a cama deles continuava intacta e eles não estavam em casa. Assim, Coraline comeu macarrão instantâneo no café da manhã.

No almoço, comeu uma barra gigante de chocolate meio amargo e uma maçã. A maçã estava amarelada e meio murcha, mas o gosto era doce e bom.

Na hora do chá, ela foi visitar as srtas. Spink e Forcible. Comeu três biscoitos, tomou um copo de limonada e uma xícara de chá aguado. A limonada estava muito peculiar. Não tinha gosto de limão. Tinha um gosto meio industrializado, e sua coloração era de um verde radiante. Coraline adorou. Quem dera tivesse aquilo na despensa de casa.

— Como estão seus adoráveis pais? — perguntou a srta. Spink.

— Sumidos — respondeu Coraline. — Não aparecem em casa desde ontem. Estou sozinha. Acho que virei órfã.

— Fale para sua mãe que encontramos aqueles recortes de jornal sobre o Glasgow Empire Theatre que havíamos comentado com ela. Ela pareceu muito interessada quando a Miriam comentou com ela.

— Ela desapareceu sob circunstâncias misteriosas — disse Coraline. — Acho que meu pai também.

— Caroline, meu bem, amanhã vamos passar o dia todo fora — avisou a srta. Forcible. — E vamos pernoitar na casa da sobrinha de April, em Royal Tunbridge Wells.

Elas mostraram para Coraline um álbum com fotos da sobrinha da srta. Spink, e depois a menina voltou para casa.

Ela abriu seu cofrinho e foi ao supermercado. Comprou duas garrafonas de limonada, um bolo de chocolate, um quilo de maçã e comeu isso no jantar.

Então Coraline escovou os dentes e foi ao escritório do pai. Ligou o computador e escreveu uma história:

A HISTÓRIA DE CORALINE
ERA UMA VEZ UMA GAROTA QUE SE CHAMAVA MAÇÃ. ELA DANÇAVA MUITO. ELA DANÇOU E DANÇOU ATÉ SEUS PÉS VIRAREM XAUXIXAS. FIM.

Ela imprimiu a história e desligou o computador. Depois desenhou uma garotinha dançando embaixo das letras impressas.

Preparou um banho de banheira com muita espuma, que transbordou da banheira e inundou o chão. Ela se secou, secou o chão o melhor que pôde e foi se deitar.

Coraline acordou no meio da noite. Foi para o quarto dos pais, mas a cama estava arrumada e vazia. O verde fluorescente do relógio digital brilhava e anunciava: 3h12 da madrugada.

Completamente sozinha, no meio da noite, Coraline começou a chorar. E nenhum outro som era ouvido no apartamento vazio. Ela subiu na cama dos pais e, depois de um tempo, voltou a dormir.

Coraline foi acordada por patas geladas em seu rosto. Ela abriu os olhos. Olhões verdes a encaravam. Era o gato.

— Olá — disse Coraline. — Como entrou aqui?

O gato não disse nada, e Coraline se levantou da cama. Ela vestia uma camiseta longa e a calça do pijama.

— Você tem algo para me contar?

O gato bocejou, e isso fez seus olhos verdes se acenderem.

— Você sabe onde a mamãe e o papai estão?

O gato piscou.

— Isso é um sim?

O gato piscou de novo. Coraline entendeu que era um sim.

— Você vai me levar até eles?

O gato encarou Coraline e saiu do quarto. Ela o seguiu. O felino andou pelo corredor e parou no final dele, onde havia um espelho de corpo inteiro pendurado. Durante muito tempo esse espelho ficou na parte de dentro do guarda-roupa, mas já estava do lado de fora quando eles se mudaram. Embora

a mãe de Coraline tenha mencionado algumas vezes sobre trocá-lo por um mais novo, ela nunca o fez.

Coraline acendeu a luz.

Conforme esperado, o espelho revelou o corredor atrás dela. E, na imagem refletida, estavam seus pais. Pareciam tristes e sozinhos, com dificuldade até para ficar de pé. Abraçados, acenaram lentamente para a filha, as mãos desanimadas.

No espelho, olhavam fixamente para Coraline. O pai abriu a boca e disse alguma coisa, mas a menina não conseguiu ouvir. A mãe baforou no vidro do espelho e, rapidamente, antes que o embaçado sumisse, ela escreveu com a ponta do dedo:

ORROCOS

A palavra começou a desaparecer, assim como os pais dela. Agora, no espelho, só havia o corredor, Coraline e o gato.

— Onde eles estão? — perguntou a menina ao felino.

O gato não respondeu, mas Coraline imaginou sua voz, seca como um inseto morto no parapeito da janela, no inverno, dizendo: "Ora, onde você acha que eles estão?"

— Eles não vão voltar, né? — perguntou Coraline. — Não por seus próprios meios.

O gato piscou para ela. Coraline entendeu como um sim.

— Certo. Então acho que só há uma coisa a ser feita.

Ela foi até o escritório do pai, abriu a lista telefônica e ligou para a delegacia do bairro.

— Delegacia de Polícia — atendeu uma voz masculina rouca.

— Olá — disse ela. — Meu nome é Coraline Jones.

— Já passou da hora de estar na cama, não é, mocinha? — disse o policial.

— Talvez — respondeu Coraline, que não estava para brincadeira. — Estou ligando para denunciar um crime.

— E que tipo de crime seria?

— Sequestro. Meus pais foram raptados para o outro lado do espelho do nosso corredor.

— E você sabe quem os raptou? — perguntou o policial.

Coraline conseguiu ouvir a risada na voz dele. Ela tentou ao máximo soar como uma adulta, para ser levada a sério:

— Acho que estão sob as garras de minha outra mãe. Ela talvez queira prendê-los para costurar seus olhos com botões pretos. Ou talvez queira usá-los para me atrair de volta para lá. Não tenho certeza.

— Ah, sim. Aqueles dedos demoníacos e suas abomináveis garras, não é? — disse ele. — Hummm. Sabe qual é a minha sugestão, srta. Jones?

— Não — respondeu Coraline. — Qual é?

— Peça para sua mãe fazer uma canecona de chocolate quente para você. E depois te dar um abraço bem apertado. Não há nada melhor do que chocolate e abraço para espantar os pesadelos. E se ela reclamar por ter sido acordada no meio da noite, diga que foram ordens do policial.

Ele tinha uma voz grave e reconfortante.

Mas Coraline não se tranquilizou.

— Quando eu encontrá-la, vou dizer isso a ela — afirmou Coraline.

E desligou o telefone.

O gato preto, que estava sentado no chão, lambendo o próprio pelo durante toda a conversa, levantou-se indicando o caminho para o corredor.

Coraline voltou para o quarto, vestiu seu roupão azul e calçou os chinelos. Ela procurou uma lanterna embaixo da pia e encontrou uma, mas a pilha estava fraca havia muito tempo e mal reluzia, emitindo uma luz cor de palha. Ela deixou a lanterna de lado e achou velas brancas em uma caixa de primeiros socorros. Colocou uma delas num castiçal. Depois uma maçã em cada bolso. Pegou o molho de chaves e de lá tirou a velha chave preta.

Então se encaminhou para a sala de visitas e olhou para a porta. Ela teve a sensação de que a porta a observava, e achou isso uma bobagem, mesmo sabendo, inconscientemente, que era verdade.

Voltou para o quarto e vasculhou o bolso da calça jeans. Lá encontrou a pedra com o buraco no meio e a guardou no bolso do roupão.

Depois, Coraline acendeu o pavio da vela com um fósforo e o observou crepitar e se acender. Pegou a chave preta. Estava fria. Colocou a chave na fechadura da porta, mas não a girou.

— Quando eu era criança — disse para o gato —, quando morávamos na nossa antiga casa, há muito, muito tempo, meu pai me levou para passear num terreno baldio que ficava entre a nossa casa e as lojas do bairro.

"Não era o melhor lugar para se fazer um passeio. Lá ficavam todas as coisas que as pessoas jogavam fora: fogões velhos, louças quebradas, bonecas sem braço nem perna, latas vazias e garrafas despedaçadas. Papai e mamãe me fizeram prometer que eu não voltaria lá para desbravar sozinha, porque havia muitas coisas cortantes, e tétano etc.

"Mas continuei dizendo que queria desbravar o lugar. Então, um dia, meu pai colocou suas botas marrons e suas luvas. Eu calcei minhas botas, vesti minha calça jeans e botei meu suéter, e fomos dar uma volta.

"Acho que caminhamos durante uns vinte minutos. Descemos a colina até o pé de um barranco onde havia um córrego. De repente, meu pai disse: 'Fuja, Coraline. Para o topo da colina. Agora!' Ele disse com firmeza, com urgência, e foi o que fiz. Subi a colina correndo. Alguma coisa me feriu no braço enquanto eu corria, mas continuei correndo.

"Quando estava chegando ao topo da colina, ouvi alguém subindo correndo atrás de mim. Era o meu pai, disparando como um rinoceronte. Quando me alcançou, me pegou pelo braço e me ergueu lá em cima.

"Ofegantes e com o coração palpitando, nós fizemos uma parada e olhamos para o barranco lá embaixo.

"O ar se encheu de vida com vespas amarelas. Acho que, no caminho, pisamos num vespeiro de um tronco apodrecido. Enquanto eu corria colina acima, meu pai parou para ser picado, para me dar tempo de fugir. Seus óculos caíram quando ele começou a correr.

"Eu só levei aquela picadinha no braço. Meu pai levou trinta e nove picadas, no corpo todo. Nós contamos depois, no banho."

O gato preto começou a lamber o próprio rosto e o bigode de um jeito que expressava crescente impaciência. Coraline se abaixou e deu um tapinha de leve na cabeça dele. O gato se levantou, afastou-se de Coraline, então se sentou e olhou para ela novamente.

— Aí — continuou Coraline —, no fim daquela tarde, meu pai voltou ao terreno baldio para pegar os óculos. Disse que se deixasse para o dia seguinte não ia conseguir se lembrar do lugar onde eles tinham caído. Logo voltou para

casa, de óculos. Contou que só não sentiu medo quando estava lá e as vespas começaram a picá-lo e a feri-lo porque estava me vendo fugir. Ele sabia que precisava me dar tempo suficiente para correr, ou as vespas voariam atrás de nós dois.

Coraline girou a chave na fechadura da porta. Ela destrancou num sonoro *clunc* .

A porta se abriu.

Não havia parede de tijolos: só escuridão. Um vento frio soprou no corredor. Coraline não se moveu.

— E ele disse que não tinha sido corajoso ao fazer aquilo, de ficar lá e ser picado — acrescentou Coraline para o gato. — Não foi corajoso porque ele não estava com medo. Era a única coisa que podia fazer naquele momento. Mas, ao voltar para buscar os óculos, sabendo que as vespas estavam lá, ele sentiu medo. *Isso, sim* , foi corajoso.

Ela deu o primeiro passo para o corredor escuro.

Sentiu o cheiro de poeira, umidade e mofo.

O gato caminhava ao seu lado.

— E por que ele fez isso? — perguntou o gato, embora não parecesse muito interessado.

— Porque coragem é quando você sente medo de fazer algo, mas faz mesmo assim, é quando você enfrenta o medo — respondeu ela.

A vela projetava enormes, estranhas e oscilantes sombras pelo corredor. Ela ouviu algo se mover na escuridão. Se a coisa se movia do seu lado ou perto dali, não saberia dizer. Fosse o que fosse, parecia que acompanhava seus passos.

— Então é por isso que está voltando para o mundo *dela* ? — perguntou o gato. — Porque uma vez seu pai salvou você das vespas?

— Não seja bobo — disse Coraline. — Estou voltando por eles, porque eles são meus pais. Se eu sumisse, tenho certeza de que fariam o mesmo por mim. Você percebeu que voltou a falar?

— Eu sou muito sortudo de ter uma companheira de aventuras tão sábia e inteligente.

O tom continuava sarcástico, mas seu pelo estava eriçado, e a cauda viçosa se erguia no ar.

Coraline ia dizer alguma coisa, algo como “desculpa” ou “será que a caminhada não foi mais curta da última vez?”, quando a chama da vela sumiu de repente, como se tivesse sido apagada pela mão de alguém.

Som de arranhões e de patas. O coração de Coraline disparou. Ela estendeu a mão… e sentiu um fio fino como uma teia de aranha tocar suas mãos e seu rosto.

No final do corredor, uma lâmpada se acendeu, cegando-a por um instante.

Coraline identificou a silhueta de uma mulher em pé contra a luz.

— Coraline? Querida?

— Mãe! — exclamou Coraline. E correu para abraçá-la, nervosa e aliviada.

— Querida — disse a mulher —, por que fugiu de mim?

Coraline já estava muito perto para parar, e sentiu o abraço gélido da outra mãe. Ficou ali, presa e trêmula, enquanto a mulher a apertava com força.

— Onde estão os meus pais? — perguntou Coraline.

— Estamos aqui — respondeu a outra mãe, com uma voz tão parecida com a de sua mãe real que Coraline mal saberia distingui-las. — Estamos aqui. Prontos para amar você, brincar com você, alimentar você e fazer com que sua vida seja mais interessante.

Coraline deu um passo para trás, e a outra mãe assentiu, com relutância.

O outro pai, que estava sentado em uma poltrona no corredor, se levantou e sorriu.

— Venha para a cozinha — chamou ele. — Vou fazer um lanchinho noturno para a gente. Você vai querer beber alguma coisa? Um chocolate quente, talvez?

Coraline caminhou pelo corredor até chegar ao final dele, onde ficava o espelho. Não havia nada refletido além de uma garotinha de roupão e chinelos, com cara de que havia acabado de chorar. Mas seus olhos eram olhos reais, não botões pretos, e segurava com força o castiçal com a vela apagada.

Coraline olhou para a garota no espelho, e a garota no espelho a olhou de volta.

Vou ser corajosa , pensou Coraline. *Não, eu* sou *corajosa.*

Ela colocou o castiçal no chão e se virou. A outra mãe e o outro pai a encaravam com um olhar faminto.

— Não quero lanchar — disse ela. — Eu tenho uma maçã. Estão vendo?

Ela tirou a maçã do bolso do roupão e deu uma mordida com uma satisfação e um entusiasmo que na verdade não estava sentindo.

O outro pai parecia decepcionado. A outra mãe sorriu, mostrando os dentes, muito compridos. As luzes do corredor fizeram seus olhos negros abotoados brilharem e reluzirem.

— Vocês não me assustam — desafiou Coraline, embora eles a assustassem muito. — Quero os meus pais de volta.

O mundo ali parecia tremeluzir devagar nos cantos.

— O que eu poderia ter feito com os seus outros pais? Se eles a abandonaram, Coraline, deve ser porque ficaram entediados ou se cansaram de você. Mas eu nunca vou me entediar e nunca vou abandonar você. Você sempre estará segura perto de mim.

Os cabelos negros da outra mãe pareciam estar molhados. Flutuavam ao redor de sua cabeça como os de uma criatura do fundo do oceano.

— Eles não se cansaram de mim — retrucou Coraline. — Você está mentindo. Você os sequestrou.

— Pobre, pobre Coraline. Onde quer que estejam, eles devem estar bem.

Coraline fez uma cara feia para a outra mãe.

— Eu posso provar — disse a mulher.

E então esfregou a superfície do espelho com seus dedos longos e brancos. O espelho se anuviou, como se um dragão tivesse dado uma baforada nele, e em seguida clareou.

Dentro do espelho já era dia. Coraline conseguia ver todo o corredor até a porta da frente de sua casa. A porta se abriu, e por ela entraram o pai e a mãe de Coraline. Eles carregavam malas.

— Que férias maravilhosas! — disse o pai de Coraline.

— Como é bom não ter mais a Coraline conosco — afirmou a mãe, com um sorriso alegre. — Agora podemos fazer todas as coisas que sempre quisemos fazer mas que nunca conseguimos, porque tínhamos uma filha pequena. Por exemplo, viajar!

— E tem mais — continuou o pai. — Eu fico sossegado em saber que a outra mãe vai cuidar dela bem melhor do que a gente.

O espelho se anuviou, a imagem sumiu aos poucos, dando lugar novamente à escuridão.

— Viu só? — perguntou a outra mãe.

— Não — respondeu Coraline. — Não vi nada. Eu não acredito nisso.

Ela esperava que o que havia acabado de ver não fosse real, mas não tinha tanta certeza. Restava uma dúvida miúda, como um bicho dentro da maçã. Coraline olhou para cima e viu a expressão da outra mãe: um lampejo de raiva genuína, que cruzava seu rosto como um raio de verão. Com isso, Coraline sentiu em seu coração que o que vira no espelho era só uma ilusão.

Coraline se sentou no sofá e comeu a maçã.

— Por favor — prosseguiu a outra mãe. — Não seja cabeça-dura. — Ela foi até a sala de visitas e bateu palmas duas vezes. Ouviu-se um rumor, e então o ratão preto apareceu. Ele a encarou. — Traga a chave pra mim — ordenou ela.

O rato chiou e, em seguida, correu para a porta que dava para o apartamento de Coraline.

Ele voltou arrastando a chave.

— Por que você não tem a própria chave do lado de cá? — perguntou Coraline.

— Só existe uma chave. Uma única porta — respondeu o outro pai.

— Shhh — sibilou a outra mãe. — Não encha a cabeça de nossa querida Coraline com essas bobagens.

Ela colocou a chave no buraco da fechadura e girou. Emperrou um pouco, mas, com um estampido, a porta se fechou.

A mulher jogou a chave no bolso de seu avental.

O céu começou a se abrir do lado de fora, exibindo um cinza radiante.

— Se não vamos fazer um lanchinho noturno — disse a outra mãe —, ainda precisamos do sono da beleza. Vou voltar para a cama, Coraline. E sugiro veementemente que faça o mesmo.

A menina apoiou seus longos dedos brancos nos ombros do outro pai, e os dois saíram da sala.

Coraline foi até a porta, no canto da sala de visitas. Tentou abri-la, mas estava trancada. A porta do quarto de seus outros pais já estava fechada.

Ela estava muito cansada, mas não queria dormir no seu outro quarto. Não queria dormir sob o mesmo teto que a outra mãe. A porta da frente não estava trancada. Coraline saiu madrugada afora e desceu a escada de pedras. Ela se sentou no degrau mais baixo. Estava frio.

Uma coisa peluda se aproximou dela num movimento suave e insinuante. Coraline deu um pulo, mas respirou aliviada quando viu do que se tratava.

— Ah, é você — falou ao gato preto.

— Viu? — falou o gato. — Não foi difícil me reconhecer, foi? Mesmo sem nome.

— Mas e se eu quisesse chamar você?

O gato enrugou o focinho, tentando parecer indiferente.

— Chamar os gatos é uma atividade superestimada — confidenciou ele. — É o mesmo que chamar um furacão pelo nome.

— E se fosse a hora do jantar? — perguntou Coraline. — Você gostaria de ser chamado?

— Mas é claro — respondeu o gato. — Mas gritar um simples "hora do jantar!" já seria perfeito. Viu? Os nomes não servem para nada.

— Por que ela me quer aqui? — quis saber Coraline. — Por que ela me quer presa aqui com ela?

— Acho que ela quer algo para amar — opinou o gato. — Algo que não seja ela mesma. Talvez também queira algo para comer. Com uma criatura daquelas nunca dá pra saber ao certo.

— Você tem algum conselho para me dar? — perguntou Coraline.

O gato a olhou como se estivesse prestes a falar alguma coisa sarcástica. Então sacolejou o bigode e disse:

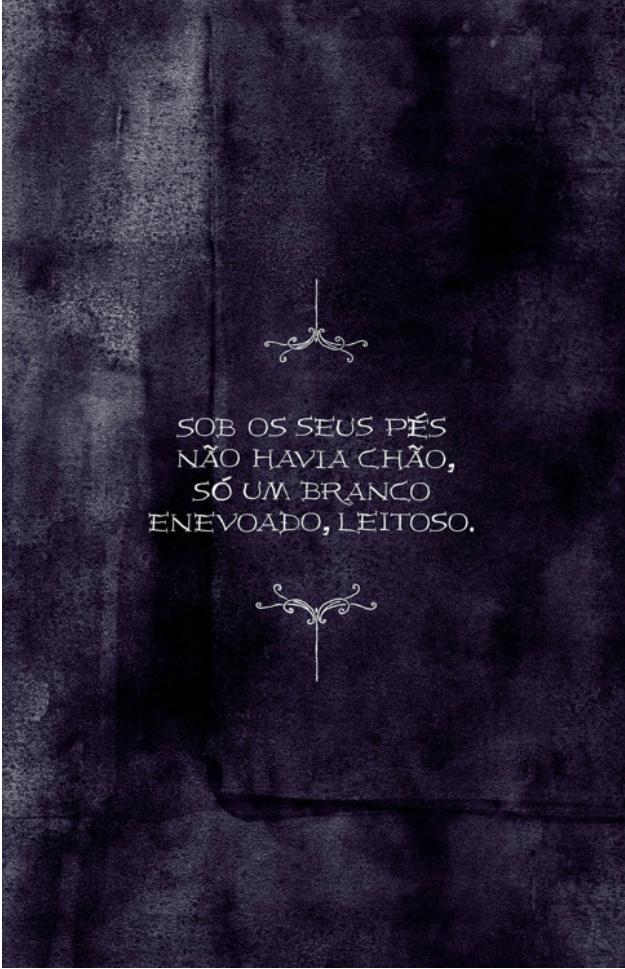
— Você precisa desafiá-la. Não é garantido que ela vai jogar limpo com você, mas aquele tipinho de criatura ama jogos e desafios.

— E que tipinho de criatura é ela? — perguntou Coraline.

Mas o gato não respondeu. Apenas se espreguiçou exuberante e saiu andando. Mas parou, virou-se e disse:

— Se eu fosse você, entraria agora. Tente dormir um pouco. Você tem um longo dia pela frente.

Depois disso, ele sumiu. Coraline reconheceu que o gato tinha razão. Assim, ela se arrastou de volta para a casa silenciosa, passou pela porta fechada

do quarto onde sua outra mãe e seu outro pai estavam... *Estavam o quê?* , pensou. *Dormindo? Esperando?*

Então lhe passou pela cabeça que, se abrisse a porta, o quarto estaria vazio. Ou, mais precisamente, que era um quarto vazio e que permaneceria assim até que Coraline abrisse a porta.

De algum jeito, isso facilitava as coisas para ela. Coraline entrou naquela versão verde e rosa de seu quarto. Ela fechou a porta e a escorou com a caixa de brinquedos. Bem, isso não evitaria a entrada de ninguém, mas o ruído ocasionado por uma tentativa de abertura da porta a acordaria. Ou, pelo menos, assim esperava.

Os brinquedos na caixa ainda estavam dormindo. Eles se remexeram e murmuraram quando Coraline arrastou a caixa, e então voltaram a dormir. Coraline olhou embaixo da cama, procurando pelos ratos, mas não havia nada lá. Ela tirou o roupão e os chinelos, deitou-se na cama e dormiu antes mesmo de conseguir refletir sobre as palavras do gato, quando disse que a criatura teria que ser *desafiada* .

CAPÍTULO
SEIS

SOB OS SEUS PÉS
NÃO HAVIA CHÃO,
SÓ UM BRANCO
ENEVOADO, LEITOSO.

Coraline acordou com o radiante sol da manhã batendo em seu rosto. Por um instante, sentiu-se deslocada. Não sabia onde estava nem tinha muita certeza de *quem* era. É assombroso que aquilo de que somos feitos esteja tão ligado à cama onde acordamos pela manhã, e o mais assustador é a fragilidade disso.

Às vezes Coraline se esquecia de quem era quando sonhava acordada que desbravava o Ártico, a floresta amazônica ou a África inexplorada. Até que alguém lhe dava um tapinha no ombro ou chamava seu nome. Só então Coraline voltava de milhas e milhas de distância num susto e, em frações de segundo, tinha que se lembrar de quem era, ou qual era o seu nome, e até mesmo onde estava.

Agora o sol iluminava seu rosto e ela se chamava Coraline Jones. Sim. E o verde e rosa do quarto, além do farfalhar de uma enorme borboleta colorida de papel, que esvoaçava e batia no teto, lhe esclareceram onde estava.

Ela desceu da cama. Não podia usar pijama, roupão ou chinelos durante o dia, concluiu, mesmo que isso significasse usar as roupas da outra Coraline. (Havia outra Coraline? Não, percebeu que não. Só havia ela.) Entretanto, não tinha roupas normais no armário. Pareciam fantasias ou (pensou) o tipo de roupa que gostaria de ter no armário de casa: um vestido rasgado de bruxa, uma roupa remendada de espantalho, uma de guerreiro do futuro com

luzinhas que brilhavam e piscavam, um vestido de gala coberto de penas e espelhos. Por fim, em uma gaveta, ela encontrou uma calça jeans preta, que parecia ser feita do veludo da noite, e um suéter cinza da cor de uma fumaça espessa, estampado com longínquas e pequenas estrelas cintilantes.

Coraline vestiu a calça jeans e o suéter. Depois, calçou a bota laranja brilhante que encontrou na parte inferior do armário.

Tirou a última maçã do bolso de seu roupão e, em seguida, do mesmo bolso, a pedra com um buraco no meio.

Colocou a pedra no bolso da calça, e foi como se suas ideias clareassem um pouco. Como se tivesse saído de dentro da névoa. Entrou na cozinha, mas estava deserta.

Mesmo assim, Coraline tinha certeza de que havia alguém em casa. Andou pelo corredor em direção ao escritório do outro pai e descobriu que ele estava ocupado.

— Onde está a outra mãe? — perguntou ao outro pai.

Ele estava sentado em uma mesa idêntica à de seu pai, mas não fazia absolutamente nada, nem mesmo lia catálogos de jardinagem, como seu pai costumava fazer quando fingia que estava trabalhando.

— Lá fora — respondeu ele. — Consertando as portas. Estão empesteadas.

Ele pareceu feliz por ter com quem conversar.

— Ratos?

— Não, os ratos são nossos amigos. É outra coisa. Aquele camarada preto e grande com a cauda empinada.

— O gato?

— Isso mesmo — respondeu o outro pai.

Hoje ele estava menos parecido com seu pai verdadeiro. Havia algo ligeiramente indefinido em seu rosto, como massa de pão que começa a crescer e aos poucos nivela os calombos, buracos e rachaduras.

— Sério, eu não devo conversar com você quando ela não está presente — disse ele. — Mas não se preocupe. Ela não costuma sair. Vou demonstrar nossa generosa hospitalidade, de modo que você nem vai pensar em voltar.

Ele se calou e cruzou as mãos sobre as pernas.

— O que devo fazer agora, então? — perguntou Coraline.

O outro pai apontou para os lábios. Silêncio.

— Se não vai conversar comigo — continuou a menina —, vou sair para explorar.

— Não vale a pena — disse o outro pai. — Não há nada além daqui. Tudo que ela fez foi a casa, os pisos e as pessoas da casa. Ela fez e aguardou.

Ele pareceu constrangido e colocou os dedos sobre os lábios novamente, como se tivesse falado demais.

Coraline saiu do escritório. Foi para a sala de visitas, em direção à velha porta. Bateu, empurrou, chacoalhou a porta, e nada. Estava bem trancada, e a chave estava com a outra mãe.

Olhou ao redor. Tudo era tão familiar e, por isso, muito estranho também. Era exatamente igual em sua memória: todo o mobiliário de sua avó com um cheiro desagradável, a pintura da fruteira (um cacho de uvas, duas ameixas, uma pera e uma maçã) na parede, a mesinha de madeira com patas de leão e a lareira vazia que parecia tragar o calor da sala.

Mas havia algo mais, uma coisa que não se lembrava de ter visto antes. Uma bola de vidro sobre a cornija da lareira.

Caminhou até lá, na ponta dos pés, e examinou a bola. Um globo de neve com duas pessoas dentro. Coraline sacudiu o globo, e a neve começou a cair, uma neve branca que reluzia ao cair na água.

Ela colocou o globo de neve de volta no lugar e continuou sua busca por seus verdadeiros pais e também por uma saída.

Coraline saiu do apartamento. Passou pela porta de luzes piscantes, onde as outras srta. Spink e srta. Forcible encenavam seu show eterno, e adentrou o bosque.

De onde Coraline vinha, não se via nada além de um prado e da velha quadra de tênis quando se passava do arvoredo. Ali, o bosque era mais vasto e, à medida que avançava, as árvores ficavam mais grosseiras e menos parecidas com árvores.

E logo elas pareciam só versões muito aproximadas da ideia de árvore: embaixo um tronco marrom-acinzentado, em cima um borrão esverdeado onde deveriam ser as folhas.

Coraline se perguntou se a outra mãe não tinha interesse em árvores, ou se só não tinha se dado ao trabalho de pensar naquela região, pois não esperava

que alguém fosse até lá.

Ela continuou andando.

Então surgiu a névoa.

Não era úmida, como a neblina comum ou um nevoeiro. Não era fria nem quente. Coraline sentia como se caminhasse rumo ao nada.

Eu sou uma desbravadora , pensava ela com seus botões. *E preciso encontrar todos os caminhos que me levam para longe daqui. Então vou continuar caminhando.*

O mundo por onde se aventurava era um nada sem cor, como uma folha de papel em branco ou um enorme cômodo vazio. Não tinha temperatura, nem cheiro, nem textura, nem gosto.

Com certeza não é uma névoa comum , pensou Coraline, mesmo sem saber do que se tratava. Por um momento, achou que tinha ficado cega. Mas não era o caso. Ela conseguia se enxergar, assim como conseguia enxergar o dia. Sob os seus pés não havia chão, só um branco enevoado, leitoso.

— O que você acha que está fazendo aqui? — disse uma forma ao seu lado.

Alguns minutos se passaram até que seus olhos focassem a sombra corretamente. No começo, pensou ser um leão se aproximando, mas depois achou que podia ser um rato, bem ao seu lado. E finalmente descobriu.

— Estou explorando — respondeu Coraline para o gato.

O pelo dele se eriçou e seus olhos se arregalaram, mas sua cauda estava encolhida entre as pernas. Ele não parecia feliz.

— Péssimo lugar para explorar — disse o gato. — Se quer chamar isto aqui de lugar, tudo bem, porque eu não consigo. O que faz aqui?

— Estou explorando, já falei.

— Não há nada aqui — comentou o gato. — Aqui é só o lado de fora, o pedaço que *ela* não se preocupou em erguer.

— Ela?

— Aquela que diz ser sua outra mãe — respondeu o gato.

— O que ela é? — perguntou Coraline.

O gato não respondeu. Apenas caminhava sob a neblina ao lado de Coraline.

Uma forma começou a se materializar à sua frente, uma forma alta, grande e escura.

— Você estava errado! — exclamou para o gato. — Tem alguma coisa aqui!

Então a forma se revelou na neblina: uma casa escura, que pairava diante deles em meio à brancura disforme.

— Mas isso é a... — começou a dizer Coraline.

— A casa de onde você acabou de sair — completou o gato.

— Talvez eu tenha me perdido na neblina — disse Coraline.

O gato enrolou a ponta do rabo, formando um sinal de interrogação, e inclinou a cabeça para o lado.

— *Você* pode ter se perdido, sim — afirmou o gato. — Eu, não.

— Mas como você pode se afastar de uma coisa e logo retornar para ela?

— É fácil. Pense em alguém caminhando ao redor do mundo. Você começa a tomar distância de algo e termina voltando para o mesmo lugar.

— Mundo pequeno — apontou Coraline.

— É grande demais para ela — disse o gato. — As teias de aranha só precisam ser do tamanho ideal para pegar moscas.

Coraline ficou arrepiada.

— Ele disse que ela está consertando todas as portas — contou Coraline. — Para manter você afastado de lá.

— Ela *pode tentar* — respondeu o gato, indiferente. — Ah, sim, ela *pode tentar*. — Estavam em pé sob algumas árvores, ao lado da casa. Essas, sim, pareciam árvores. — Aqui há muitas entradas e saídas que até *ela* desconhece.

— Então foi ela que criou este lugar? — perguntou Coraline.

— Criou... achou... Que diferença faz? — rebateu o gato. — De todo modo, ela é a proprietária. Espera aí. — O gato ficou arrepiado e deu um pulo. Antes que Coraline se desse conta, ele já estava com uma pata sobre um ratão preto. — Não que eu goste de ratos — disse o gato, amigavelmente, como se nada tivesse acontecido —, mas neste lugar os ratos são espiões dela. Ela confia a eles a tarefa de serem seus olhos e suas mãos...

Então ele deixou o rato partir. O roedor tomou distância, mas, com um pulo, o gato já estava novamente sobre ele, com sua garra afiada, enchendo-o de golpes enquanto o prendia ao chão com a outra pata.

— Essa é minha parte preferida — falou o gato. — Quer ver de novo?

— Não — disse Coraline. — Por que você faz isso? Que tortura.

— Hummm — murmurou o gato.

E deixou o rato partir novamente.

O rato tropeçou, atordoado, e então voltou a correr. Com um golpe, o gato jogou o rato para cima e o agarrou com a boca.

— Para! — ordenou Coraline.

O gato posicionou o rato entre suas patas dianteiras.

— Há quem diga — disse ele, suspirando, em um tom de voz tão macio quanto seda — que o gato é misericordioso ao brincar com sua presa. Isso permite que seu petisquinho atrevido consiga escapar de vez em quando. Com que frequência seu jantar escapa de você?

Então ele pegou o rato com a boca e o levou para dentro da mata, para trás de uma árvore.

E Coraline voltou para casa.

Tudo estava silencioso, vazio e desabitado. Até seus passos no carpete soavam alto. Partículas de poeira se levantavam em meio aos raios de sol.

No final do corredor, o espelho. Ela conseguia se ver enquanto andava em direção a ele. No reflexo, parecia mais corajosa do que se sentia. Nada mais se refletia no espelho. Só ela, no corredor.

Uma mão tocou seu ombro, e ela olhou para cima. A outra mãe a encarava com seus olhões de botão.

— Coraline, minha querida. Pensei que poderíamos brincar um pouco esta manhã, agora que voltou do passeio. Amarelinha? Baralho? Banco Imobiliário?

— Você não apareceu no espelho — afirmou Coraline.

A outra mãe sorriu.

— Espelhos nunca são confiáveis — disse ela. — Vamos brincar de quê?

Coraline balançou a cabeça.

— Não quero brincar com você. Quero ir para casa e ficar com os meus verdadeiros pais. Eu quero que os liberte. Quero que nos liberte.

A outra mãe balançou a cabeça, bem lentamente.

— Mais afiada do que presa de cobra é a ingratidão de uma filha. Mas até o espírito mais orgulhoso pode ser desarmado com amor.

Seus longos dedos brancos sacolejaram, acariciando o ar.

— Eu não pretendo amar você — insistiu Coraline. — Não tem jeito. Não tem como me obrigar.

— Vamos conversar sobre isso — insistiu a outra mãe, e se virou para ir até a sala.

Coraline a seguiu.

A outra mãe se sentou num grande sofá. Ela pegou uma bolsa de compras que estava ao lado e de lá tirou um saco de papel branco e farfalhante.

Ela ofereceu o saco para Coraline.

— Quer um? — perguntou educadamente.

Coraline olhou para o saco, esperando que fosse um caramelo ou um bombom. Mas ele estava lotado de enormes besouros reluzentes que subiam uns em cima dos outros tentando sair do saco.

— Não — respondeu Coraline. — Não quero.

— Como desejar — disse a outra mãe.

Com cuidado, ela pescou um besouro particularmente grande, arrancou suas patas (jogadas, habilmente, em um cinzeiro de vidro sobre a mesinha de canto), e colocou o inseto na boca, mastigando-o com prazer.

— Hummmm — murmurou ela, e pegou outro.

— Você é asquerosa — falou Coraline. — Asquerosa e estranha.

— Isso é jeito de falar com sua mãe? — perguntou a outra mãe, com a boca cheia de besouros.

— Você não é a minha mãe — rebateu Coraline.

A outra mãe ignorou o desaforo.

— Bem, acho que você está muito agitada, Coraline. Talvez seja bom fazermos um pouco de bordado juntas à tarde, ou pintura em aquarela. Depois podemos jantar e, se você se comportar, pode brincar um pouco com os ratos antes de dormir. Então leio uma história, cubro você e lhe dou um beijo de boa-noite.

Seus longos dedos brancos flutuavam suavemente, como uma borboleta exausta.

Coraline estremeceu.

— Não — disse a menina.

A outra mãe se sentou no sofá. Sua boca virou uma linha, os lábios franzidos. Jogou mais um besouro na boca e depois outro, como se estivesse comendo passas com chocolate. Seus olhos negros penetraram os olhos amendoados de Coraline. Seus cabelos negros brilhantes se enrolaram e se embaralharam entre seus ombros e o pescoço, como se soprassem uma espécie de vento imperceptível para Coraline.

As duas ficaram se encarando por mais de um minuto. Então a outra mãe disse:

— Tenha modos!

Ela dobrou o saco branco de papel com cuidado, para os besouros não escaparem, e o colocou de volta na bolsa de compras. Então se levantou, se levantou e se levantou: ela parecia mais alta do que Coraline se lembrava.

A mulher enfiou a mão no bolso do avental e primeiro tirou a chave preta. Pareceu estranhá-la, arremessou-a dentro da sacola de compras. Depois, pegou uma pequena chave prata. Radiante, ergueu o objeto.

— Aqui está — disse ela. — É para você, Coraline. Para o seu bem. Porque amo você. Quero que tenha modos. Afinal, bons modos fazem o homem.

Ela empurrou Coraline para o corredor e avançou na direção do espelho. Enfiou a pequena chave prata no espelho e a girou.

O espelho se abriu como uma porta, revelando, atrás dele, apenas escuridão.

— Você só vai poder sair quando aprender boas maneiras. — disse a outra mãe. — E quando estiver pronta para ser uma filha amável.

Ela segurou Coraline e a empurrou para dentro da escuridão. Um pedaço de besouro estava grudado em seu lábio inferior, e seus olhos negros não transmitiam emoção alguma.

Ela fechou a porta do espelho, deixando Coraline no breu.

CAPÍTULO
SETE

"ELA ROUBOU
NOSSOS CORAÇÕES
E NOSSAS ALMAS."

Em algum lugar dentro de si, Coraline sentia brotar um imenso soluço. Mas ela segurou o choro e respirou fundo. Esticou as mãos para tatear o lugar onde estava presa. Era do tamanho de um armário de vassouras: alto o suficiente para ficar de pé e com a largura necessária para se sentar, mas não para se deitar. Uma das laterais era de vidro e fria.

Ela vasculhou o ambiente minúsculo pela segunda vez, passando a mão por todas as superfícies, apalpando maçanetas, interruptores e trancas ocultas. Buscou algum jeito de escapar dali, mas não encontrou nada.

Uma aranha se atirou sobre a sua mão, e ela sufocou um grito. Mas, tirando a aranha, ela estava sozinha na escuridão do armário.

Então sua mão esbarrou em algo que se parecia com as bochechas e os lábios de alguém. Os lábios eram pequenos e gelados. E uma voz saiu desses lábios, sussurrando no ouvido de Coraline:

— Silêncio! Shhhh! Não diga nada, a velhaca pode estar ouvindo!

Coraline não disse nada. Em vez disso, sentiu uma mão gelada tocar seu rosto. Os dedos eram gentis e suaves como as asas de uma mariposa.

Outra voz, tão hesitante e balbuciante que Coraline achou que estivesse imaginando coisas, falou:

— És tu? Estás viva?

— Sim — sussurrou Coraline.

— Coitadinha — disse a primeira voz.

— Quem é você? — perguntou Coraline.

— Nomes, nomes, nomes — disse a outra voz, ainda mais distante e desorientada. — Os nomes são as primeiras coisas a desaparecer depois que a respiração cessa e o coração para de bater. Nossa memória dura mais do que o nosso nome. Ainda consigo me lembrar de minha babá carregando meu bambolê em alguma manhã de maio. Ou do sol nascendo atrás dela, as tulipas balançando ao sabor da brisa. Mas já esqueci o nome da minha babá e o nome das tulipas também.

— Acho que tulipas não têm nome — disse Coraline. — Elas são só tulipas.

— Talvez — respondeu a voz, desapontada. — Mas sempre pensei que aquelas deveriam ter nomes. Eram vermelhas, alaranjadas e amareladas, como a brasa da lareira no quarto de brinquedos numa noite de inverno. Eu lembro bem.

A voz parecia tão triste que Coraline estendeu a mão na direção dela. Acabou esbarrando numa mão fria. E a segurou com firmeza.

Seus olhos já estavam se acostumando com a escuridão. Então Coraline viu, ou imaginou ver, três formas, tão frágeis e pálidas como o luar durante o dia. Formas de crianças que eram quase do seu tamanho. A mão gelada apertou a de Coraline.

— Agradeço — disse a voz.

— Você é menina? — perguntou Coraline. — Ou menino?

Uma pausa.

— Quando eu era menor, usava saias e meu cabelo era comprido e encaracolado — respondeu a voz, incerta. — Mas, já que perguntou, teve um dia que eles tiraram as saias de mim e me deram calças e cortaram meu cabelo.

— Não precisamos nos importar com isso — afirmou a primeira voz.

— Um menino, então, talvez — continuou a voz da criança cuja mão Coraline segurava. — Acho que eu era um menino.

E brilhou com mais força em meio à escuridão do quartinho atrás do espelho.

— O que aconteceu com vocês? — perguntou Coraline. — Como vieram parar aqui?

— Ela jogou a gente aqui — respondeu uma das vozes. — Ela roubou nossos corações e nossas almas, acabou com nossas vidas e então nos jogou aqui. Ela nos esqueceu na escuridão.

— Coitadinhos — disse Coraline. — Há quanto tempo estão aqui?

— Há muito tempo — respondeu a voz.

— É. Um tempo sem conta — disse a outra voz.

— Cheguei pela porta da copa — contou a forma que imaginava ser um menino. — Quando notei, estava de volta à sala de visitas. Mas *ela* esperava por mim. Disse que era minha outra mãe, e eu nunca mais vi minha mãe de verdade de novo.

— Fuja — alertou a primeira das vozes. *Outra menina* , supôs Coraline. — Fuja enquanto ainda tem ar nos seus pulmões, sangue nas veias e vida no seu coração. Fuja enquanto ainda é dona de sua mente e de sua alma.

— Eu não vou fugir — disse Coraline. — Ela prendeu os meus pais. Eu voltei para buscá-los.

— Ah, mas ela vai manter você aqui enquanto os dias evaporam, as folhas caem e os anos se sucedem como o tique-taque de um relógio.

— Não — rebateu Coraline. — Ela não vai.

Silêncio no quartinho atrás do espelho.

— Se, porventura, você conseguir resgatar o seu pai e a sua mãe das garras da velhaca, poderia libertar nossas almas também? — perguntou uma das vozes.

— Ela roubou a alma de vocês? — quis saber Coraline.

— Sim. Roubou e escondeu.

— É por isso que não conseguimos sair daqui, mesmo depois de termos morrido. Ela nos prendeu e sugou de nós tudo que podia, até que não sobrou nada, só peles de cobra e cascas de aranha. Ache nossos corações ocultos, senhorita.

— E o que vai acontecer com vocês se eu conseguir fazer isso? — perguntou Coraline.

As vozes se calaram.

— E o que ela vai fazer comigo? — continuou ela.

As formas pulsaram com fragilidade. Coraline imaginou que eram apenas rastros de memórias, como o intenso lampejo que cintila nos olhos quando uma luz se apaga.

— Nada que doa — sussurrou a voz fraca.

— Ela vai roubar sua vida e tudo de que é feita. Vai roubar tudo que é importante para você, para que só reste névoa e vapor. Ela vai levar sua alegria. Um dia, você vai acordar sem alma e sem coração. Você será apenas casca, trapo, um sonho, a memória de algo que se perdeu.

— Vazia — sussurrou a terceira voz. — Vazia, vazia, vazia, vazia, vazia.

— Você precisa fugir — suspirou uma das vozes.

— Eu discordo — disse Coraline. — Eu tentei fugir, mas não consegui. Ela prendeu os meus pais. Vocês sabem como eu consigo sair desse quartinho?

— Se soubéssemos, diríamos a você.

Coitadinhos , pensou Coraline.

Ela se sentou. Tirou o suéter, enrolou e botou atrás da cabeça, como se fosse um travesseiro.

— Ela não vai me deixar na escuridão para sempre — disse Coraline. — Ela me deixou aqui para brincar. "Jogos e desafios", como o gato falou. Só que eu não sou tão desafiadora no escuro.

Ela tentou achar uma posição confortável, se virando de um lado para outro para caber no espaço minúsculo atrás do espelho.

Seu estômago roncou. Ela comeu a última maçã, dando mordidinhas, fazendo-a durar o máximo possível. Quando terminou de comer, ainda estava com fome.

Então uma ideia lhe ocorreu.

— Quando ela vier me soltar, por que vocês três não saem comigo?

— Adoraríamos. — As três pequenas vozes sussurraram. — Mas nossos corações estão sob o comando dela. Agora pertencemos ao espaço vazio e à escuridão. Ficaríamos paralisados e seríamos dizimados pela luz.

— Nossa — disse Coraline.

E fechou os olhos. Isso tornou a escuridão ainda mais sombria. Ela recostou a cabeça sobre o suéter enrolado e tentou dormir. Quando estava começando a pegar no sono, sentiu que um fantasma lhe beijava a bochecha, com ternura, e uma voz baixinha sussurrava em seu ouvido, uma voz tão fraca que mal se fazia presente, um resto de suspiro quase inexistente que Coraline pensou ser sua imaginação.

— Olhe através da pedra — pedia a voz.

Coraline adormeceu.

CAPÍTULO
OITO

A CRIATURA
ERA HORRENDA,
TERRIVELMENTE
DEFORMADA E
INCOMPLETA.

A outra mãe estava parecendo mais saudável do que antes. Suas bochechas estavam coradas, e seus cabelos se ondulavam como cobras preguiçosas em um dia quente. Seus olhos de botões negros pareciam ter sido polidos.

Ela atravessou o espelho como se mergulhasse na água e baixou a cabeça para olhar Coraline. Só então abriu a porta com a pequena chave prateada. Ela pegou Coraline, assim como fazia sua mãe verdadeira quando a menina era menor, embalando a criança sonolenta como se fosse um bebê.

A outra mãe levou Coraline para a cozinha e a colocou com cuidado sobre o balcão.

Coraline teve dificuldade de acordar, por um momento se deixando ser embalada e amada. Queria mais daquilo, mas logo se deu conta de onde e com quem estava.

— Então, minha doce Coraline — disse a outra mãe. — Eu fui buscá-la no armário e a trouxe para cá. Você precisava aprender uma lição, mas aqui abrandamos nossa justiça com misericórdia. Amamos o pecador e odiamos o pecado. Então, se você for uma criança boazinha que ama sua mãe, cumpre seus deveres e é educada, nós vamos nos entender perfeitamente e nos amar.

Coraline afastou o vislumbre de sono dos olhos.

— Havia outras crianças lá dentro — disse ela. — Crianças de muito tempo atrás.

— Lá dentro? — perguntou a outra mãe.

Ela estava agitada, zanzando entre as panelas e a geladeira, tirando lá de dentro ovos e queijo, manteiga e um pedaço de bacon.

— É — respondeu Coraline. — Estavam lá. Acho que você planeja me transformar em um deles. Uma concha vazia.

A outra mãe sorriu com gentileza. Com uma das mãos, quebrou os ovos em uma tigela. Com a outra, bateu e mexeu. Jogou um pedaço de manteiga na frigideira, que chiou, girou e derreteu enquanto ela cortava fatias de queijo. Jogou a manteiga derretida e o queijo nos ovos batidos e bateu um pouco mais.

— Deixe de ser boba, querida — disse a outra mãe. — Eu amo você. Vou amar você para sempre. Uma pessoa sensata não acredita em fantasmas. Eles são mentirosos. Em vez disso, sinta o cheirinho do maravilhoso café da manhã que estou preparando para você. — Ela jogou os ovos batidos na frigideira. — Omelete de queijo, sua preferida.

Coraline salivou.

— Você gosta de jogos — disse. — Foi o que ouvi dizer.

Os olhos negros da outra mãe se iluminaram.

— Todo mundo gosta.

— É — respondeu Coraline.

Ela desceu do balcão e se sentou à mesa.

O bacon crepitava no fogo. O cheiro estava maravilhoso.

— Você não ficaria mais satisfeita se ganhasse de mim honestamente? — perguntou Coraline.

— Talvez — respondeu a outra mãe. Ela demonstrou total indiferença, mas seus dedos se contorciam e tamborilavam. Ela lambeu os lábios com sua língua escarlate. — E eu ganharia o quê, exatamente?

— A mim — disse Coraline, segurando os joelhos debaixo da mesa para evitar que tremessem. — Se eu perder, eu fico aqui para sempre e deixo você me amar. Serei uma filha zelosa. Vou comer sua comida e jogar baralho. E vou deixar você colocar botões nos meus olhos.

A outra mãe a olhava atenta.

— Parece uma proposta interessante. E se eu perder?

— Aí você me deixa ir embora. Você deixa todo mundo ir embora. Meus pais verdadeiros, as crianças mortas, todo mundo que aprisionou aqui.

A outra mãe tirou o bacon do fogo e o colocou no prato. Depois fez a omelete de queijo deslizar da frigideira para o prato, virando de um lado para outro, para que se dobrasse ao meio; uma omelete perfeita. Ela serviu a refeição para Coraline junto com um suco de laranja fresco e uma caneca de chocolate quente cheio de espuma.

— É — disse a outra mãe. — Acho que gosto desse jogo. Mas qual será o desafio? Adivinhação? Um teste de conhecimento ou de aptidão?

— Um jogo de exploração — sugeriu Coraline. — Um jogo de achar coisas.

— E o que você acha que deve ser encontrado nesse esconde-esconde, Coraline Jones?

— Meus pais — disse a menina, hesitante. — E as almas das crianças do espelho.

A outra mãe sorriu vitoriosa com a resposta, e Coraline se perguntou se tinha feito a escolha certa. Mas já era tarde demais para mudar de ideia.

— Fechado — concordou a outra mãe. — Agora coma, minha querida. E não se preocupe. A comida não vai morder você.

Coraline ficou olhando para o café da manhã, odiando-se por ceder com tanta facilidade, mas ela estava faminta.

— Como vou saber que você vai manter sua palavra? — perguntou Coraline.

— Eu juro para você — disse a outra mãe. — Eu juro pela sepultura de minha mãe.

— Ela tem uma sepultura? — quis saber Coraline.

— Tem, sim — respondeu a outra mãe. — Eu mesma a sepultei. E quando percebi que estava tentando sair, eu a enterrei de volta.

— Jure por outra coisa. Para que eu possa confiar na sua palavra.

— Juro pela minha mão direita — tentou a outra mãe, erguendo a mão. Ela sacudiu seus longos dedos lentamente, revelando as garras. — Juro por esta mão.

Coraline se contraiu.

— Certo — disse ela. — Combinado.

Tomou o café da manhã com cuidado para não devorar tudo de uma vez só. Estava mais faminta do que imaginava.

Enquanto Coraline comia, a outra mãe a estudava. Era muito difícil decifrar alguma coisa naqueles olhos negros abotoados, mas a menina deduziu que sua outra mãe também estava faminta.

Ela tomou o suco de laranja. Mesmo sabendo que ia se deliciar, não quis provar o chocolate quente.

— Por onde devo começar? — perguntou Coraline.

— Você quem sabe — disse a outra mãe, como se não estivesse preocupada.

Coraline começou a matutar. Concluiu que não valia a pena explorar o jardim e o quintal. Eles não existiam de fato, não eram reais. Não havia a quadra de tênis velha no mundo da outra mãe, nem o poço sem fundo. Só a casa era real.

Ela examinou a cozinha. Abriu o forno, olhou dentro do congelador, vasculhou a gaveta de legumes da geladeira. A outra mãe a seguia por todos os lados, e a olhava com um sorrisinho malévolo no canto dos lábios.

— Qual é o tamanho da alma? — perguntou Coraline.

A outra mãe se sentou à mesa da cozinha e jogou o corpo para trás, encostando a cadeira na parede, sem dizer uma palavra. Ficou ali, limpando os dentes com suas longas unhas pintadas de vermelho, depois começou a dar tapinhas com o dedo, cuidadosamente, *pleque pleque pleque* , na superfície engraxada de seus olhos negros abotoados.

— Tudo bem — disse Coraline. — Não precisa me dizer. Não estou nem aí. Não preciso da sua ajuda. Todo mundo sabe que a alma é do tamanho de uma bola de praia.

Ela esperava que a outra mãe dissesse algo como: "Que disparate! A alma é do tamanho de uma cebola madura, ou de uma mala, ou de um relógio de avô." Mas a outra mãe simplesmente sorriu, e o *pleque pleque pleque* de sua unha sobre os olhos ficou tão intenso e contínuo quanto as gotas d'água que caíam da torneira da pia. Nesse momento, Coraline se deu conta de que *era mesmo* o barulho da pia. Ela estava sozinha no cômodo.

Coraline ficou arrepiada. Ela preferia que a outra mãe estivesse por perto. Se ela não estava em lugar algum, poderia estar em todos. Além disso, é mais fácil ter medo de coisas invisíveis. Ela colocou as mãos nos bolsos, e seus dedos envolveram o formato tranquilizador da pedra com um buraco no meio. Coraline tirou a pedra do bolso, ergueu bem na frente do rosto, como se segurasse uma arma, e foi para o corredor.

Não se ouvia nada além do *pleque pleque pleque* da água pingando da torneira da pia.

Coraline deu uma olhadela no espelho do final do corredor. Ele ficou embaçado, e parecia que rostos nadavam no vidro, indistintos e disformes, desaparecendo logo depois. Nada mais se refletia no espelho além de uma menina que era pequena para a sua idade, segurando algo que brilhava de leve, como um carvão vegetal.

Surpresa, Coraline olhou para a própria mão. Era só uma pedra com um buraco no meio, um simples pedregulho amarronzado. Ela olhou para o espelho novamente, e nele a pedra brilhava como uma esmeralda. Um rastro de verde incandescente se soltou da pedra no espelho e pairou em direção ao quarto de Coraline.

— Hummm — murmurou ela.

E foi até lá. Os brinquedos se agitaram quando ela entrou, como se estivessem contentes em vê-la. Um pequeno caminhão-tanque deslizou para fora da caixa de brinquedos para cumprimentá-la, massacrando vários brinquedos com sua esteira. Ele saiu da caixa e caiu de costas no tapete, como um besouro, resmungando. Suas esteiras não pararam de rolar, até que Coraline foi lá e o desvirou. O caminhão-tanque se escondeu embaixo da cama, constrangido.

Coraline observou o quarto com atenção. Vasculhou as gavetas e os armários. Então virou a caixa de brinquedos, e todos eles caíram no tapete. Os brinquedos resmungaram, se espreguiçaram e se sacudiram de um jeito estranho, separando-se uns dos outros. Uma bola de gude cinza rolou no chão e bateu na parede. *Nenhum dos brinquedos parece ser uma alma* , pensou. Ela escolheu examinar uma pulseira prateada. Presos à peça havia pequenos amuletos de animais que se perseguiam: a raposa nunca alcançava o coelho, o urso nunca pegava a raposa.

Coraline abriu a mão e olhou para a pedra com o buraco no meio, ansiosa por uma pista que não conseguiu encontrar. A maioria dos brinquedos que caíram da caixa engatinhava para buscar refúgio debaixo da cama, e os poucos que sobraram (um soldado verde de plástico, a bola de gude, um ioiô rosa-choque) eram do tipo que ficavam no fundo das caixas de brinquedo no mundo real: objetos esquecidos, abandonados, desamados.

Ela já estava de saída. Então se lembrou da voz da escuridão, a gentil e sussurrante voz, e do que ela havia lhe dito. Ela levantou a pedra com um buraco no meio e a segurou bem em frente ao olho direito. Fechou o olho esquerdo e examinou o quarto através do buraco da pedra.

Através da pedra o mundo era cinza e sem cor, como um desenho feito a lápis. Tudo nele era cinza. Não, não tudo. Alguma coisa cintilava no chão, algo da cor de uma brasa na lareira, da cor de uma tulipa vermelho-alaranjada balançando sob o sol de maio. Coraline esticou a mão esquerda, com medo de que, ao afastar os olhos da pedra, a coisa sumisse, e tentou pegar a brasa acesa.

Seus dedos se fecharam em torno de algo liso e gelado. Ela segurou a coisa e então abaixou a pedra com o buraco no meio. A bola de gude cinza do fundo da caixa de brinquedos repousava na palma de sua mão, sem brilho algum. Coraline levantou a pedra na direção dos olhos mais uma vez e olhou a bola de gude através dela. A bola de gude agora ardia e tremulava sob o fogo vermelho.

Ela ouviu uma voz sussurrar dentro de sua cabeça:

— É verdade, senhorita. Pensando melhor agora, com certeza eu era um menino. Você precisa se apressar. Ainda falta encontrar dois de nós, e a velhaca já está furiosa por você ter me descoberto aqui.

Se vou fazer isso, pensou Coraline, *não vou fazer usando as roupas dela.* A menina vestiu de novo seu pijama, o roupão e calçou o chinelo. Abandonou o suéter cinza e a calça jeans preta dobrados sobre a cama, e as galochas laranja no chão perto da caixa de brinquedos.

Ela guardou a bola de gude no bolso do roupão e foi para o corredor.

Algo lhe picou o rosto e as mãos. Parecia areia soprando na praia em dia de ventania. Ela tampou os olhos e continuou caminhando.

As picadas de areia foram ficando mais fortes, e andar se tornou cada vez mais difícil, como se ela estivesse tentando ir contra o vento num dia de tempestade. Era um vento brutal e cortante.

Ela deu alguns passos para trás.

— Continue... — sussurrou a voz fantasmagórica em seu ouvido. — A velhaca está com raiva.

Ela entrou no corredor, sob outra rajada de vento, e sentiu algumas picadas de areia invisível na bochecha e no rosto, afiadas como agulhas, afiadas como vidro.

— Jogue limpo! — gritou Coraline ao vento.

Nenhuma resposta. Mas o vento a açoitou mais uma vez, petulante, e então se afastou e cessou. Ao passar pela cozinha, Coraline conseguiu ouvir, sob um repentino silêncio, o *pleque pleque* da água pingando da torneira, ou talvez fossem as longas unhas da outra mãe tamborilando sobre a mesa. Coraline refreou o impulso de olhar.

Deu uma corridinha para chegar à porta da frente e saiu.

Então desceu a escada e deu a volta até o outro lado da casa para chegar ao apartamento da outra srta. Spink e da outra srta. Forcible. Agora as luzes em volta da porta acendiam e apagavam de maneira aleatória, sem formar palavras compreensíveis. A porta estava fechada. Temendo que estivesse trancada, Coraline a empurrou com força. Primeiro ela travou e depois, num solavanco, cedeu. Com o impulso, Coraline tropeçou para dentro da sala escura.

Ela fechou a mão em torno da pedra com um buraco no meio e se atirou na escuridão. Esperava encontrar uma antessala com cortinas, mas não havia nada ali. O cômodo estava escuro. O teatro, vazio. Ela seguiu em frente, com cuidado. Algo farfalhou sobre sua cabeça. Ela olhou para cima, para uma escuridão ainda mais intensa, e seus pés esbarraram em alguma coisa. Ela se abaixou, pegou a lanterna e a acendeu, examinando a sala com o feixe de luz.

O teatro estava degradado e abandonado. Cadeiras quebradas e antigas pelo chão, teias de aranha empoeiradas drapeando as paredes e se pendurando na madeira podre e nas cortinas de veludo puídas.

Algo farfalhou novamente. Coraline direcionou o feixe de luz para cima, na direção do teto. Havia coisas gelatinosas e sem cabelo lá em cima. Ela

pensou que um dia, talvez, essas criaturas deviam ter tido um rosto, ou sido cachorros. Mas cachorros não tinham asas de morcego nem conseguiam se pendurar de ponta-cabeça como as aranhas e os morcegos.

A luz alarmou as criaturas, e uma delas se deslocou pelo ar, suas asas zunindo na poeira. Coraline desviou quando a criatura deu um rasante em sua direção. O animal foi descansar em uma parede distante e começou a escalar, de cabeça para baixo, o ninho de cães-morcegos no teto.

Coraline levantou a pedra na altura dos olhos e esquadrinhou o ambiente pelo buraco do meio, procurando algo que reluzisse, fulgurante, um aviso que revelasse que havia outra alma escondida em algum lugar da sala. Enquanto procurava, girou o facho de luz da lanterna por toda a sala, e a poeira grossa que flutuava no ar fazia a luz parecer quase sólida.

Havia alguma coisa na parte de cima da parede, atrás do palco destruído. Era de um branco cinzento, tinha o dobro do tamanho de Coraline e estava preso à parede como uma lesma. Coraline respirou fundo.

— Não estou com medo — disse para si mesma. — Não estou.

Não acreditou no que tinha acabado de dizer, mas escalou o antigo palco, os dedos afundados na madeira podre enquanto subia.

Quando se aproximou da coisa grudada na parede, percebeu que era um tipo de casulo, como um saco de ovos de aranha. Ele se contorceu sob a luz da lanterna. Dentro do casulo havia algo parecido com uma pessoa, mas uma com duas cabeças, com o dobro de braços e pernas de uma pessoa normal.

A criatura era horrenda, terrivelmente deformada e incompleta, como se duas pessoas feitas de massa de modelar tivessem sido moldadas juntas no forno e virado uma coisa só.

Coraline hesitou. Não queria se aproximar da coisa. Os cães-morcegos caíram do teto, um por um, e começaram a circular pela sala, chegando perto de Coraline, mas sem tocá-la.

Talvez não haja almas escondidas aqui, pensou. *Talvez seja melhor eu sair e ir para outro lugar.* Ela deu mais uma olhada pelo buraco da pedra: o teatro abandonado ainda estava com um tom sombrio, mas agora um brilho marrom, tão vívido e suntuoso quanto madeira de cerejeira polida, saía de dentro do casulo. O que quer que brilhasse ali estava protegido por uma das mãos da coisa pregada à parede.

Coraline caminhou lentamente pelo palco úmido, tentando fazer o mínimo de barulho possível, temendo que, se incomodasse a coisa dentro do casulo, ela abrisse os olhos e a visse ali. E então...

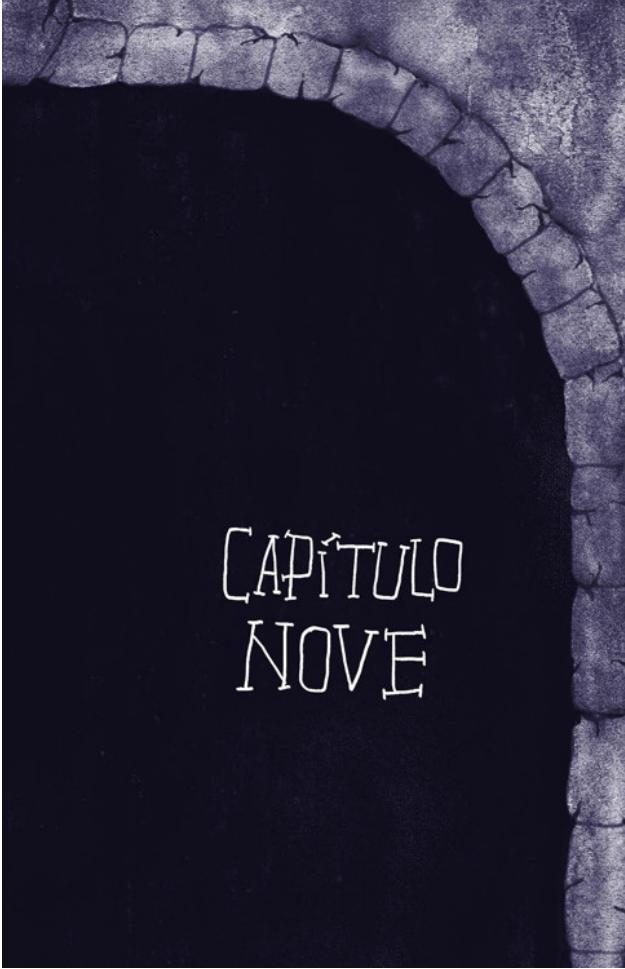
Ela não conseguia pensar em nada mais assustador do que ser observada por aquela criatura. Seu coração estava a mil. Ela deu mais um passo à frente.

Nunca tinha ficado tão apavorada. Mesmo assim, foi até o casulo e enfiou a mão naquela brancura gosmenta presa à parede. A coisa crepitou brandamente, como uma pequena brasa. Enquanto ela enfiava a mão, a coisa se grudou à sua pele e às suas roupas como teias de aranha ou algodão-doce. Coraline enfiou a mão ainda mais fundo e alcançou uma mão fria, que segurava outra bola de gude. A pele da criatura era escorregadia, como se fosse coberta de gelatina. Coraline puxou a bola de gude com força.

Primeiro, nada aconteceu. A bola de gude parecia quase fazer parte da mão da criatura. Então, os dedos começaram a se afrouxar, um por um, e a bola de gude escorregou para a mão de Coraline. Ela tirou o braço de dentro da gosma, aliviada por ver que a criatura ainda estava de olhos fechados. A menina iluminou os rostos da coisa: eram versões mais jovens da srta. Spink e da srta. Forcible, mas distorcidos e misturados, como duas formas de cera que derreteram e se mesclaram, virando uma coisa medonha.

De repente, uma das mãos da criatura segurou o braço de Coraline. As unhas arranharam sua pele, mas era escorregadia demais para conseguir se fixar. Coraline conseguiu se livrar da mão sem esforço.

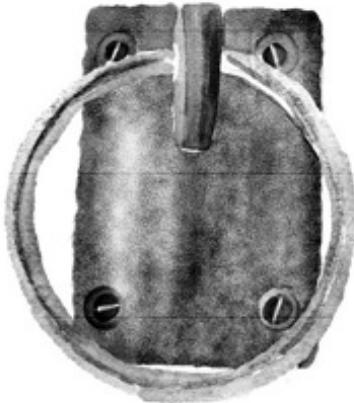
Então os olhos se abriram, quatro botões negros cintilantes a encaravam, e duas vozes, que não se pareciam com nenhuma voz que Coraline já ouvira, começaram a conversar com ela. Uma delas gemia e sussurrava. A outra zumbia como uma mosca-varejeira gorda e irritada na vidraça, mas ambas falavam como se fossem uma pessoa só:

— *Ladra! Devolva! Volte aqui! Ladra!*

O ar se encheu de vida com os cães-morcegos. A menina começou a dar meia-volta. Coraline percebeu que, por mais assustadora que fosse a criatura que um dia havia sido as srta. Spink e a srta. Forcible, ela estava presa à parede pela própria teia, encarcerada em seu casulo. A coisa não poderia segui-la.

Os cães-morcegos batiam suas asas e flutuavam ao redor de Coraline, mas não pretendiam feri-la. Ela desceu do palco e iluminou o antigo teatro com a

lanterna para encontrar a porta de saída.

— Fuja, senhorita — avisava a voz da menina em sua cabeça. — Fuja agora. Você já resgatou dois de nós. Fuja daqui enquanto seu sangue ainda corre nas veias.

Coraline colocou a bola de gude junto com a outra que estava em seu bolso. Ela avistou a porta, correu e fez força até conseguir abri-la.

CAPÍTULO
NOVE

"VOCÊ VAI
PRECISAR
DISSO PARA
ENTRAR."

Do lado de fora, o mundo havia se transformado em névoa, e a névoa remoinhava sem formas nem sombras, enquanto a casa parecia ter sido torcida e esticada. Coraline teve a impressão de que o lugar tinha se agachado para olhá-la de baixo, como se não fosse propriamente uma casa, mas apenas a *ideia de uma casa* . E concluiu que quem tivera essa ideia não era uma boa pessoa. Ainda restava um pouco da gosma do casulo pendurada em seu braço, que ela tentou limpar o máximo que pôde. As janelas acinzentadas da casa se inclinavam em ângulos curiosos.

A outra mãe estava esperando por ela, em pé no gramado, com os braços cruzados. Seus olhos negros ainda estavam inexpressivos, mas ela comprimia os lábios, furiosa.

Quando avistou Coraline, estendeu a mão comprida e branca, e dobrou um dos dedos, chamando-a. Coraline foi até ela. A outra mãe não disse nada.

— Consegui duas almas — falou Coraline. — Ainda falta uma.

A outra mãe nada fez e nada falou. Talvez não tivesse ouvido Coraline.

— Achei que ia gostar de saber — continuou Coraline.

— Obrigada, Coraline — disse a outra mãe, com frieza, e sua voz não saía apenas da boca. Ela ressoava de dentro da névoa, da escuridão, da casa, do céu. — Você sabe que eu amo você, não sabe?

E, apesar de tudo, Coraline assentiu. Era verdade: a outra mãe a amava. Mas a amava como um avarento ama o dinheiro, ou um dragão ama seu ouro. Aos olhos da outra mãe, Coraline era uma posse, nada mais. Um bicho de estimação suportável, cujo comportamento já não era tão divertido.

— Eu não quero o seu amor — disse Coraline. — Eu não quero nada que venha de você.

— Nem ajuda? Você está indo muito bem. Imaginei que gostaria de uma dica que facilitasse o resto de sua caça ao tesouro.

— Eu me viro muito bem sozinha — afirmou Coraline.

— É verdade — disse a outra mãe. — Mas, se você quisesse vasculhar o apartamento da frente, o que está vazio, encontraria a porta trancada. E aí? O que você faria?

— Ah! — Coraline ponderou um pouco e perguntou: — Existe uma chave?

A outra mãe estava em pé sob a neblina cinzenta daquele mundo torto. Seus cabelos negros flutuavam em torno da cabeça, como se tivessem um cérebro à parte e objetivos próprios. Ela tossiu com força e abriu a boca.

A outra mãe tirou uma pequena chave de latão da língua.

— Pegue — disse ela. — Você vai precisar disso para entrar.

Arremessou a chave para Coraline, que conseguiu pegar com uma mão só, antes mesmo de pensar se queria a chave ou não. O objeto ainda estava um pouco úmido.

Um vento frio soprou. Coraline se arrepiou e olhou para o outro lado. Quando se virou, estava sozinha.

Insegura, deu uma volta para chegar em frente à casa e ficou em pé na entrada do apartamento vazio. Como todas as portas, essa também havia sido pintada de verde brilhante.

— Ela não quer o seu bem — sussurrou uma voz fantasmagórica em seu ouvido. — Não acreditamos que ela queira ajudar você. Deve ser uma armadilha.

— Sim, você tem razão — respondeu Coraline.

Ela girou a chave na fechadura. Silenciosamente, a porta se abriu e, silenciosamente, Coraline entrou.

As paredes do apartamento tinham uma cor de leite velho. Não havia carpete sobre as tábuas de madeira do assoalho de madeira, que estavam empoeiradas e com marcas dos carpetes anteriores.

Não havia móveis, só os lugares que os móveis haviam ocupado em algum momento. Nada nas paredes, apenas retângulos desbotados que sinalizavam os lugares onde pinturas e fotografias haviam sido penduradas. Era tão silencioso que Coraline imaginou ouvir a poeira se movendo pelo ar.

Percebeu que estava com muito medo de que algo pulasse nela, então começou a assoviar. Achou que seria mais difícil alguma coisa pular nela se estivesse assoviando.

Primeiro entrou na cozinha vazia. Depois foi para o banheiro vazio, que só tinha uma banheira de ferro fundido e, dentro dela, uma aranha morta do tamanho de um filhote de gato. Supôs que o último cômodo que visitou já havia sido um quarto. Imaginou que o retângulo de poeira no assoalho um dia fora o lugar da cama. Então avistou uma coisa no chão e, soturna, sorriu. Era uma argola de metal. Coraline se ajoelhou, segurou a argola e a puxou com força.

Lentamente, e com muita dificuldade, um pedaço pesado do chão se levantou: era um alçapão. Pela abertura, Coraline só via a escuridão. Estendeu a mão para dentro do buraco e, tateando, achou um interruptor. Deu um toque de leve, sem muita esperança de que desse certo, mas logo abaixo uma lâmpada se acendeu, e uma luz amarela fraca se projetou do buraco. Só conseguiu enxergar alguns degraus e nada mais.

Coraline pegou no bolso a pedra com um buraco no meio. Ela olhou o porão pelo buraco da pedra, mas não viu nada. Guardou a pedra.

Subiu um cheiro de terra úmida e de algo mais, um odor forte de vinagre azedo.

Coraline desceu pelo buraco do alçapão, nervosa, deixando-o aberto. A porta era tão pesada que, se fechasse, Coraline tinha certeza de que ficaria presa para sempre na escuridão. Estendeu a mão para tatear a porta, mas ela nem se moveu. Então se voltou para a escuridão e desceu a escada. Ao final dela, na parede, havia outro interruptor de luz, de metal enferrujado. Ela o

pressionou até ouvir o clique, acendendo uma lâmpada pendurada por um arame no teto rebaixado. Não iluminava o suficiente para Coraline conseguir decifrar as pinturas nas paredes. As pinturas pareciam rudimentares, toscas. Era possível identificar olhos e coisas que talvez tivessem sido uvas um dia. E outras coisas logo abaixo. Coraline não sabia ao certo se havia pessoas no que fora pintado ali.

Havia um monte de lixo num dos cantos do lugar: caixas de papelão cheias de papéis mofados e, ao lado, cortinas em decomposição empilhadas. Os chinelos de Coraline faziam barulho no chão de cimento, como se alguém estivesse mastigando. O pior de tudo era o cheiro terrível. Ela estava pronta para desistir e ir embora, quando avistou um pé embaixo da pilha de cortinas.

Ela respirou fundo (o cheiro de vinho azedo e de pão mofado se misturaram à sua volta) e empurrou o pano úmido, revelando algo mais ou menos do tamanho de uma pessoa.

Sob a luz fraca, demorou muitos segundos para reconhecer a coisa: pálida e inchada como uma larva, os braços e pés finos como uma vara. Seu rosto não tinha feição, e se inflou como massa fermentada de pão.

A coisa tinha dois grandes botões negros no lugar dos olhos.

Coraline fez um barulho, um ruído de repugnância e horror. Como se tivesse acordado ao ouvi-la, a coisa se sentou. Coraline ficou paralisada. A criatura virou a cabeça até que seus olhos negros abotoados se voltaram para Coraline. Uma boca se abriu no rosto sem boca, as fibras de uma substância pálida se colavam aos lábios, e uma voz que nem de longe lembrava vagamente a voz de seu pai sussurrou:

— Coraline.

— Bom — disse Coraline para a coisa que um dia fora seu outro pai —, pelo menos você não pulou em mim.

As mãos de galho da criatura se mexeram em direção ao rosto e ficaram remexendo a argila descolorida, moldando algo semelhante a um nariz. Ele não disse nada.

— Estou procurando meus pais — prosseguiu Coraline. — Ou a alma roubada de uma criança. Eles estão por aqui?

— Não há nada aqui — murmurou a coisa pálida. — Nada além de poeira, umidade e esquecimento.

A coisa era branca, enorme e inchada. *Monstruosa* , pensou Coraline, *mas também miserável* . Ela ergueu a pedra com um buraco e observou a criatura através dela. Nada. A coisa pálida estava lhe dizendo a verdade.

— Coitadinho. Aposto que ela mandou você para cá como punição por ter falado demais.

A coisa hesitou e então assentiu. Coraline se perguntou como algum dia pôde conceber que aquela larva se parecia com seu pai.

— Sinto muito — disse ela.

— Ela não está contente — informou a coisa. — Nada contente. Você a tirou do sério. Quando ela perde as estribeiras, desconta em todo mundo. É o jeito dela.

Coraline afagou a cabeça sem cabelos da criatura. A pele era viscosa, como massa quente de pão.

— Coitadinho — repetiu ela. — Você é só mais uma coisa que ela fabricou e depois jogou fora.

A coisa assentiu com veemência. Enquanto assentia, o olho esquerdo abotoado caiu e retiniu no chão de concreto. A coisa deixou o olho que sobrara vagar pelo lugar, à procura de Coraline. Finalmente conseguiu avistá-la e disse, fazendo muito esforço, em um tom de voz úmido e urgente:

— Fuja, menina. Vá embora. Ela quer que eu machuque você, para que fique presa aqui e nunca consiga terminar o jogo. Ela está me forçando a machucar você. Eu não consigo lutar contra ela.

— Consegue, sim — rebateu Coraline. — Seja corajoso.

Coraline olhou ao redor: a coisa que uma vez fora seu outro pai agora se encontrava entre ela e a escada que levava para fora do porão. Começou a escorregar pela parede, em direção aos degraus. Como não tinha ossos, a coisa se contorceu muito para que seu único olho encarasse Coraline novamente. Agora parecia ainda maior e mais desperta.

— Não — insistiu a coisa —, não consigo.

A coisa disparou para cima de Coraline, a boca banguela escancarada.

Coraline teve o tempo de um batimento cardíaco para reagir. Ela só conseguia pensar em duas coisas: podia correr e tentar fugir da larva imensa, sendo cruelmente perseguida naquele buraco asqueroso até ser pega de vez. Ou podia fazer algo diferente.

Então ela fez algo diferente.

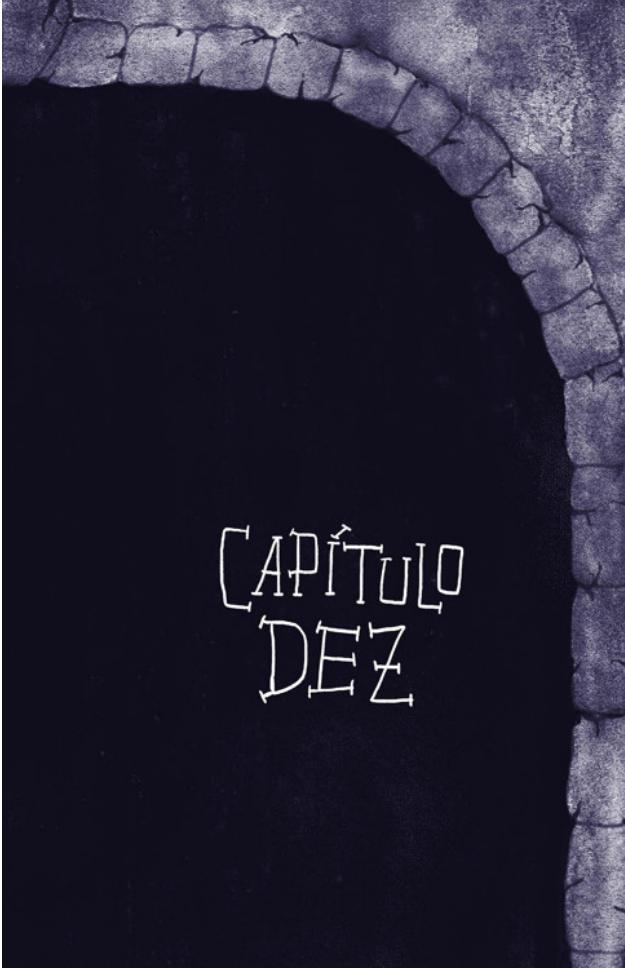
Quando a coisa a alcançou, Coraline agarrou o olho de botão da criatura, o que restara. Puxou-o com toda a força que tinha.

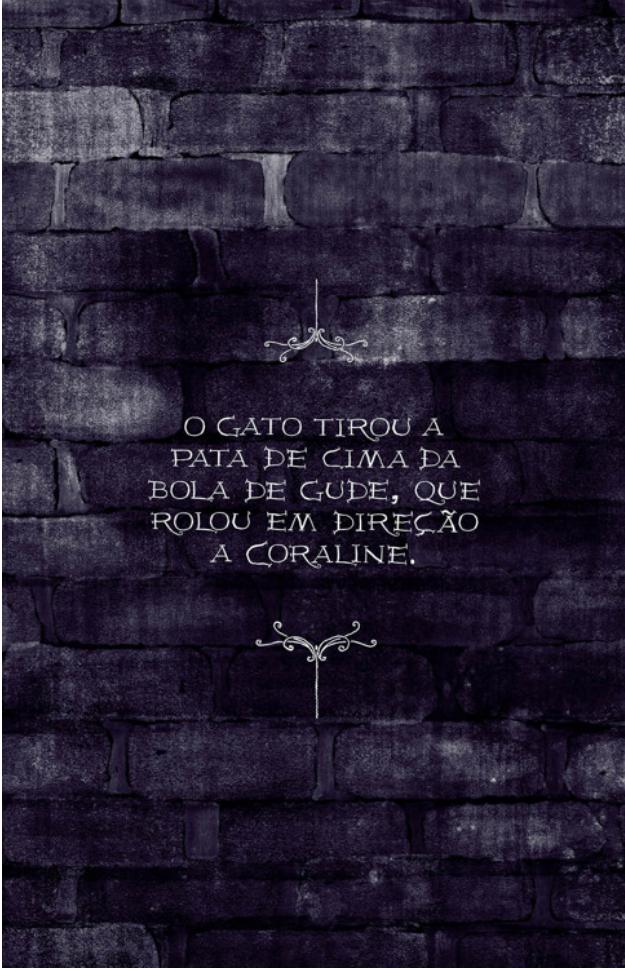
Por alguns instantes, nada aconteceu. Então o botão finalmente se desprendeu e escorregou de sua mão, batendo na parede antes de cair no chão.

A coisa ficou paralisada. Sem enxergar, jogou a cabeça para trás e escancarou a boca, urrando de raiva e frustração. Então, foi direto até o lugar em que Coraline estava antes.

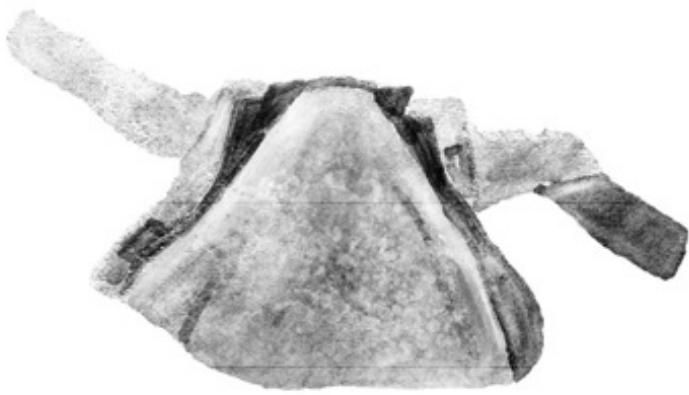
Mas Coraline não estava mais ali. Ela já estava subindo, na ponta do pé, do jeito mais silencioso possível, os degraus que a levariam para fora daquele buraco escuro com pinturas grotescas nas paredes. Não conseguia desgrudar os olhos do chão, onde a coisa pálida se debatia e se retorcia, procurando por ela. Então, como se estivesse sendo governada por outra pessoa, a criatura parou de se mexer, e sua cabeça cega caiu para o lado.

A coisa está ouvindo meus passos , pensou Coraline. *Tenho que ser muito silenciosa* . Ela subiu mais um degrau, mas seu pé escorregou. E a coisa ouviu.

A cabeça da coisa girou na direção de Coraline. Balançou de um lado para outro, como se tivesse ganhado força. Então, ágil como uma cobra, deslizou até a escadinha e começou a subir atrás dela. Coraline se virou e subiu depressa a meia dúzia de degraus que faltavam, então se lançou no chão do quarto empoeirado. Sem parar, puxou o alçapão pesado e o soltou. A tampa desabou com um estrondo, enquanto uma coisa grande o empurrava na direção contrária. O alçapão estremeceu e chacoalhou no chão, mas nada mais aconteceu.

Coraline respirou fundo. Se houvesse algum móvel naquele apartamento, mesmo uma mesa, ela teria arrastado para cima do alçapão, mas não havia nada lá.

Ela saiu do apartamento o mais rápido que pôde, mas sem chegar a correr, e trancou a porta da frente. Deixou a chave da porta debaixo do tapete. Então desceu para o outro apartamento.

Ela quase desejou que a outra mãe estivesse lá, esperando por ela, mas o mundo estava silencioso e vazio.

Coraline queria voltar para casa.

Ela se abraçou e disse a si mesma que tinha sido corajosa, e quase acreditou no que disse. Depois, foi até o outro lado da casa, sob a névoa cinzenta que não era névoa, em direção à escada.

CAPÍTULO
DEZ

O GATO TIROU A
PATA DE CIMA DA
BOLA DE GUDE, QUE
ROLOU EM DIREÇÃO
A CORALINE.

Coraline subiu a escada do lado de fora do prédio até o apartamento mais alto, que, no mundo dela, era onde o velho doido morava. Tinha estado lá uma vez com a mãe verdadeira, quando ela estava angariando doações para a caridade. Ficaram em pé à porta, esperando o velho doido com bigodão encontrar o envelope que a mãe de Coraline havia deixado lá. O apartamento cheirava a comidas estranhas, fumo de cachimbo e outras coisas bizarras, intensas e com odor de queijo, coisas que Coraline não sabia nomear. Ela não quis passar da porta.

— Sou uma exploradora — declarou Coraline, mas suas palavras saíram abafadas e amortecidas pela névoa.

Ela já tinha escapado do alçapão, não tinha? Sim, já. Mas se havia uma coisa da qual Coraline tinha certeza, era de que esse apartamento seria pior.

Chegou ao topo da casa. O apartamento mais alto um dia fora o sótão, mas há muito, muito tempo.

Ela bateu na porta pintada de verde, que se abriu. Dezenas de vozes ou mais sussurravam na escuridão do apartamento:

Temos olhos e temos nervos
Temos dentes e temos rabos
Todos serão meros servos
Quando sairmos dos ralos.

O teto era tão baixo e tão inclinado que só de esticar o braço Coraline conseguia tocá-lo.

Olhos vermelhos a encaravam. Pequeninas patas rosadas se apressaram quando Coraline se aproximou. Sombras ainda mais intensas deslizavam nas sombras dos objetos.

O cheiro era ainda pior do que o do apartamento do velho doido real. Lá o cheiro era de comida (cheiro de comida desagradável, mas Coraline sabia que era questão de gosto. Ela não gostava de pimentas, ervas ou coisas exóticas). Ali o cheiro era semelhante ao de todas as comidas exóticas do mundo apodrecendo juntas.

— Menininha... Você está aí? — murmurou a voz em um cômodo distante.

— Sim — respondeu Coraline.

Não estou assustada , disse a si mesma e, assim que esse pensamento se formou em sua cabeça, ela soube que era verdade. Não havia nada que a assustasse. Essas coisas, mesmo a coisa no alçapão, eram ilusões criadas pela outra mãe numa reprodução medonha das pessoas e coisas reais que ficavam do outro lado do corredor. De fato, ela não podia criar nada, concluiu Coraline. Só distorcer e copiar o que já existia.

Então Coraline se pegou pensando por que a outra mãe havia colocado um globo de neve na cornija da lareira. Afinal, no mundo de Coraline esse espaço costumava ficar vazio.

Logo que se fez essa pergunta, percebeu que já tinha uma resposta para ela.

As vozes ressurgiram e interromperam seus pensamentos.

— Venha aqui, menininha. Eu sei o que você quer.

Era uma voz sussurrada, arranhada e seca. Coraline pensou em um inseto enorme e morto, mas ela sabia que aquilo não fazia sentido. Como uma coisa morta, especialmente um inseto morto, poderia ter uma voz?

Ela atravessou muitos cômodos de tetos baixos inclinados até chegar ao último. Era um quarto, e o velho doido estava sentado do outro lado do lugar, na penumbra, de chapéu e casaco.

Quando Coraline entrou, ele começou a falar:

— Nada mudou, menininha — disse ele. Sua voz soava como o barulho seco de folhas se arrastando na calçada. — Sabe o que vai acontecer se você fizer tudo que jurou que faria? Adivinha? Nada vai mudar. Você vai voltar para casa. Vai ficar entediada. Será ignorada. Ninguém vai prestar atenção em você, ninguém vai ouvir você. Você é esperta e silenciosa demais para ser compreendida por eles. Eles não sabem nem o seu nome direito. Fique conosco — falou a voz que emanava do espectro na outra extremidade do quarto. — Aqui você será ouvida e terá companhia para brincar. Nós vamos nos divertir juntos. Sua outra mãe vai criar mundos inteiros para você desbravar, depois vai desfazê-los quando se cansar. Cada dia será melhor e mais luminoso do que o anterior. Lembra-se da caixa de brinquedos? Não seria muito melhor um mundo daquele jeito, todinho para você?

— E não haverá dias nublados e chuvosos, quando eu não vou saber o que fazer e não vou ter nada para ler ou para assistir, e nenhum lugar para ir? — perguntou Coraline.

Da penumbra, o homem respondeu:

— Nunca.

— Nem refeições horríveis que levem alho, estragão e favas? — perguntou Coraline.

— Cada refeição será um deleite — sussurrou a voz debaixo do chapéu do velho. — Nada que não seja delicioso tocará os seus lábios.

— E eu poderia ter luvas verdes fluorescentes e galochas amarelas em formato de sapo? — quis saber Coraline.

— Sapos, patos, rinocerontes e polvos. O que desejar. O mundo será novo a cada manhã. Se você ficar, vai ter tudo que quiser.

Coraline suspirou.

— Você não entende, não é? — disse ela. — Eu *não quero* ter tudo. Ninguém quer. Não necessariamente. Que graça existiria em ter tudo que eu sempre quis? Assim, do nada, não teria o menor *sentido* . E depois?

— Não entendi — respondeu a voz sussurrada.

— É claro que você não entendeu — disse ela, levantando a pedra com um buraco no meio na altura do olho. — Você é só uma cópia malfeita do velho doido do andar de cima.

— Nem isso eu sou mais — disse a voz sussurrada e morta.

Um brilho, na altura do peito, emanava do casaco do homem. Pelo buraco da pedra, a luz cintilava como o azul e o branco de uma estrela. Coraline desejou ter uma vara para cutucá-lo. Não queria nem chegar perto do homem sombrio do outro lado do quarto.

Coraline deu um passo na direção do homem, que então se desfez. Ratos pretos saltaram de dentro das mangas do casaco e de dentro do chapéu, uns vinte ou mais, olhos vermelhos brilhando no escuro. Grunhiram e sumiram. O casaco flutuou e caiu pesado no chão. O chapéu rolou para outro canto do quarto.

Coraline abriu e inspecionou o casaco do homem. Vazio, embora estivesse meio gorduroso. Não havia sinal da última bola de gude dentro dele. Ela examinou o quarto através do buraco da pedra e avistou algo que cintilava e se incendiava como uma estrela, perto do chão, no vão da porta. Estava sendo carregado nas patas dianteiras do ratão preto. Assim que Coraline olhou, o ratão se pôs a fugir.

Os outros ratos a observavam dos cantos do cômodo, enquanto ela corria atrás dele.

Os ratos podem ser mais velozes do que as pessoas, especialmente em distâncias menores. Mas um ratão preto segurando uma bola de gude com as patas dianteiras não é páreo para uma menina determinada (mesmo que ela seja pequena para sua idade). Os ratos pretos menores corriam por todos os lados, cruzando o caminho de Coraline, tentando distraí-la, mas ela os ignorava e se concentrava no rato com a bola de gude, se encaminhando para fora do apartamento pela porta de entrada.

Chegaram à escada do lado de fora da casa.

Coraline notou que a casa continuava a mudar, transformando-se em uma forma menos clara e mais achatada, mesmo quando ela avançava escada abaixo. Agora a casa se assemelhava à foto de uma casa, não à construção em si. Coraline desembestou pela escada atrás do rato, certa de que estava em vantagem. Ela corria muito rápido, tão rápido que, ao chegar ao último lance

da escada, percebeu que tinha torcido o pé, o que a fez escorregar e se estatelar no chão.

Seu joelho esquerdo estava arranhado e esfolado, e a palma de sua mão, a que usou para se apoiar na queda, tinha virado uma mistura de machucados e pedrinhas. Doía um pouco, e ainda doeria muito mais. Ela tirou as pedrinhas encravadas da palma da mão e se levantou rapidamente, sabendo que tinha perdido e que já era tarde demais, então desceu o último andar para chegar ao térreo.

Ela procurou pelo rato, mas ele já tinha sumido e levado com ele a bola de gude.

Sentia a mão arranhada latejar. O sangue que saía do joelho pingava pelo rasgo da perna de seu pijama. Foi tão grave quanto no verão em que sua mãe tirara as rodinhas de sua bicicleta. No entanto, naquela época de arranhões e cortes (seus joelhos amontoavam cicatrizes em cima de cicatrizes), sentiu como se tivesse conquistado algo. Estava aprendendo alguma coisa, fazendo algo que nunca soube como fazer. Agora o sentimento era de fracasso. Falhou com as crianças fantasmas. Falhou com seus pais. Falhou consigo mesma e com tudo o mais.

Ela fechou os olhos e desejou que a terra a engolisse.

Ouviu uma tosse.

Abriu os olhos e viu o rato. Ele estava deitado no caminhozinho de tijolos no pé da escada e parecia surpreso. Sua cabeça, por sinal, encontrava-se caída a uma distância considerável do restante do corpo. O bigode estava retesado, os olhos esbugalhados, e os dentes amarelados e afiados à mostra. Um colar de sangue fresco cintilava em seu pescoço.

Ao lado do rato decapitado, estava o gato preto. Com uma expressão arrogante, descansava uma das patas sobre a bolinha de gude cinza.

— Acho que eu cheguei a mencionar — começou o gato — que não gosto de ratos. Mas parece que você estava atrás desse aqui. Espero que não se importe com a minha intromissão.

— Eu acho... — disse Coraline, tentando recuperar o fôlego — ... que você falou... algo assim mesmo.

O gato tirou a pata de cima da bola de gude, que rolou em direção a Coraline. Ela pegou a bola. Uma última voz, urgente, sussurrou em sua cabeça.

— Ela mentiu para você. Ela nunca vai desistir de você, agora que está aqui. É tão improvável que desista de nós quanto que mude a própria natureza.

Os cabelos da nuca de Coraline ficaram arrepiados. Ela sabia que a voz da menina dizia a verdade. Guardou a bola de gude junto com as outras no bolso do roupão.

Agora ela tinha as três.

Tudo que precisava fazer era encontrar seus pais.

Percebeu que essa era a parte mais fácil. Sabia exatamente onde eles estavam. Se tivesse parado para pensar, saberia desde o começo. A outra mãe não era capaz de criar nada. Só invertia e transformava as coisas. A cornija da lareira da sala de visitas de sua casa ficava vazia. Mas, sabendo disso, Coraline descobriu algo mais.

— A outra mãe não vai cumprir a promessa. Ela não vai nos libertar — disse Coraline.

— É a cara dela fazer isso — admitiu o gato. — Como eu disse, não há garantias de que ela jogue limpo. — E então levantou a cabeça. — Ei... você viu aquilo?

— O quê?

— Olhe para trás — falou o gato.

A casa estava ainda mais achatada. Não se parecia mais com uma fotografia. Agora parecia um desenho, um rabisco de uma casa tosca feita em carvão sobre papelão.

— Aconteça o que acontecer — disse Coraline —, obrigada por me ajudar com o rato. Acho que estou quase no final, não estou? Você vai sumir na neblina, ou vai sei lá para onde, mas eu espero encontrar você de novo, em casa. Se ela me deixar sair daqui.

O pelo do gato estava todo arrepiado, e seu rabo tão armado quando um espanador.

— O que foi? — perguntou Coraline.

— Eles sumiram — respondeu o gato. — Não estão mais lá. As entradas e saídas desse lugar. Elas ficaram achatadas também.

— Isso é ruim?

O gato abaixou o rabo, sacolejando-o de um lado para outro, com raiva. Soltou um chiado que saiu das profundezas da garganta. Caminhou em círculos até dar as costas para Coraline, então começou a andar para trás, com severidade, uma pata de cada vez, até empurrar a perna de Coraline. Ela abaixou a mão para afagá-lo e sentiu que o coração do bichano estava acelerado. Ele estava tremendo mais que vara verde.

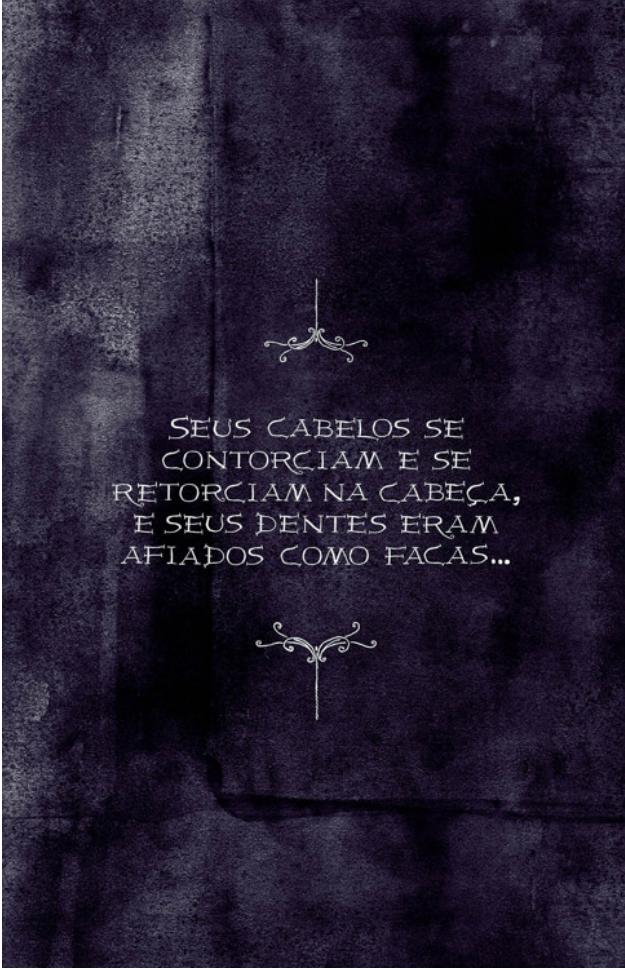
— Vai ficar tudo bem — garantiu Coraline. — Vai dar tudo certo. Eu vou levar você comigo.

O gato não disse nada.

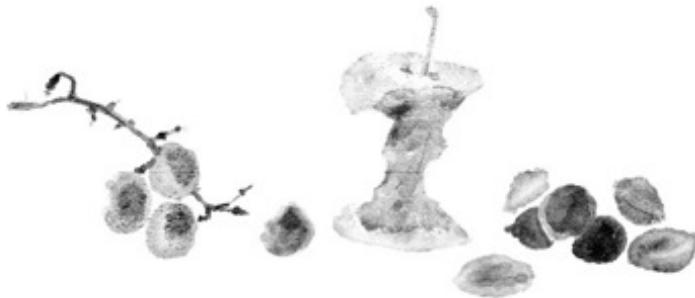
— Venha, gato — disse Coraline.

E deu um passo para trás para subir a escada. Mas o gato ficou onde estava, parecia triste e, estranhamente, menor.

— Se o único caminho para sair daqui passa por ela — falou Coraline —, então vamos ter que passar por ela de qualquer maneira.

A menina caminhou em direção ao gato e o pegou no colo. O gato não se opôs. Ele só tremia. Ela apoiou uma das mãos no bumbum dele e deixou que ele repousasse as patas em seus ombros. O gato era pesado, mas não impossível de carregar. Ele lambeu a palma da mão de Coraline, de onde saía sangue do arranhão.

Coraline subiu a escada, um degrau de cada vez, em direção ao seu apartamento. Tinha consciência das bolas de gude tilintando em seu bolso, da pedra com um buraco no meio, do gato se aninhando em seu corpo.

Chegou à porta de entrada — agora só um rabisco de criança imitando uma porta — e a empurrou, na esperança de que sua mão atravessasse a porta e não tivesse nada atrás dela além de escuridão e estrelas dispersas.

Mas a porta se abriu e Coraline entrou.

CAPÍTULO
ONZE

Seus cabelos se
contorciam e se
retorciam na cabeça,
e seus dentes eram
afiados como facas...

Ao entrar em seu apartamento, ou melhor, no apartamento dos outros, Coraline ficou contente de ver que, ao contrário do restante do casarão, ele não tinha sido transformado em um desenho vazio. Tinha profundidade, sombras e alguém que, em meio às sombras, aguardava o seu retorno.

— Então você voltou — disse a outra mãe. Ela não parecia feliz. — E trouxe uma peste com você.

— Não — rebateu Coraline. — Eu trouxe um amigo.

Ela sentiu o gato se enrijecer em suas mãos, como se o bichano não visse a hora de sair daquele lugar. Coraline queria segurá-lo como se fosse um ursinho de pelúcia, para que se sentisse protegido, mas sabia que gatos odiavam ser espremidos e suspeitava de que gatos assustados muito provavelmente mordiam e arranhavam quando provocados, mesmo que fossem seus amigos.

— Você sabe que eu amo você, não sabe? — perguntou a outra mãe, categórica.

— Você tem um jeito muito estranho de demonstrar o seu amor — respondeu Coraline.

Ela foi para o corredor, entrou na sala de visitas, um passo firme de cada vez, fingindo não se sentir observada pelos olhos negros e sem vida da outra mãe. A mobília formal de sua avó ainda estava lá, assim como a pintura da

fruteira esquisita na parede (mas agora as frutas tinham sido comidas, e o que restava na tigela era só o esqueleto marrom de uma maçã, muitos caroços de ameixa e de pêssego, e a haste do que um dia fora um cacho de uvas).

A mesa com patas de leão arranhou o tapete com suas garras de madeira, como se estivesse impaciente. No outro extremo da sala estava a porta de madeira que um dia, em outro lugar, tinha se aberto para a parede de tijolos. Coraline tentou não olhar para a porta. Na janela, nada além de névoa.

Era isso. A hora da verdade. O momento da revelação.

A outra mãe seguiu Coraline. Agora ela estava no meio da sala, entre a menina e a lareira, e a olhava do alto. *Que esquisito* , pensou Coraline. A outra mãe não se parecia em nada com sua mãe de verdade. Coraline se perguntou como se deixou ludibriar tanto, a ponto de ver alguma semelhança. A outra mãe era enorme — sua cabeça quase batia no teto — e muito pálida, da cor da barriga de uma aranha. Seus cabelos se contorciam e se retorciam na cabeça, e seus dentes eram afiados como facas...

— E aí? — disse a outra mãe. — Onde elas estão?

Coraline se encostou na poltrona, endireitou o gato na mão esquerda, enfiou a mão direita no bolso e sacou as três bolinhas de gude. Eram de um cinza fosco e tilintaram na palma de sua mão. A outra mãe esticou seus dedos brancos para pegá-las, mas Coraline as jogou de volta no bolso. Então enxergou a verdade. A outra mãe não tinha a menor intenção de libertá-la e de manter sua palavra. Fora apenas uma brincadeira e nada mais.

— Espera aí — disse ela. — Ainda não acabou, acabou?

A outra mãe parecia hostil, mas sorriu com doçura.

— Não — respondeu. — Acho que não. Afinal, você ainda precisa encontrar seus pais, não é?

— Preciso — disse Coraline.

Não posso olhar para a lareira , pensou. *Não posso nem pensar nisso* .

— E então? Cadê eles? — questionou a outra mãe. — Gostaria de olhar o porão novamente? Sabe, ainda tenho coisas interessantes escondidas lá embaixo.

— Não — falou Coraline. — Eu sei onde os meus pais estão.

O gato pesava em seus braços. Ela o posicionou na frente de seu corpo e desenganchou as garras dele de seu ombro.

— Onde?

— Num lugar óbvio — afirmou Coraline. — Olhei em todos os lugares onde poderiam estar escondidos. Eles não estão na casa.

A outra mãe ficou quieta, para não deixar escapar nada, os lábios lacrados. Ela poderia ser uma estátua de cera. Nem seus cabelos se mexiam.

— Então eu sei onde eles podem estar — continuou Coraline, as duas mãos ao redor do gato preto. — Você os escondeu na passagem entre as duas casas, não foi? Eles estão atrás da porta.

Ela apontou o lugar com a cabeça.

A outra mãe permaneceu imóvel, mas uma pitada de ironia se insinuava em seu rosto.

— Estão lá? É isso que você acha?

— Por que não abre a porta? — desafiou Coraline. — Tenho certeza de que eles estarão lá.

Coraline sabia que aquele era seu único caminho para casa e que tudo dependeria da vontade da outra mãe de se vangloriar — da vontade não só de ganhar, mas de exibir sua vitória. A outra mãe enfiou a mão no bolso do avental e pegou a chave preta de ferro. O gato, desconfortável, se alvoroçou nos braços de Coraline.

Fique só mais um pouquinho , pensou, perguntando-se se ele podia escutá-la. *Nós dois vamos voltar para casa. Eu disse que iríamos. Eu prometo.*

Ela sentiu o gato relaxar em seus braços. A outra mãe foi até a porta e enfiou a chave na fechadura. Girou a chave.

Coraline ouviu a estrutura fazer um *clunc* pesado. No mesmo instante começou a recuar, silenciosamente, pé ante pé, em direção à lareira.

A outra mãe girou a maçaneta e abriu a porta com um empurrão, revelando o corredor logo atrás, escuro e vazio.

— Viu? — disse ela, acenando com as mãos. A expressão de prazer em seu rosto foi uma visão desagradável. — *Você errou!* Não sabe onde seus pais estão, não é? Eles não estão lá. Agora... você vai ficar comigo para todo o sempre.

— Não — falou Coraline. — Não vou.

E, com toda a força que tinha, arremessou o gato na outra mãe. Agressivo e furioso, ele berrou e pousou na cabeça dela, com suas garras mordazes e seus dentes afiados. Com os pelos eriçados, parecia ter o dobro do tamanho. Sem

esperar para ver o que ia acontecer, Coraline alcançou a lareira, pegou o globo de neve com as duas mãos e o enfiou no fundo do bolso de seu roupão.

O gato sibilou de uma maneira assustadora e intensa, e enfiou os dentes na bochecha da outra mãe. Ela tentava golpeá-lo. O sangue jorrava dos ferimentos em seu rosto pálido. Não era um sangue vermelho, mas uma coisa preta viscosa, como piche. Coraline correu em direção à porta.

Ela tirou a chave da fechadura.

— Largue-a! Venha! — gritou para o gato.

Ele ronronou e acertou o rosto da outra mãe com um único golpe selvagem de suas garras de bisturi, fazendo gotejar um líquido negro dos talhos do nariz dela. Então saltou para o chão e correu até Coraline.

— Rápido! — disse ela.

O gato e a menina entraram no corredor escuro.

Fazia muito frio no corredor. Foi como entrar num porão cheio de gelo. O gato hesitou, mas, ao ver que a outra mãe estava vindo atrás deles, correu para perto de Coraline e parou entre as pernas dela.

Coraline começou a fechar a porta. Era mais pesada do que imaginava, e tentar fechá-la se assemelhava a tentar fechar uma porta num dia de ventania. Coraline sentiu que algo do outro lado começava a puxá-la.

Feche! , pensou. Então pediu, bem alto:

— Vamos, *por favor* !

E sentiu que a porta começava a se mexer, a se fechar, a desafiar o vento fantasmagórico. De repente, sentiu a presença de outras pessoas no corredor. Ela não podia se virar e olhar para elas, mas sabia que estavam ali.

— Me ajudem, por favor — implorou ela. — Todos vocês.

As outras pessoas no corredor — três crianças, dois adultos — eram, de alguma forma, incorpóreos demais para conseguir fechar uma porta. Mas suas mãos seguraram a de Coraline enquanto ela puxava a maçaneta de ferro. De repente, ela se sentiu forte.

— Não pare, senhorita! Aguente firme! Segure! — sussurrou uma voz em sua cabeça.

— Vai, menina, vai! — sussurrou outra voz.

Uma voz que parecia com a de sua mãe (a mãe real, maravilhosa, irritante, enfurecida, magnífica) disse:

— Muito bem, Coraline.

E isso foi o suficiente.

A porta começou a se fechar, deslizando com facilidade.

— Não! — gritou a voz atrás da porta, e o som não era nem minimamente humano.

Algo se agarrou a Coraline e começou a puxá-la pelo vão entre a porta e o batente. A menina se debateu para tentar se livrar, mas a porta começou a se abrir de novo.

— Nós vamos voltar para casa — disse Coraline. — Nós vamos. Me ajudem.

Ela desviou dos dedos que tentavam prendê-la.

Algo começou a se mover atrás dela: mãos fantasmas lhe emprestaram uma força que já não tinha mais. Houve ainda um último impedimento, como se alguma coisa estivesse presa na porta, e então, com uma batida, a porta se fechou num estrondo. Da altura da cabeça de Coraline, algo se materializou em direção ao chão. A coisa aterrissou emitindo um barulho de passos ocos em fuga.

— Vamos! — disse o gato. — Não é bom ficar aqui. Rápido!

Coraline deu as costas para a porta e disparou pelo corredor escuro, passando a mão pelas paredes para se certificar de que não ia esbarrar em nada nem mudar de direção.

Foi uma corrida penosa, e ela teve a sensação de que aquilo não acabaria nunca. A parede que ela tocava agora parecia quente e macia, coberta de pelúcia. E se mexia como se estivesse respirando. Ela tirou a mão na mesma hora.

Os ventos uivavam na escuridão.

A ideia de esbarrar em alguma coisa aterrorizava Coraline, que acabou colocando as mãos na parede de novo, para se equilibrar. Sentiu que tocava numa coisa quente e molhada, como se tivesse colocado a mão na boca de alguém. Dando um gritinho, tirou a mão mais uma vez.

Seus olhos se acostumaram com a escuridão. Ela conseguiu identificar manchas levemente reluzentes à sua frente, dois adultos e três crianças. Ela ouvia o gato também, caminhando na frente dela no escuro.

E tinha mais uma coisa, que passou correndo de repente entre seus pés e quase a fez voar pelos ares. Ela se segurou para não cair e se impulsionou para continuar correndo. Se Coraline caísse naquele corredor, poderia não conseguir se levantar novamente. O que quer que fosse aquele lugar, era mais antigo que a outra mãe. Era profundo, lento e sabia que ela estava ali... Então veio a luz do dia. E Coraline, ofegante, correu até ela.

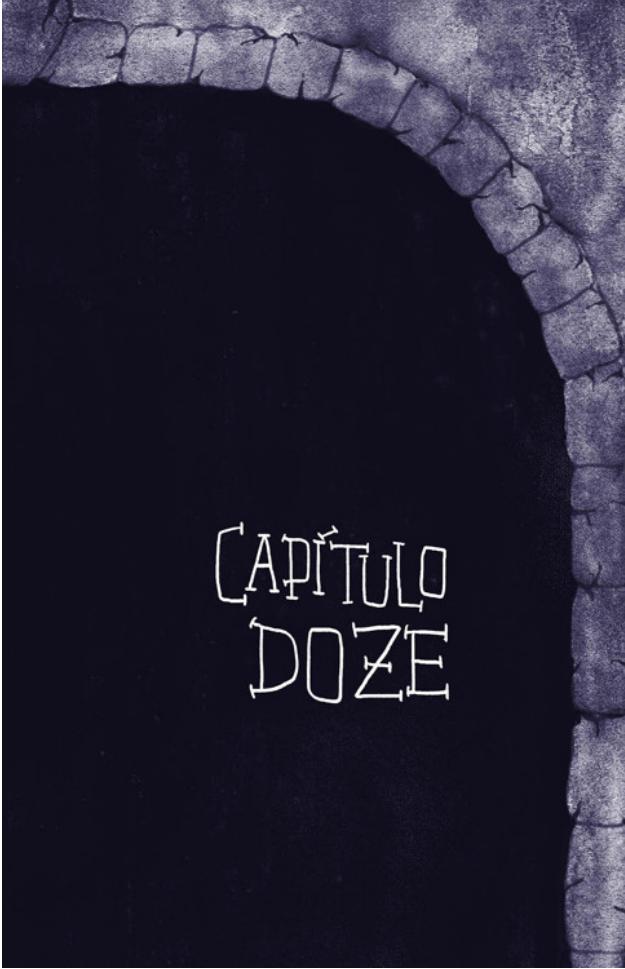
— Quase lá — disse, cheia de coragem.

No entanto, com a luz, Coraline descobriu que as assombrações tinham desaparecido e que estava sozinha. Não teve tempo de pensar no que tinha acontecido com eles. Cambaleou pela porta e, ao sair, a fechou com o barulho mais alto e mais prazeroso que poderia imaginar. Trancou a porta com a chave e a jogou no bolso.

O gato preto estava aninhado no canto mais isolado da sala, a ponta rosada de sua língua para fora, os olhos bem abertos. Coraline se aproximou e se abaixou ao seu lado.

— Desculpa — falou ela. — Desculpa por ter jogado você em cima dela. Mas era o único jeito de distraí-la para conseguirmos escapar. Ela nunca manteria sua palavra, não é?

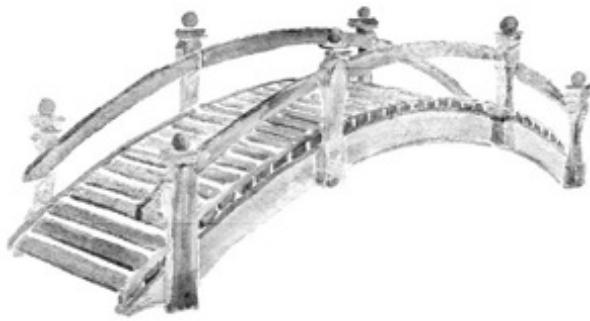
O gato a olhou, e então recostou a cabeça em sua mão, lambendo os dedos dela com sua língua de lixa, ronronando.

— Então somos amigos? — quis saber Coraline.

A menina se sentou em uma das poltronas desconfortáveis de sua avó, e o gato pulou em seu colo para se aconchegar. A luz que entrava pela janela parecia a luz do dia, o dourado do fim de tarde, não a luz pálida da neblina. No céu era possível ver um azul-esverdeado.

Coraline conseguia ver as árvores e, atrás delas, as colinas verdes que se desbotavam no horizonte em tons de roxo e cinza. O céu nunca foi tão *céu* e o mundo nunca foi tão *mundo* .

Ela olhou para as folhas das árvores e para o estampado que a luz e a sombra deixavam na casca trincada do tronco da faia do outro lado da janela. Então olhou para o seu colo, para o jeito como a abundante luz do sol iluminava cada pelo da cabeça do gato, transformando o branco dos bigodes em dourado.

Nada , pensou, *nada nunca foi tão interessante.*

E, tomada por esse interesse pelo mundo, Coraline nem se deu conta de que tinha, assim como o gato, se aconchegado e se aninhado na poltrona desconfortável de sua avó, nem que caía num sono profundo, sem sonhos.

CAPÍTULO
DOZE

A MENINA PÁLIDA
FLUTUAVA SOBRE A
CABEÇA DELES E ÀS
VEZES DAVA RASANTES
DE BORBOLETA PARA
PEGAR A BOLA.

Ela foi acordada pela mãe, que a sacudia com cuidado.

— Coraline? — chamou ela. — Querida, que lugar estranho para dormir. E você sabe que esta sala é só para ocasiões especiais. Procuramos você pela casa inteira.

Coraline se espreguiçou e piscou.

— Desculpa. Eu peguei no sono.

— Estou vendo — disse a mãe. — E de onde veio esse gato? Ele estava esperando ali fora quando cheguei. E disparou feito um foguete quando abri a porta.

— Provavelmente tinha coisas para fazer — argumentou Coraline.

A menina deu um abraço tão apertado na mãe que seus braços começaram a doer. A mãe fez o mesmo.

— Jantar em quinze minutos — disse a mãe. — Não se esqueça de lavar as mãos. E *olha só* a calça desse pijama. O que aconteceu com o coitado do seu joelho?

— Eu tropecei — respondeu Coraline.

Ela foi para o banheiro, lavou as mãos e limpou o joelho ensanguentado. Depois, passou pomada nos cortes e arranhões.

Foi para o seu quarto — seu quarto real, seu quarto verdadeiro. Tirou dos bolsos do roupão três bolinhas de gude, uma pedra com um buraco no meio, a chave preta e um globo de neve vazio. Ela sacudiu o globo de neve e observou a neve resplandecente rodopiar na água para preencher o mundo vazio. Ela apoiou o globo e observou a neve cair, cobrindo o lugar antes ocupado por um casal pequenino.

Coraline pegou um pedaço de barbante dentro de sua caixa de brinquedos e nele pendurou a chave preta, colocando-a no pescoço em seguida.

— Pronto.

Vestiu algumas roupas e escondeu a chave embaixo da camiseta. Estava gelada quando tocou sua pele. Guardou a pedra dentro do bolso.

Coraline passou pelo corredor e foi até o escritório do pai. Ele estava de costas, mas ela sabia que, quando ele se virasse, ele lhe encararia com seus olhos cinzentos e bondosos. Assim, subiu nas suas costas e deu um beijo atrás de sua cabeça meio careca.

— Olá, Coraline — disse ele. Então se virou e sorriu para ela. — Por que isso agora?

— Nada — respondeu a menina. — Às vezes eu fico com saudade. Só isso.

— Que beleza — disse o pai.

Ele desligou o computador, levantou-se e, sem motivo algum, pegou Coraline no colo, coisa que não fazia havia muito tempo, pelo menos não desde que começara a dizer que ela já estava grande demais para ser carregada. E, dessa maneira, levou-a para a cozinha.

O jantar daquela noite era pizza. Embora fosse uma pizza caseira feita por seu pai (então a borda era meio grossa e meio fina, meio pastosa e cozida ou fina demais e queimada), e embora ele tivesse colocado pedaços de pimentão, de abacaxi e almôndegas, Coraline comeu sua fatia até o fim.

Quer dizer, ela comeu tudo... menos os pedaços de abacaxi.

E logo, logo, já era hora de dormir.

Coraline deixou a chave pendurada no pescoço, mas colocou as bolas de gude cinza debaixo do travesseiro.

Naquela noite, Coraline teve um sonho.

Ela estava em um piquenique, num gramado verde, debaixo de um velho carvalho. Embora houvesse nuvens brancas e distantes no horizonte, o sol estava forte e o céu sobre sua cabeça era de um azul intenso e sereno.

Havia uma toalha branca de linho na grama com tigelas lotadas de comida. Coraline via saladas e sanduíches, nozes e frutas, jarras com limonada, água e um achocolatado bem concentrado. Coraline estava sentada de um lado da toalha, e outras três crianças se sentaram uma de cada lado. Elas estavam usando roupas muito bizarras.

A menor das três, sentada à esquerda de Coraline, era um menino com um bermudão vermelho de veludo na altura dos joelhos e uma camisa branca com babados. Seu rosto estava sujo, e ele enchia o prato com batatas cozidas e algo que parecia ser uma truta inteira, gelada e cozida.

— É o melhor dos piqueniques, senhorita — disse para ela.

— Concordo — disse Coraline. — Queria saber quem organizou.

— Ora, achei que tinha sido você, senhorita — falou a menina mais alta, sentada em frente a Coraline. Ela usava um vestido marrom disforme e um chapéu da mesma cor, preso à cabeça com uma fita. — E estamos muito gratos por isso. Palavras jamais poderiam expressar nossa gratidão.

Ela comia fatias de um pão dourado com uma geleia roxa. As fatias eram cortadas habilmente com um facão, e então recebiam generosas colheradas de geleia. A boca da menina estava toda suja.

— Hummm. Essa é a melhor comida que comi nos últimos séculos — disse a menina à direita de Coraline.

Era muito pálida, com um vestido que parecia ter sido feito com teias de aranha e uma tiara circular de prata nos cabelos loiros. Coraline poderia jurar que a menina tinha duas asas — feito asas prateadas e empoeiradas de borboleta — saindo das costas. O prato da menina estava lotado até em cima com flores lindas. Ela sorriu para Coraline como se não sorrisse há muito tempo e tivesse quase se esquecido de como fazê-lo. Coraline simpatizou muito com a menina.

Então, como sempre acontece nos sonhos, o piquenique acabou, e eles estavam brincando no gramado, correndo, gritando e jogando uma bola dourada de um para outro. Coraline percebeu que era um sonho porque nenhum deles estava cansado ou sem fôlego. Ela nem chegou a suar. Eles só

riam e corriam, brincando meio de bobinho, meio de pique-pega, uma brincadeira que era a melhor do mundo.

Três deles corriam no chão, mas a menina pálida flutuava sobre a cabeça deles e às vezes dava rasantes de borboleta para pegar a bola. Então voava novamente em direção ao céu antes de jogar a bola de volta para uma das crianças.

Até que, sem se ouvir uma palavra, a brincadeira acabou. Os quatro voltaram para a toalha de piquenique, onde os pratos do almoço já tinham sido retirados e quatro tigelas estavam à espera deles, três de sorvete e outra com uma pilha bem alta de flores de madressilva.

Eles comeram com gosto.

— Obrigada por virem à minha festa — disse Coraline. — Se é que é minha.

— O prazer é nosso, Coraline Jones — respondeu a menina alada, mordiscando outra flor de madressilva. — Queria que houvesse algo que pudéssemos fazer por você, para agradecê-la e recompensá-la por tudo isso.

— Com certeza — disse o menino com o bermudão de veludo vermelho e a cara suja, segurando a mão de Coraline. A mão dele estava quente agora.

— Você fez uma coisa muito boa por nós, senhorita — falou a menina alta. Agora ela tinha uma mancha de sorvete de chocolate ao redor dos lábios.

— Fico contente que tudo aquilo tenha acabado — disse Coraline.

Ela estava imaginando coisas ou uma sombra cruzou o rosto das crianças no piquenique?

A menina alada, com a tiara brilhando em seus cabelos como uma estrela, pousou a mão na de Coraline.

— Acabou para *nós* — disse ela. — Esta é só uma parada para a gente. Daqui partiremos para terras inexploradas, e o que vai acontecer ninguém sabe...

Ela parou de falar.

— Mas tem um porém, não tem? — quis saber Coraline. — Eu sinto isso. Como uma nuvem que vai chover.

O menino à sua esquerda tentou demonstrar coragem em seu sorriso, mas seu lábio inferior começou a tremer. Ele tentou contê-lo com os dentes

superiores, sem dizer nada. A menina do chapéu marrom mudou de posição e disse:

— Sim, senhorita.

— Mas eu trouxe vocês de volta — afirmou Coraline. — Eu trouxe a mamãe e o papai. Eu fechei a porta. Eu tranquei. O que mais eu tinha que fazer?

O menino apertou a mão de Coraline. Ela se lembrou da vez que tentou reconfortá-lo, quando ele ainda era pouco mais que uma lembrança inerte na escuridão.

— Bem, vocês não podem me dar uma pista? — perguntou Coraline. — Vocês têm *algo* para me contar?

— A velhaca fez um juramento — começou a menina alta —, mas ela mentiu.

— A mi-minha babá — agora era o menino — costumava dizer que ninguém recebe mais do que consegue suportar.

Ele deu de ombros ao dizer isso, como se ainda não soubesse se era ou não era verdade.

— Nós lhe desejamos sorte, Coraline — declarou a menina alada. — Boa sorte, sabedoria e coragem. Embora você já tenha demonstrado possuir essas bênçãos, e em abundância.

— Ela odeia você — desabafou o menino. — Fazia tempo que não perdia um jogo. Tenha sabedoria. Seja corajosa e esperta.

— Mas não é justo — disse Coraline, raivosa, no sonho. — Não é justo. Já deveria ter acabado.

O menino da cara suja se levantou e deu um abraço apertado em Coraline.

— Que isso lhe sirva de consolo — sussurrou ele. — Você está viva. Viva.

No sonho, Coraline viu que o sol tinha se posto e as estrelas brilhavam no céu escuro.

Coraline ficou de pé no gramado e assistiu às três crianças (duas delas andando, a outra voando) indo embora pela grama prateada pela luz da lua.

Os três chegaram a uma pequena ponte de madeira sobre um córrego. Eles pararam, se viraram e acenaram. Coraline acenou de volta.

E o que veio depois foi a escuridão.

Coraline acordou nas primeiras horas da manhã, convencida de que tinha ouvido algo se mexendo, mas não sabia o quê.

Ela esperou.

Ouviu um sussurro do outro lado da porta do quarto. Pensou que talvez fosse um rato. A porta chacoalhou. Coraline saiu da cama.

— Vá embora — ordenou Coraline, decidida. — Vá embora ou vai se arrepender.

Um silêncio, e então a coisa fugiu pelo corredor. Havia algo de estranho e irregular em seus passos, se é que *eram* passos. Coraline se perguntou se poderia ser um rato com uma perna extra…

— Ainda não acabou, não é? — disse para si mesma.

Ela abriu a porta do quarto. A luz cinzenta da madrugada revelou o corredor totalmente deserto.

Foi para a porta da frente, dando uma ligeira olhadela no espelho pendurado na parede no final do corredor. Não viu nada além do próprio rosto pálido, sério e sonolento. Roncos brandos e tranquilizadores vinham do quarto de seus pais, mas a porta estava fechada. Todas as portas que davam para o corredor estavam fechadas. Fosse o que fosse a coisa fugidia, ela tinha que estar ali, em algum lugar.

Coraline abriu a porta da frente e olhou para o céu cinzento. Ponderou quanto tempo ainda demoraria até o sol nascer, perguntou-se se seu sonho tinha sido verdadeiro, embora sentisse, no fundo de seu coração, que sim. Algo que supunha ser parte da sombra do sofá no corredor se descolou do sofá e escapuliu em uma corrida irritada, sobre longas pernas brancas, em direção à porta da frente.

Coraline ficou boquiaberta, horrorizada, e saiu do caminho enquanto a coisa passava por ela e saía porta afora, correndo como um caranguejo com suas inúmeras patas, pisando, estalando e se apressando sobre o chão.

Ela sabia o que era aquilo, e sabia o que estava buscando ali. Ela já tinha visto aquilo muitas vezes nos últimos dias, escolhendo, pegando e jogando besouros pretos na boca da outra mãe obedientemente. Cinco dedos, unhas cor de carmim, pálida como um osso.

Era a mão direita da outra mãe.

Ela queria a chave preta.

CAPÍTULO
TREZE

NUM ESTALAR DE
UNHAS, DEU UM SALTO
TRIUNFANTE ATÉ
O CENTRO DA TOALHA.

Os pais de Coraline não pareciam se lembrar do tempo que passaram no globo de neve. Pelo menos, nunca falaram nada sobre isso. E Coraline nunca tocou no assunto com eles.

Às vezes se perguntava se eles já tinham percebido que perderam dois dias no mundo real, e chegou à conclusão de que não. Além do mais, há pessoas que têm total controle dos dias e das horas, e há pessoas que não têm. Os pais de Coraline seguramente faziam parte do segundo grupo.

Coraline tinha guardado as bolas de gude debaixo do travesseiro antes de se deitar naquela primeira noite de volta para casa. Ela retornou para a cama depois de ver a mão da outra mãe, embora não restasse ainda muito tempo de sono, e descansou a cabeça no travesseiro.

Algo estalou de leve enquanto ela fazia isso.

A menina se sentou na cama e levantou o travesseiro. Os pedaços de bolas de gude que encontrou pareciam cascas de ovos encontradas debaixo das árvores na primavera. Eram como ovos de tordo quebrados e vazios, ou até ovos mais delicados... de rouxinol, talvez.

O que quer que houvesse dentro das bolas de gude não estava mais lá. Coraline pensou nas três crianças lhe dando adeus sob a luz da lua, acenando antes de cruzar o córrego cor de prata.

Ela juntou os pedaços de casca de ovo com cuidado e os guardou numa caixinha azul onde costumava guardar um bracelete que ganhara da avó quando era menor. O bracelete estava perdido há muito tempo, mas a caixa ficou.

A srta. Spink e a srta. Forcible voltaram da visita que haviam feito à sobrinha da srta. Spink, e Coraline foi visitá-las para tomar um chá. Era segunda-feira. Na quarta, Coraline voltaria às aulas: o começo de um novo ano letivo.

A srta. Forcible insistiu para ler as folhas do chá de Coraline.

— Bem, parece que tudo está caminhando bem e nos eixos, meu bem — disse a srta. Forcible.

— O que isso quer dizer? — perguntou Coraline.

— Que tudo está indo de vento em popa — explicou a srta. Forcible. — Digo, quase tudo. Não tenho certeza de que isto *aqui* também esteja.

Ela apontou um tufo de folhas grudado numa das laterais da xícara. A srta. Spink fez um som de desaprovação e pegou a xícara:

— Francamente, Miriam. Passe isso pra cá. Deixe-me ver... Ah, querida. Não, não tenho a menor ideia do que isso quer dizer. Parece uma mão.

Coraline olhou. O tufo de folhas parecia mesmo uma pequena mão pegando alguma coisa.

Hamish, o cão escocês, estava escondido atrás da poltrona da srta. Forcible e não saiu de lá.

— Acho que o Hamish se meteu em alguma confusão — disse a srta. Spink. — Ele está com um corte profundo, coitadinho. Vamos levá-lo ao veterinário à tarde. Quero saber o que pode ter acontecido.

Coraline sabia que alguma coisa precisava ser feita.

Naquele finzinho de férias, o tempo estava ótimo, como se o verão estivesse tentando compensar o clima desolador de antes com alguns dias radiantes e gloriosos antes de chegar ao fim.

O velho doido do andar de cima chamou Coraline quando a viu sair do apartamento das outras vizinhas.

— Ei! Oi! É você! Caroline! — gritou, da escada.

— É Coraline — disse ela. — Como estão os ratos?

— Estão assustados — respondeu o velho, alisando o bigode. — Acho que há uma doninha na casa ou algo parecido. Eu ouvi de noite. Na minha terra, faríamos uma arapuca para ela com um pedaço de carne, e quando ela aparecesse para comer... *Plec!* Seria capturada e nunca mais nos incomodaria. Os ratos estão tão assustados que nem chegam perto dos instrumentos musicais.

— Não acho que ela queira carne — afirmou Coraline.

Ela levantou a mão e tocou na chave preta pendurada em seu pescoço. Depois entrou em casa. Tomou um banho com a chave pendurada no pescoço o tempo todo. Nunca mais a tirou.

Ouviu um arranhão na janela do quarto depois que se deitou. Coraline estava quase pegando no sono, mas se levantou e abriu as cortinas. Uma mão branca com unhas cor de carmim saltou da beirada da janela para dentro de um cano de esgoto e sumiu. Havia entalhos profundos do outro lado do vidro.

Coraline teve um sono inquieto naquela noite, acordando de tempos em tempos para fazer planos, tramar e ponderar, e então voltava a dormir, sem saber onde acabava a reflexão e começava o sonho. Seu ouvido estava sempre atento ao som de algo arranhando sua janela ou de algo à espreita na porta de seu quarto.

Na manhã seguinte, Coraline disse para a mãe:

— Hoje vou fazer um piquenique com as minhas bonecas. Posso pegar um lençol velho, um que você não use mais, para usar como toalha de mesa?

— Não sei se temos um lençol velho assim — falou a mãe. E abriu a gaveta de toalhas da cozinha para olhar. — Espera aí. Isto aqui serve?

Era uma toalha de mesa de papel estampada com flores vermelhas, a sobra de algum piquenique que haviam feito muitos anos antes.

— É perfeita — disse Coraline.

— Eu não sabia que você ainda brincava de boneca — falou a mãe.

— Não brinco — admitiu Coraline. — Vou usá-las como camuflagem.

— Bem, esteja aqui na hora do almoço — ordenou a mãe. — Divirta-se.

Coraline encheu uma caixa de papelão com bonecas e muitas xícaras de brinquedo. E pegou uma jarra de água.

Andou em direção à estrada, como se estivesse indo às compras. Antes de chegar ao supermercado, atravessou uma cerca que dava para um terreno baldio e depois engatinhou por debaixo de uma sebe. Teve que fazer duas viagens para não derramar a água da jarra.

Foi uma viagem longa e cheia de manobras, mas Coraline ficou satisfeita de não ter sido seguida.

Ela chegou à quadra de tênis abandonada. Atravessou a quadra até alcançar um campo de grama alta, deparando com as tábuas que divisavam o campo. Eram muito pesadas para uma menina conseguir levantá-las, mesmo usando toda a sua força, mas ela conseguiu. Não tinha escolha. Empurrou as tábuas, tirando-as do caminho, uma a uma, resmungando e pingando de suor, e deu de cara com um buraco profundo, redondo e feito de tijolos, no chão. Tinha cheiro de umidade e escuridão. Os tijolos eram lodosos e escorregadios.

Coraline abriu a toalha e a estendeu, com cuidado, por cima do poço. Arrumou as xícaras de plástico simetricamente ao longo da beirada e encheu cada uma com a água da jarra.

Colocou as bonecas na grama, cada uma com uma xícara, fazendo de tudo para que se parecesse ao máximo com um chá de bonecas. Então seguiu os próprios passos de volta, por baixo da sebe, pelo caminho dourado de poeira, e deu a volta por trás das lojas para chegar em casa.

Ela tirou a chave do pescoço, balançando o barbante no ar como se a chave fosse só mais um de seus brinquedos. Então bateu na porta do apartamento da srta. Spink e da srta. Forcible.

— Olá, querida — disse a srta. Forcible, ao abrir a porta.

— Eu não quero entrar — falou Coraline. — Só queria saber como o Hamish está.

A srta. Spink respirou fundo:

— O veterinário disse que o Hamish é um rapazinho muito valente — respondeu ela. — Felizmente, o corte não parece estar infeccionado. Não queremos nem pensar no que poderia ter acontecido. O veterinário disse que

pode ter sido outro animal, mas também não sabe de que tipo. O sr. Bobo acha que pode ter sido uma doninha.

— Sr. Bobo?

— O homem do último andar. Sr. Bobo. Acho que ele é de uma família tradicional do circo. Família romena, eslovena ou lituana, um desses países. Nossa, não consigo mais me lembrar de nada.

Nunca havia passado pela cabeça de Coraline que o velho do andar de cima tinha um nome. Se soubesse que se chamava sr. Bobo não teria perdido uma oportunidade sequer de chamá-lo dessa forma. Quantas vezes alguém pode dizer alto um nome como "sr. Bobo"?

— Ah — disse Coraline para a srta. Spink. — Sr. Bobo. Certo. Bem — prosseguiu ela, um pouco mais alto —, vou brincar com as minhas bonecas agora, nos fundos da quadra de tênis.

— Que agradável, querida — elogiou a srta. Spink. Depois confidenciou: — Fique de olho naquele poço. O sr. Lovat, que morava aqui antes de vocês, contou que ele deve ter quase mil metros de profundidade, ou mais.

Coraline torceu para que a mão não tivesse ficado sabendo daquilo e mudou de assunto.

— Essa chave aqui? — disse Coraline bem alto. — Ah, é só uma chave velha lá de casa. É parte da minha brincadeira. Por isso a carrego nesse pedaço de barbante. Tchauzinho.

— Que criança extraordinária — comentou a srta. Spink, falando sozinha.

Coraline cruzou o campo a passos lentos, indo em direção à quadra de tênis. Enquanto andava, balançava a chave preta pendurada no barbante.

Em vários momentos pensou ter visto algo cor de osso atrás da vegetação rasteira. A coisa acompanhava Coraline a mais ou menos dez metros de distância.

Ela tentou assobiar, mas nada aconteceu, então começou a cantar alto uma canção que seu pai tinha feito para ela quando ainda era um bebê e que sempre a fazia rir. Era assim:

Minha tiririca do brejo
Você é uma gracinha
Te dou mingau de aveia

E sorvete com farinha
Temperada

Vou te dar muitos beijinhos
E te abraçar de colherada
Mas não vou te dar pão
Com barata
Gratinada

Era isso que cantava enquanto perambulava pela mata, e sua voz não dava quase nenhum sinal de medo.

O chá de bonecas estava exatamente onde tinha deixado. Ela ficou aliviada por não ter tido ventania, pois tudo estava em seu devido lugar, cada xícara posicionada na toalha de mesa como ela havia planejado. Coraline deu um suspiro de alívio.

Agora começaria a parte difícil.

— Olá, bonecas! — disse com alegria. — Hora do chá! — Coraline se aproximou. — Eu trouxe a chave da sorte para garantir que vamos fazer um excelente piquenique.

Então, com todo o cuidado do mundo, ela se abaixou e colocou a chave sobre a toalha. Ela ainda estava segurando o barbante. Prendeu a respiração, esperando que as xícaras de chá sobre a toalha servissem de peso e evitassem que todo o piquenique caísse dentro do poço.

A chave estava no centro da toalha. Coraline soltou o barbante e deu um passo para trás. Agora era só esperar a mão aparecer.

Ela se virou para as bonecas.

— Quem quer um pedaço de bolo de cereja? — perguntou. — Jemima? Pinky? Rose?

Serviu um pedaço do bolo invisível em um prato invisível para cada boneca, tagarelando sem parar, muito animada. Pelo canto do olho viu algo que parecia um osso, meio branco, disparando de um tronco a outro, cada vez mais perto. Ela se esforçou muito para não olhar.

— Jemima! — disse Coraline. — Que menina travessa! Você deixou seu bolo cair! Agora tenho que ir até aí para te dar um pedaço novo!

E contornou o piquenique para ficar do lado oposto ao da mão. Fingiu limpar o local onde o bolo tinha caído e dar outro pedaço para Jemima.

Deslizando e correndo, a mão se aproximou. Corria velozmente usando as pontas dos dedos, arrastando-se pela grama alta e subindo num toco de árvore. Ficou ali durante um tempo, como um caranguejo, e, num estalar de unhas, deu um salto triunfante até o centro da toalha.

Coraline viu o tempo desacelerar. Os dedos brancos segurando a chave preta...

Então o peso e o impulso da mão fizeram as xícaras de plástico voarem pelos ares. E a toalha, a chave e a mão direita da outra mãe despencaram para dentro da escuridão do poço. Coraline começou a contar devagar, baixinho. Ela chegou no quarenta antes de ouvir um barulho seco vindo das profundezas.

Uma vez alguém disse a Coraline que, se olhar para o céu do fundo de um poço, mesmo no dia mais luminoso, você verá um céu noturno cheio de estrelas. Coraline se perguntou se a mão conseguiria ver as estrelas lá de baixo.

Ela arrastou as tábuas pesadas para cima do poço, tentando cobri-lo com o máximo de cuidado. Ela não queria que nada caísse lá embaixo. Ela não queria que nada saísse dali.

Então colocou as bonecas e as xícaras de volta na caixa de papelão. Algo chamou sua atenção enquanto fazia isso. Coraline se levantou e viu o gato preto se aproximando, o rabo empinado e curvado como um ponto de interrogação. Era a primeira vez que via o gato desde que haviam voltado da casa da outra mãe.

O gato caminhou até Coraline e pulou em cima das tábuas que cobriam o poço. Depois, deu uma piscadela lenta para ela.

Ele pulou na grama e começou a se contorcer e a rolar, esfregando as costas no chão, maravilhado.

Coraline coçou e alisou o pelo macio de sua barriga, e o gato ronronou de alegria. Quando ele se cansou, rolou mais um pouco na grama e caminhou em direção à quadra de tênis. Parecia um pedaço da noite caminhando sob o sol do meio-dia.

Coraline voltou para casa.

O sr. Bobo estava esperando por ela na estrada. Deu um tapinha em seu ombro.

— Os ratos me disseram que está tudo bem, que você é a nossa salvadora, Caroline.

— É Coraline, sr. Bobo — disse ela. — Não é Caroline. É Coraline.

— Coraline — falou ele, repetindo o nome com admiração e respeito. — Muito bem, Coraline. Os ratos pediram para contar que, assim que se sentirem prontos, vão fazer uma apresentação pública. Você será nossa convidada de honra e vai assistir ao espetáculo em primeira mão. Eles vão tocar o *tchubirubiru* e o *uumpapá uumpapá* , e vão dançar e fazer vários truques de mágica. Isso é o que eles *dizem.*

— Eu adoraria assistir — disse ela. — Quando eles estiverem prontos.

Ela bateu à porta do apartamento da srta. Spink e da srta. Forcible. A srta. Spink abriu a porta, e Coraline foi para a sala de estar. Ela colocou a caixa de bonecas no chão, depois enfiou a mão no bolso e pegou a pedra com um buraco no meio.

— Aqui está — falou ela. — Eu não preciso mais dela. Muito obrigada. Essa pedra salvou a minha vida e a morte de algumas pessoas.

Então deu um abraço apertado nas duas velhinhas, embora seus braços mal conseguissem enlaçar a srta. Spink e a srta. Forcible estivesse fedendo ao alho cru que tinha acabado de cortar. Coraline pegou a caixa de bonecas e saiu.

— Que criança extraordinária — disse a srta. Spink.

Ela não ganhava um abraço daqueles desde que tinha se aposentado do teatro.

Naquela noite, Coraline se deitou na cama de banho tomado e com os dentes escovados. Com os olhos bem abertos, fitou o teto.

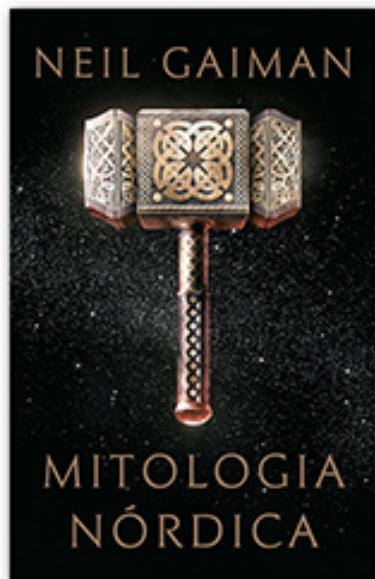
Agora que a mão tinha ido embora para sempre, fazia muito calor, então ela escancarou as janelas do quarto. E já havia pedido ao seu pai para não fechar as cortinas.

O uniforme novo da escola estava separadinho sobre a poltrona para que vestisse assim que acordasse.

Normalmente, na noite anterior ao primeiro dia de aula, Coraline ficava apreensiva e nervosa. Mas percebeu que não havia mais nada na escola que a

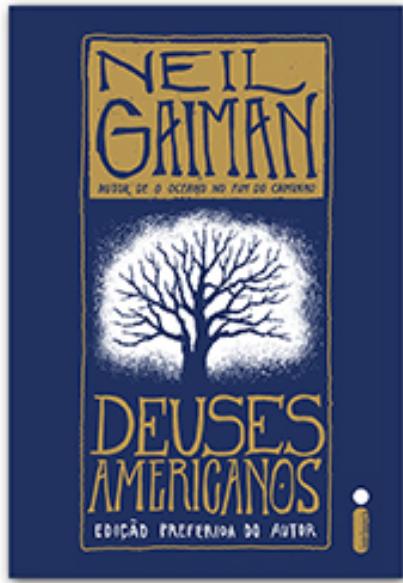
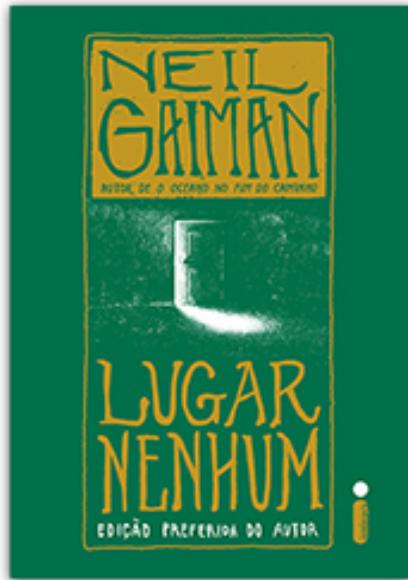
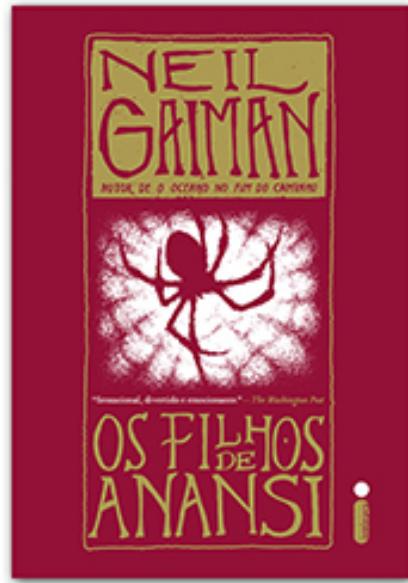
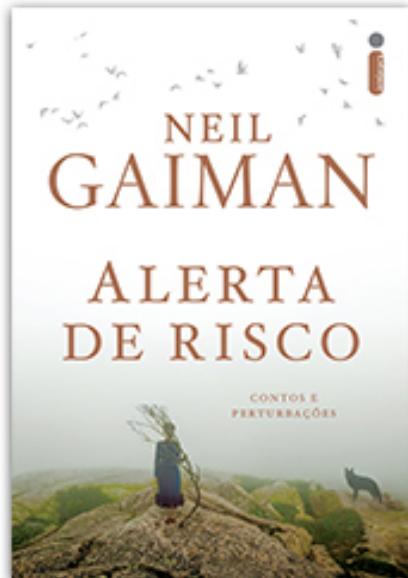
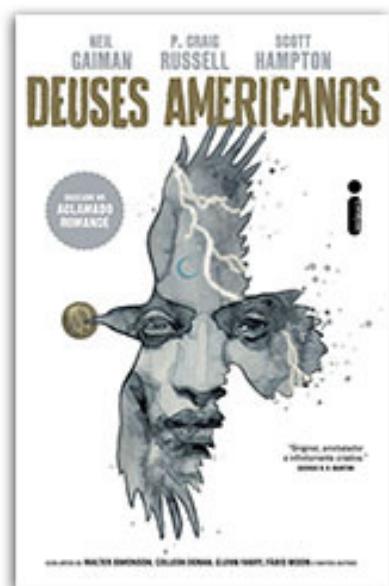
assustaria.

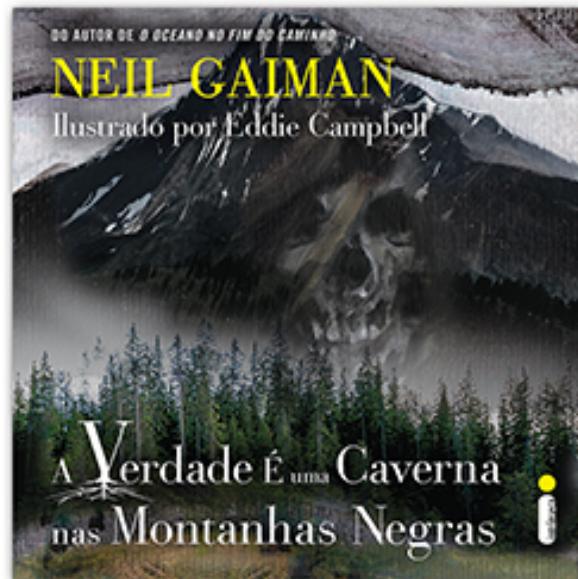
Desejou ouvir uma música agradável na atmosfera noturna, o tipo de música que só poderia ser tocada nos menores trombones, trompetes e fagotes de prata, em flautins e tubas tão delicados e pequenos que as notas teriam que ser tocadas apenas pelos dedinhos rosados dos ratos brancos.

Coraline imaginou estar de volta ao seu sonho, e lá estavam as duas meninas e o menino no gramado, sob a sombra do carvalho. Ela sorriu.

Quando as primeiras estrelas surgiram no céu, Coraline finalmente se permitiu cair no sono, enquanto a música suave do circo de ratos do andar de cima preenchia a noite quente, dizendo ao mundo que o verão já estava quase no fim.

Sobre o autor e o ilustrador

NEIL GAIMAN, assim como Coraline Jones, é movido à curiosidade. Sem medo de desbravar novos mundos e com um talento único para construir tramas e universos extraordinários, ele navega por inúmeros gêneros e formatos. Descobriu seu amor pelos livros na infância e devorava as histórias de C.S. Lewis, J.R.R. Tolkien, James Branch Cabell e Edgar Allan Poe, entre outros autores, e hoje é considerado um dos maiores escritores vivos. Tem mais de vinte livros publicados e já foi agraciado com diversos prêmios, incluindo o Hugo, o Bram Stoker e a Newbery Medal. Começou a carreira como jornalista, mas logo ingressou no mundo dos quadrinhos, com a aclamada série *Sandman* , e, depois, conquistou a ficção adulta e a literatura infantojuvenil, publicando obras memoráveis como *Deuses americanos* . Alguns de seus livros foram adaptados para o cinema e para a tevê. Nasceu em Hampshire, Inglaterra, e hoje mora nos Estados Unidos. Pela Intrínseca, publicou também *Mitologia nórdica* , *Deuses americanos* , *Alerta de risco* , *O oceano no fim do caminho* , *Faça boa arte* , *A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras* , *Lugar Nenhum* , *Os filhos de Anansi* e *João & Maria* .

CHRIS RIDDELL é um ilustrador e cartunista aclamado. Seu traço único lhe rendeu inúmeros prêmios, como o Nestlé Gold Award e por duas vezes a Kate Greenway Medal. Gaiman e Riddell são parceiros de longa data, tendo trabalhado juntos em muitas outras obras, como *O Livro do Cemitério* e *A Bela e a Adormecida* . Ao folhear as páginas de *Coraline* , é impressionante notar como o artista consegue captar com perfeição a mistura entre beleza e horror tão característica da obra de Gaiman. Riddell mora com a família em Brighton, na Inglaterra.

Conheça outros títulos do autor

Mitologia nórdica

O oceano no fim do caminho

Deuses americanos

Lugar Nenhum

[*Os filhos de Anansi*]

[*Alerta de risco*]

Deuses americanos (Graphic Novel)

João e Maria

A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras

Faça boa arte

Leia também

O Labirinto do Fauno
Guillermo del Toro e Cornelia Funke

O caso da Mansão Deboën
Edgar Cantero